





EX LIBRIS
Benedetto L. Peretto



EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O FORASTEIRO

AU MONDE ELEGANT
A. GENOUD
LIVRARIA-MUSICAS
CAMPINAS

OBRAS QUE SÊ ACHÃO A VENDA NA MESMA CASA :

J. M. de Macedo

OS QUATRO PONTOS CARDEAES. — A MYSTERIOSA, romances. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
UM NOIVO Á DUAS NOIVAS, romance. 3 v. in-8º, br. 6\$, enc.	8\$000
A NAMORADEIRA, romance. 3 v. br. 6\$000, enc.....	8\$000
NINA, romance, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico 2 v. br. enc.....	4\$000
A LUNETA MAGICA, romance. 2 v. in-8 br. 4\$000, enc.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br.	5\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.	5\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc..	5\$000
MOÇO LOURO. 2 v. enc.....	3\$000
OS DOUS AMORES. 2. v. enc.	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 v. enc.....	5\$000
ROSA. 2. v. enc.....	5\$000
VICENTINA. 3ª edição. 3 v. br.....	5\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8 br.	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8 br.	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8 br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8 br.	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8 br....	1\$000

Bernardo Guimarães

O SEMINARISTA. — O PÃO DE OURO, romances. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
HISTORIAS E TRADIÇÕES DA PROVINCIA DE MINAS-GERAES: A Cabeça do Tira-Mentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. em 8º, enc. 3\$000, br.....	2\$000
O GARIMPEIRO, romance. 1 v. in-8 br. 2\$000, enc.	3\$000
O ERMITÃO DO MUQUEM, ou historia da fundação da roma- ria do Muquem, na provincia de Goyaz ; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombólas, a Gar- ganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br.	2\$000
enc.....	3\$000
POESIAS. Cantos da solidão. 1 v. enc.....	6\$000

O
FORASTEIRO

ROMANCE BRASILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO III

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO

69, Rua do Ouvidor, 69

O FORASTEIRO

I

O ANTRO DO FEITICEIRO

Ide onde ides, tornou-lhes com voz
desabrida o vulto, e não vos mettaes,
com quem comvosco se não mette.

WALTER SCOTT. — *Misantropo.*

O Forasteiro tinha deixado a capella antes que Raphael vencesse a surpresa que a sua inesperada apparição lhe causára, levando consigo e quasi á força o Engeitado do Aldêa; engolphára-se no seio da tempestade e prompto desaparecera á todos os olhos.

Mas as palavras que aquelle homem mysterioso acabava de dirigir ao padre Christiano parecião um formal desafio lançado a Raphael, e este, que o sentio, apenas logo depois tornou a si do estado de estupefacção em que por um

momentos ficára, correu a chamar os seus feitores e escravos, e lançou-se em seguida das duas importunas testemunhas da scena que na capella tivera lugar.

Ao amanhecer, Raphael tornou a entrar em casa; todas as suas pesquisas tinham sido baldadas; havia corrido o campo da fazenda, o bosque visinho, e as estradas, e não encontrára um só vestigio dos dous inimigos.

Chegando á casa, achou ainda aberta e illuminada a capella; os seus amigos, Claudio Goes e Jorge se haviam retirado; mas o padre Christiano orava de joelhos aos pés do altar, e Branca, tambem de joelhos, conservava-se no lugar em que seu tio a deixára.

— Ainda aqui, senhor!... exclamou Raphael, dirigindo-se ao nobre sacerdote.

O padre ergueu-se e descendo socegradamente do altar, respondeu:

— Ainda aqui, sim; porque de vós recebi a chave desta capella, e era a vós que eu a devia entregar: eil-a, senhor.

— Agora, sahi! tornou-lhe Raphael; ide procurar outros altares em que adoreis a Deos.

O padre interrompeu Raphael e disse:

— Deos se adora em toda a parte, senhor; e o

seu melhor altar se levanta no proprio coração do homem. Acreditai-me, não me heide esquecer de vós em minhas orações, e rogarei a Deos que vos mostre o bom caminho, e que vos perdoe, porque realmente precisaes muito do seu perdão.

— Sahi! .. bradou Raphael.

O padre Christiano, sem se mostrar resentido de tão violenta despedida, cortejou a Raphael, e aproximando-se de Branca, poz-lhe sobre a cabeça as suas mãos bellas e sagradas, e disse:

— Flôr açoutada pela tempestade! pomba ameaçada pelo açôr, anima-te! enche tua alma de esperança; porque Deos é o protector dos justos e dos opprimidos e hade por ti refrear os ventos e a borrasca, e confundir o açôr que te ameaça; tem esperança, e ora!... adeos.

Branca tomou uma d'aquellas mãos que se levantavam de sua cabeça, e depoz e derramou sobre ella beijos e lagrimas de piedade e gratidão.

O padre Christiano venceu toda a nave da capella; chegando á porta, voltou-se, e estendendo um braço para Raphael, exclamou como em despedida:

— Meu irmão!... arrependei-vos!

Depois sahio, e deixou para sempre a fazenda de Raphael.

Vendo-se á sós com seu tutor, Branca não esperou ser interrogada ; levantou-se promptamente, enxugou as lagrimas, que ainda lhe innundavam as faces, e perguntou :

— Que quereis mais de mim, senhor?... vêdes que espero ha muito tempo.

Raphael abafou sua colera. Tinha-se convencido de que lutava contra um desses corações de martyr, que se não dobram aos tormentos ; sem responder por tanto uma unica palavra, encerrou de novo sua pupilla na sala, que desde duas noites lhe servia de prisão, e voltando elle proprio á fechar a capella, retirou-se para seu quarto, levando comsigo a chave.

Como é de prever, Raphael não pode dormir.

Não era mais o padre Christiano com sua obstinada reluctancia a celebrar o casamento de Jorge e Branca, que o preocupava, não ; a tal respeito era a si mesmo que se arguia ; tinha calculado imprudentemente com a condescendencia d'aquelle digno sacerdote ; confundira sua humildade, paciencia e doçura com fraquesa e adulação ; Raphael reconhecia que o erro era seu, e quasi que não pensava no padre Christiano.

O que pesava em seu espirito irritado era a

imagem do vulto negro e agigantado do Forasteiro; era o som d'aquella voz ronca, mas fórte e sinistra, que tinha trovejado á seus ouvidos; era a audacia d'aquelle que lhe viera atirar ao rosto um cartel de desafio em sua propria casa; era o insulto que julgava ter recebido, n'aquellas breves palavras, que rebentaram como um raio no meio da tempestade.

Portanto Raphael devia contar com um iniurioso de mais nesse homem mysterioso

Mas quem era elle?... Porque vinha envolver-se em questões de sua familia?... que lhe importava o casamento de Branca?... e com que direito chamava elle o padre Christiano para capellão da fazenda da velha Constança?

Sabia-se que Leonel tinha salvado o Forasteiro, quando este, dirigindo-se pela estrada do *Aldéa*, fôra atacado por alguns salteadores; mas este unico facto poderia explicar o comportamento ulterior do velho mysterioso?... como, porém, se ha de acceitar essa pretendida dedicação no Forasteiro por Leonel, se o Forasteiro nunca foi visto antes da ultima noite em companhia do *Engeitado do Aldéa*?... como ainda mais se explicará a voz de senhor, com que o Forasteiro convidou o padre Christiano para

capellão da fazenda de Constança, se nunca foi aquelle homem uma unica vez encontrado na casa da velha dona ?

Todas estas reflexões, tolas estas duvidas annuviavam o espirito de Raphael ; uma certesa porém havia : era a da inimisade que o Forasteiro votava ao tio e tutor de Branca.

O Forasteiro começava a apparecer como um muro de bronse levantado diante dos projectos de Raphael.

Era um inimigo duas vezes perigoso : porque trabalhava na sombra, e tinha a audacia dos homens que menospresam a vida.

Raphael dicitio que era preciso antes de tudo lançar por terra o muro de bronse, e que para isso bastava romper-se o véo do mysterio, que envolvia o Forasteiro.

A difficuldade, porém, estava em se descobrir a mão bastante vigorosa para romper esse véo.

Uma circumstancia podia ser de muito auxilio para Raphael.

O Forasteiro, homem desconhecido e que a todos conhecia, apparição subita e inexplicavel no meio de um povo rude e cheio de prejuisos, mão que espalhava ouro, cuja origem ninguem

podia descobrir; sombra que vagava de noite, e que fugia á luz do sol como as aves das trevas; o Forasteiro, como dizemos, era já por muitos tido na conta de *feiticeiro*.

A epocha era propicia á essas crenças absurdas. No meiado do seculo decimo oitavo não se mostravam raros os possessos, os feiticeiros e as almas do outro mundo.

Os padres, que eram os unicos sabios e os oraculos da terra, admittiam que apparecessem de noite cavallos sem cabeça, e que houvesse quem voasse pelos ares montado em um cabo de vassoura. Não era esta a opinião individual de um ou outro; o facto estava *officialmente* averiguado pela inquisição, que queimava em suas fogueiras os perpetradores desses crimes nefandos.

A ignorancia do povo é uma mina inesgotavel, que a ambição, a velhacaria e a maldade tem explorado em todos os tempos, e hade ainda explorar sempre com proveito.

As circumstancias, pois, favoreciam a Raphael; porque o povo acreditava em feiticeiros, e os aborrecia tanto, quanto os temia, e o Forasteiro tinha fama de ser dado á malifícios, de

ter pacto com satanaz, ou, em uma palavra, gosava honras de feiticeiro.

Quem levantasse a voz contra o Forasteiro, acharia por tanto muitos échos que lhe respondessem; quem propusesse a conveniencia de se purgar a terra d'aquelle perigoso e funesto habitante teria em seu apoio muitos votos que a ignorancia faria partir até da propria consciencia de alguns.

Raphael tinha descoberto um meio facil e seguro de se vingar e de se desfazer do terrivel inimigo, que de subito surgia diante delle: entretanto tres dias correram depois da noite de tempestade, sem que a menor tentativa apparecesse contra o *Forasteiro*.

Durante esses tres dias nada occorreu de extraordinario na casa de Raphael.

Branca estava sempre cautelosamente guardada na sala contigua á capella, que lhe servia de prisão.

Alda continuava silenciosa e triste a viver a vida de padecimentos inexplicaveis que já lhe conhecemos; conforme costumava, ia todas as noites orar á capella, e nem uma só vez havia dirigido a seu esposo a mais simples pergunta a respeito de Branca.

Deixemos pois a casa de Raphael, onde por ora nada se passa que deva ser mencionado, e vamos apanhar em outra parte o fio dos acontecimentos que devem continuar a nossa historia.

Leonel achava-se dominado pela incontestavel superioridade do Forasteiro.

O intrepido e singular velho sabia tudo, tudo adivinhava, e com vontade de ferro tudo podia e religiosamente cumpria todas as suas promessas.

Na terrivel noite da tempestade só se apartou de Leonel á porta da casa da velha Constança.

Apeando-se por um momento do cavallo, que afadigado bufava, descansou sua mão pesada sobre o hombro do *Engeitado do Allêa*, e disse-lhe com voz menos aspera do que aquella que lhe era natural:

— Mancebo, tomei sobre mim o teu destiuo, liguei-me á tua sorte, farei por ti o que não pensava faser por homem algum. Posso mil veses mais do que tu, e o unico obstaculo que receio de ora avante, és tu mesmo.

— Como?... perguntou Leonel.

— És o que eu fui, disse o Forasteiro com assento de acerba melancolia; és imprudente e louco.

Mau grado seu, Leonel abaixou a cabeça.

— Mancebo! continuou o velho, quero pedir-te um favor: servir-me-has?...

— O que quereis?... dissei; fiseste muito por mim esta noite, a minha vida vos pertence.

— Pois dá-me tres dias por esta noite.

— E o que quereis que eu faça nestes tres dias?...

— Nada.

— Nada?... pois pedis-me nada?.

— Sim; e neste caso *nada* é muito.

— Explicai-vos.

— Exijo que, durante tres dias e tres noites, não vos afasteis desta casa.

— E Branca? exclamou Leonel.

— Velarei por ella.

— Senhor! senhor! pedis-me um sacrificio immenso...

— Seja. Eu quero esse sacrificio, e juro que nada perdereis com elle.

Leonel hesitava.

— Mancebo, o Forasteiro responde por Branca durante tres dias; se ella tiver necessidade do teu braço, correrei a chamar-te

— Meu velho, reconheço que vos devo muito; farei o que me ordenais.

— Juras, Leonel?

O *Engeitado do Aldêa* ergueu a fronte orgulhosa, e respondeu :

— Nunca precisei jurar.

O Forasteiro apertou com força a mão de Leonel, e montando de novo a cavallo, retirou-se á galope.

Tres dias correram pois, longos e pesados para Leonel. Em completa ignorancia do que estava passando ou soffrendo a sua bêm amada, o impetuoso joven quasi que se arrependeu da promessa que tinha feito ao Forasteiro; mas, escravo de sua palavra, e tambem um pouco satisfeito da confiança que merecêra do velho, nem uma só vez pensou em aproximar-se da casa de Raphael.

A noite do terceiro dia chegou emfim; era a ultima do seu captiveiro de honra. Leonel passou-a em claro forjando mil projectos extravagantes para a noite seguinte, e foi com verdadeira satisfação que vio aproximar-se a aurora desse dia.

Mas longe ainda estava o dia, quando sentio que a porta da casa se abria, e lhe pareceu ouvir o ruido de passos cuidadosos de alguém que entrava na sala; ergueu-se de manso, e foi pé ante pé observar o que era.

Uma fraca luz mal alumiaava a sala, um homem parecia esperar alguém, e logo curvou-se cumprimentando a velha Constança que entrou na sala.

— O que ha?... perguntou ella.

O homem respondeo, mas em voz tão baixa que Leonel nada poudo ouvir; a velha Constança pareceo sobressaltada, e aquelle que lhe fallára retirou-se immediatamente.

Leonel julgou reconhecer n'aquelle homem o sobrinho do velho Anselmo, que se achava então ao serviço de Raphael.

Apenas elle havia retirado-se, Constança sahio apressada de casa, e mandou acordar os feitores e agregados da fazenda. Leonel seguiu-a na sombra, comprehendeu a importancia e pôz-se ao facto do que se tractava, e sorriu-se ouvindo sua mãe adoptiva recommendar o maior silencio, para que o seu afilhado não despertasse, e se exposésse á algum perigo.

Meia hora depois vinha amanhecendo, e Constança, que determinava apressadamente a partida de alguns cavalleiros, soltcu um grito de surpresa, vendo apparecer á seu lado um mancebo que bradava:

— O meo cavallo... immediatamente!

Era Leonel, que d'ahi a pouco, e antes de todos, corria á desfilada. Um só cavalleiro o tinha precedido; mas esse seguira caminho diverso do que tomara Leonel, pois que se dirigira a toda brida para a *Freguesia*.

Que empreza, que deligencia era essa é que iam aquelles cavalleiros sahidos da fazenda de Constança?... O homem, que nada ignora, deve saber-o, procuremos pois o Forasteiro.

Temol-o encontrado de noite, velando onde sua presença pode ser util á Leonel, ou necessaria á planos que forja, e que ainda não comprehendemos bem quaes sejam; vimol-o de dia uma vez apenas no *Outeiro das pedras*, e outra esperando o cavalleiro negro em uma das portas do circulo das cavalhadas; vamos agora emfim visital-o em sua propria morada.

O lugar onde habita o Forasteiro não demora longe da fazenda da velha Constança, quando muito meia legoa de distancia separa o asylo mysterioso da casa da mãe adoptiva de Leonel; mas se bastam alguns minutos para que um cavallo a bom correr vença a metade do caminho, a outra metade devenlo ser feita pelo interior de um bosque, e á sombra das arvores, exige vagar, paciencia e dextresa, porque o ca-

minhante não acha trilho que o guie, e os sipós e as sarças, os paues e os brejos, embaraçam a marcha.

O Forasteiro asylara-se no coração da floresta ; aproveitára um grupo de pequenos rochedos que, surgindo da terra, cercavam como muralhas indestructiveis o curto espaço de algumas braças de um chão coberto de tapete de mesquinha relva ; arvores gigantes abrigavam sob sua sombra, e escondiam com seos ramos os rochedos do bosque. O velho desconhecido cobriu com um grosso tecto de palha aquellas paredes de granito, defendeu a entrada dessa triste e solitaria guarida com alguns pesados troncos de arvores corpulentas, e tendo por cama a terra e por travesseiro uma pedra, deu-se por contente, porque nada ficava devendo aos homens.

Naquelle retiro ninguem o incommodára até então ; o bosque pertencia á fazenda de Constança ; os *derribadores* e lenhadores não oustavam aproximar-se da sua sinistra morada, e se algum caçador por acaso junto della passava, fugia logo apressado, vendo á entrada do estranho albergue a figura gigantesca e terrivel do Forasteiro.

Pouco depois de ter Leonel, e em seguida

outros cavalleiros, partido da fazenda de Constança, o dia começou a romper.

A luz principiava já a penetrar no seio do bosque e bandos de passarinhos entoavam o hymno da aurora.

Junto á porta ou entrada de seu albergue o Forasteiro descansava deitado no chão, e tendo a cabeça apoiada sobre a raiz de uma arvore. O longo ponche negro envolvia-lhe todo o corpo; seus cabellos brancos e suas longas barbas estavam molhados de orvalho. O chapéo desabado e o terrivel terçado achavam-se perto d'elle.

Mas o Forasteiro não dormia; de momento a momento levantava um pouco a cabeça, e com ouvido attento parecia inquerir se algum ruido estranho perturbava a sua solidão.

De repente um sorriso nervoso e ameaçador passou por seus labios, e alguns minutos depois começaram a surgir d'entre as arvores as figuras de alguns homens que cautelosamente se avisinhavam.

— Podeis chegar em boa paz! disse o Forasteiro com mal contida asperesa.

E ficcu deitado como estava, e nem ao menos ergueu a cabeça.

Dentro em pouco vinte homens armados

pararam diante do Forasteiro; á frente delles via-se Adão, que era aggregado e feitor de Raphael, e André.

— Que me quereis?... perguntou o velho sem se mover.

Apesar de serem vinte contra um, aquelles homens hesitavam e quasi que tremiam.

Adão fez um esforço, e, avançando um passo, disse :

— Que vos queremos?... lá vai em poucas palavras: somos vinte bons christãos que não podemos soffrer por mais tempo a presença de um feiticeiro e endemoninhado na terra que Deos nos deu.

— E depois?... tornou o Forasteiro.

— E depois?... ora essa é bôa! está entendido que havemos de levar-vos preso e bem preso ao Rev. Vigario, que vos hade tirar o diabo do corpo, á menos que....

— A menos que?... perguntou o velho, vendo que o chefe d'aquella deligencia hesitava.

Adão animou-se com o secego do Forasteiro; lembrou-se de que eram vinte homens vigorosos e armados contra um só, e esse já vergado sob o peso dos annos, e portanto exclamou :

— Sim! á menos que não julgueis preferivel

que nós mesmos vos tiremos do corpo o espirito maligno, que de vós se apoderou.

— Que mal vos fiz?... dizei!

— Nada de conversa, meu velho Satanaz! a pé, e toca a marchar!...

Os vinte homens aproximavam-se cada vez mais, e estavam já promptos a lançar-se sobre o Forasteiro, que advinhando-lhes a tenção, ergueu-se um pouco sobre o cotovello, e ainda perguntou:

— Quem vos inspirou o deshumano projecto que pretendeis executar?...

— Quem?... o cuidado da salvação de nossas almas, a religião, a...

— Mentis!... bradou o Forasteiro pondo-se em pé de subito, e mostrando desembainhado em sua mão direita o terrivel terçado.

Adão e seos companheiros recuaram um passo.

— Mentis! repetio o velho; mentis, como escravos e cobardes que sois! mandou-vos aqui Raphael, o meu inimigo e vosso senhor! sois instrumentos vis de uma vingança, e mais nada!... pois bem: eis-me aqui! vinde! vinde prender-me!...

Os olhos do Forasteiro brilhavam como labaredas, a sua voz era um bramido de fera.

— Não vos moveis?... continuou elle; porque não marchou á vossa frente aquelle que vos mandou cá?... Oh! que foi boa a escolha dos seus soldados!... gente guapa sem duvida!...

E uma risada sarcastica completou a ironia.

— Sim! proseguio o Forasteiro: todos vós sois dignos de Raphael. Quereis que vos diga vossos nomes e vossos feitos?... ouvi lá. Adão! tinhas um irmão trabalhador e honesto, e morrendo teu pai, roubaste-lhe a herança que lhe cabia, e em resposta ás suas justas queixas, mesmo aos olhos de tua mãe, ousaste esbofetear-o. Oh! muda de nome!... tu não és Adão, és Caim!...

Adão atirou-se furioso contra o Forasteiro; mas este com rapido movimento arrancando-lhe das mãos um chuço, com que o pretendia ferir, quebrou-lhe o cabo em dous pedaços, e atirou-os sobre aquelle que o atacava.

Os companheiros de Adão, que se dispunham a ajudal-o no ataque, recuaram diante d'aquelle braço de ferro.

— E vós todos, continuou o intrepido velho, vós todos sois pouco mais ou menos como

elle!... Tu, Cosme, és um vadio, que consumes os dias nas tabernas, e as noites na devassidão; tu, Eloy, és um jogador trampolineiro; tu, Damião, um desordeiro incorrigivel; tu, Hypolito, o ladrão das roças de teus visinhos; tu...

— Morra! morra!... bradou enfurecida toda a quadrilha.

O Forasteiro collocou-se por detraz de uma arvore, e com o terçado em punho, os olhos faiscantes, e os dentes cerrados, esperou os vinte inimigos que se arrojavam sobre elle.

Apesar de todo o seo valor, o exito do combate não podia ser duvidoso; o velho já se achava cercado por todos os lados e batia-se como um leão, quando um soccorro inesperado veio mudar a face da lucta.

— Á mim, amigos! gritou Leonel, correndo para junto do Forasteiro.

Oito valentes lavradores appareceram quasi ao mesmo tempo ao lado de Leonel.

A quadrilha commandada por Adão reuniu-se toda em seo primeiro posto, como para medir a força que chegava em auxilio do velho; mas já a raiva acendia o animo dos injustos aggressores, e Leonel e os seus não poderiam impedir que novo ataque começasse.

— Então?... perguntou Leonel, ficamos parados em vez de ensinar a estes tratantes?... á elies, meos amigos!

E prompto a executar o que dizia, o mancebo atirava-se já impectuoso, mas o Forasteiro o conteve pelo braço, dizendo :

— Deixa-os ir, Leonel, são apenas uns miseraveis, e o verdadeiro ou o maior criminoso é aquelle que os mandou cá; esse fica por minha conta. Quanto a ti, nobre mancebo, não te debes manchar em sangue tão vil e indigno.

Estendendo o braço para seus inimigos, bra-dou-lhes :

— Ide-vos!

Em vez porém, de se retirarem, os emissarios de Raphael, que contavam com boa paga, e que então só davam ouvidos á sua colera, investiram contra o Forasteiro e seus defensores.

Os primeiros golpes tinham já retinido no bosque, mas uma nova personagem devia pôr termo áquella desabrida lucta.

— Suspendei-vos, meus filhos! clamou uma voz tremula, mas cheia de tanto prestigio que todos os braços se abaixaram.

E vio-se apparecer a figura nobre e respeitavel de um velho padre.

Era o Vigario da Parochia, que chegava como um enviado do céo: genio da concordia, homem do perdão e da paz, correrá a salvar ovelhas do rebanho de que era desvelado pastor.

— Que desordem é esta?... perguntou elle: quem deu a vós outros o direito de vos fazer justiça por vossas mãos?...

— Senhor reverendo vigario, balbuciu Adão, nós viemos prender este velho feiticeiro e escravo do demonio; e teriamos já marchado com elle á presença de vossa reverendissima, se não fossem aquelles senhores, que nos atacaram...

— Senhor, disse Leonel, corri com alguns amigos a arrancar uma victima das mãos de assassinos assoldados por...

— Mancebo! tornou o padre, interrompendo-o, medita antes de fallar; porque a injuria mancha os labios que a proferem, e a calumnia é um peccado abominavel aos olhos de Deos. E vós outros, arredai-vos! se havia aqui um criminoso, não nos deu El-Rei nosso senhor officiaes da sua justiça, a quem podesseis recorrer para perseguir o crime?... E se havia aqui um feiticeiro, ou um possesso, não era a mim que devíeis ter trasido á vossa frente para interrogal-o,

e exorcismal-o?... arredai-vos, que quero passar... Onde está o feiticeiro?...

— Não ha feiticeiro aqui, padre; ha sómente um homem desgraçado, disse o Forasteiro, mostrando-se.

— Sois vós, então?...

— Sim, sou eu.

— Como vos chamais?... donde viestes?...

— Padre, entrai commigo neste rude albergue; é miseravel, eu o sei, mas o cura não recua diante da miseria; entrai.

O Forasteiro arredou então com mão forçosa os pesados troncos que fechavam a entrada de sua morada solitaria, e deixando o vigario passar adiante, seguiu-o logo, e ambos desapareceram na sombra.

Longa foi a pratica entre os dous havida, pois que uma hora passou, em que Leonel e os seus mediam com ardentes olhares o grupo adversario, que no seu posto ficára, e em que o silencio era apenas quebrado pelo ruido de uma voz que fallava em segredo, e que se assemelhava ao zumbido de insectos.

Finalmente o venerando padre sahiu trasendo pela mão o velho mysterioso; os olhos do nobre sàcerdote estavam cheios de lagrimas, seu cora-

ção arfava; por alguns momentos não poudé dizer palavra, mas fazendo um esforço para triumphar da commoção de que se achava possuido, exclamou :

— Retirai-vos todos! nenhum de vós é melhor christão do que o *Forasteiro*.

II

A ONÇA

Que pretendes tu de mim?... um anjo pairava sobre meo coração e tu o espantaste.

MATURIN.

Affastemo-nos agora por algum tempo das fazendas de Raphael e da velha Constança, deixemos o Forasteiro na sua rude e solitaria morada e vamos a um modesto sitio encontrar aquellas, que já tem sido por demais esquecidas.

Não é sómente Branca que ama, e Alda que soffre: tambem Iveta é victima de um amor infeliz, e tambem Cyriaca tem o coração torturado de pesares.

Desde a terrivel noite em que fôra lançada fóra da casa de Raphael e do lado de sua irmã adoptiva, Iveta definhava aos olhos de sua mãe.

Alem das saudades que tinha de Branca e dos cuidados que a sorte desta lhe causava, dous

grandes tormentos iam pouco a pouco devorando-lhe a vida.

Uma era a consciencia do meospreso a que estava condemnada.

Outro era o conhecimento que já tinha do character fraco do homem, que amava.

O orgulho da raça conquistadora desprezava o sangue tamoyo que lhe girava nas veias: embóra seu pae tivesse sido um portuguez, sua mãe era cabocla e ella portanto não passava de uma *mameluca*.

E nem ao menos seu pae tinha-lhe deixado um nome já enobrecido por feitos de seus maiores na Europa, e nem ao menos sua mãe era filha de algum cacique eternizado pela traição e pelo abandono da causa de seus irmãos!... nada disso, nada absolutamente: era simplesmente filha de um peão portuguez e de uma cabocla obscura: era pois *mameluca*, e nada mais.

E como sendo *mameluca*, e nada mais podia Iveta esperar sêr esposa do filho de um portuguez rico, e portanto poderoso?...

E esse homem que ella amava, e que dizia e parecia tambem amal-a, ainda quando arrojado pela paixão conviesse em ser seu marido, criado como era no meio dos preconceitos da sociedade

em que vivia ; acaso teria bastante coragem para mostrar-se á seus amigos ricos e faustosos, e cheios de orgulho como elle, trazendo pelo braço uma *mameluca*?...

Oh ! e se esse homem corasse!!!

Se Iveta não tivesse amado a Jorge, saberia resistir á sociedade que a repellia ; sua vontade forte, seu character elevado e quasi altivo, a tornavam propria para a lucta ; não curvaria nunca sua cabeça, e vingar-se-hia da sociedade, sepultando-se na solidão ; porém ella amava, seu coração de moça, sua alma ardente, tinha sonhado com todas as delicias de um amor puro e angelico, tinha traçado no painel da esperança um futuro brilhante de ardor e de felicidade... Ella amava, amava... e portanto era infeliz.

E quando em suas longas e afflictivas meditações imaginava que ainda era possivel a maior ventura para ella, se Jorge, o seu querido Jorge, sacrificando os preconceitos e a propria sociedade pelo seu amor, desposando-a, fosse com ella viver em um solitario retiro, longe dos homens que murmuram, das mulheres que riem, e do mundo que esmaga ; então, oh ! então lembrava-se que Jorge era um homem incapaz de uma acção para a qual se precisava essencial-

mente de uma vontade forte e decisiva; Jorge não era a bravura que arrostra; era apenas a inercia que resiste.

E portanto Iveta gemia sob o peso de dous tormentos despedaçadores.

Mas a sua dôr era silenciosa, como é silenciosa a dôr de todas as almas valorosas.

Triste e meditabunda passava os dias trabalhando ao lado de sua mãe, ou retirada no seu quarto; e apenas quando o sol abrandava o ardor de seus raios, sahia de casa, e ia sosinha passar uma hora scismando sentada á sombra do *ingazeiro do Tingidor*.

A velha Cyriaca não soffria menos que Iveta.

Via-se separada de sua filha adoptiva, e com seu olhar de mãe apreciava a extensão da dôr que lhe estava matando a filha propria.

E era mãe, e era ainda mais cabocla: mãe para não poder conter os impetos da natureza que bradava, cabocla para deixar proromper esses impetos com toda a sua arrojada violencia.

A filha do deserto nunca podéra sacrificar de todo á sociedade que a recebera, a expontaneidade, o ardor e a franquesa selvagem do seu viver das florestas: era sempre ardente, impetuoso, e talvez mesmo terrivel na erupção das paixões.

É portanto Cyriaca soffria por suas filhas como mãe e como cabocla.

A mãe bradava.

A cabocla rugia.

Muitas vezes apanhando de subito Iveta engolpçada em triste meditação, perguntava-lhe a causa de suas afflicções, e não podendo triumphar do silencio obstinado da filha, exclamava :

— Pois bem, não falles ; eu não preciso que falles, sei porque soffres ; sei que vaes morrendo aos poucos, como um arbusto que definha ; mas eu te sobreviverei... sim, hei-de sobreviver-te, e aquelles que te matam, pagar-me-hão.

Outras vezes corria desesperada a encontrar-se com os vizinhos e amigos de Raphael, e lhes pedia chorando noticias de sua filha adoptiva ; mas logo as lagrimas seccavam, e furiosa bradava :

— Dizei ao vosso amigo que Branca é minha filha, e que se elle a matar, eu hei-de vingal-a !

Em outras occasiões, enfim, parava de repente no meio de seus trabalhos domesticos, e ficava muito tempo estatica, com os olhos flamejando, os labios tremulos e o seio arfando violentamente. Então era preciso que Iveta viesse despertal-a d'aquelle somno terrivel, que

ella dormia acordada, e ao toque da mão da filha, ou ao som de sua doce voz, Cyriaca estremecia e arrancava-se de seus estranhos e sinistros pensamentos, soltando um arquejo doloroso.

Era assim que estavam passando seus dias, d'antes tão felizes, aquella mãe extremosa e aquella innocente e bella moça.

Ninguém as procurava mais; Leonel era o unico que constantemente as visitava, trazendo ás vezes em sua companhia a velha Constança.

Tambem nenhuma outra visita poderia ser tão agradável a Cyriaca e a Iveta, e nunca Leonel as deixava, que uma suave consolação, ou uma terna esperança não ficasse mitigando os pezares da *mameluca*.

Finalmente chegou o dia que seguiu a noite da tempestade e da tentativa sacrilega do casamento de Branca e Jorge.

Cyriaca e Iveta tinham sabido do desaparecimento de Branca, e advinhando que ella era victima de alguma trahição de seus communs inimigos, haviam passado a noite entre orações e lagrimas.

Logo ao amanhecer, Leonel corrêra a socegal-as, e a referir-lhes tudo quanto tinha occorrido; e inspirado pela generosidade e talvez

pela compaixão, déra ao proceder de Jorge elogios, que por sua demasiada fraqueza elle estava longe de merecer; mas que ao menos podiam lisonjear o amor de Iveta, e derramar-lhe a alegria no coração.

Como era de prevêr, a noticia foi recebida com alegria pela mãe e irmã adoptivas de Branca. Era uma nova e dadivosa esperança que luzia para ellas depois de uma dôr immensa e profunda; era a aurora graciosa e bella que brilhava logo apoz a tempestade.

Branca gemia ainda opprimida pelo seu cruel algoz; mas um novo defensor surgia para ella e esse defensor mysterioso, porém fórte e seguro, advinhava, podia e conseguia tudo.

O nome do Forasteiro foi todo o dia abençoado e de tarde, ainda mais cêdo do que costumava, e emfim primeira vez não repassada de afflicção, Iveta dirigio-se para o *ingazeiro do Tingidor*.

O *ingazeiro do Tingidor* ornava um sitio cheio de agradaveis e saudosas recordações para Iveta; alli se tinham passado as mais bellas horas da sua risonha e apreciavel infancia. Á margem d'aquelle sereno arroio havia mil vezes corrido e brincado com Leonel e Branca; não se erguia alli uma arvore, á cuja sombra não tivessem

descansado; o aroma das flôres, o sopró das auras d'aquelle pradosinho limitado e formoso lhe eram conhecidos: tudo enfim n'esse logar lhe trazia á lembrança a época mais feliz da sua vida.

Não era porém somente a saudade que levava Iveta todas as tardes ao *ingazeiro do Tingidor*; um outro sentimento a movia tambem a dar aquelle passeio.

Outr'ora, quando já o seu coração ardia com o fogo de amor, era alli que se lia encontrar com Jorge, ao mesmo tempo que Branca se encontrava com Leonel, ou era para alli que todos quatro se dirigiam, se os dous mancebos, chegando mais cêdo, hiam buscal-as ao lado da mãe Cyriaca.

Era, portanto, nesse mesmo logar, era á sombra do *ingazeiro do Tingidor* que Iveta esperava tornar a ver o seu bem amado, por quem ha tanto suspirava ausente.

Já nem lembrava a historia sinistra da infeliz *Guynumby*, nem a fazia tremer a influencia maligna do sitio fatal aos amores; queria de novo, uma vez ao menos, contemplar o rosto, ouvir a voz, e escutar os juramentos do homem, a quem votára o coração, a felicidade, a vida.

Mas a pobre Iveta voltava sempre no fim da tarde mais triste, mais afflicta ainda, do que tinha sahido de casa para dirigir-se ao *ingaseiro do Tingidor*; porque as horas voavam, o tempo corria, o sol mergulhava-se de todo no seio do occidente, e Jorge não apparecia.

Uma vez emfim Iveta demorou-se mais do que costumava no seu passeio, a noite se aproximava sem que ella tivesse tornado á casa, e já a mãe, Cyriaca cheia de cuidados se dispunha a ir procurar a filha, quando esta se mostrou a seus olhos radiosa de prazer e ventura.

A alma de Cyriaca respondeu á aquella alegria já tão rara no coração de Iveta; a alma da mãe extremosa, por assim dizer, sorriu-se tambem, como se fôra um espelho onde se reproduzisse o rosto festivo e jubiloso da querida filha.

— Iveta! exclamou ella: Iveta!... abençoado seja este dia, pois te vejo alegre e satisfeita.

— Sim, minha boa mãe, alegre, muito alegre!

— E porque?... falla...

Iveta abraçou-se com sua mãe, e desatou a chorar.

— Choras?! exclamou Cyriaca estremecendo.

— Oh! é de alegria!... estas lagrimas dão

vida! estas lagrimas são um milagre da esperança que ressuscita em um coração já morto...

Oh! minha mãe! eu sou feliz; eu vi-o!

— Viste?... e a quem?...

— Minha mãe... elle ama-me sempre!... elle m'o jurou de novo!... elle me salvará, e seremos todos ditosos.

— Então...

— Vi Jorge, disse Iveta apertando em seus braços a boa velha.

— Viste-o?... pois bem, e que te disse elle?...

— Que ama-me sempre... que será meu esposo... que sacrificará tudo por mim...

Cyriaca saccudiu a cabeça com melancolia, olhou depois para cima, como se chamasse Deus em soccorro de sua filha, e guardou o silencio.

Iveta recuou um passo e encarou a mãe.

— Entristeci-vos?... perguntou ella.

— Minha filha, respondeu a velha, acabo de pedir a Deus que proteja e felicite o teu amor.

— Temei então...

— Oh! o coração de uma mãe adevinha; e este amor... este amor far-nos-ha desgraçados!

— Minha mãe!

— Deus me faça mentir.

— Duvidais de Jorge, minha mãe?...

— Não, mas tenho medo de Claudio Góes.

— Ah! e que poderá elle?...

— Sobre Jorge póde tudo, porque é seu pai, e o filho lhe obedece como um escravo; e sobre nós póde de mais, porque elle é rico, e nós somos pobres, e o rico é o oppressor impune do pobre.

— Minha mãe! quereis portanto apagar a luz da minha esperança!

— Oh! não... não; confiemos em Deus, minha filha, e rezemos juntas pelo teu amor, e pela tua ventura.

E de joelhos, á par uma da outra, Cyriaca e Iveta rezaram longo tempo com a alma cheia de fé e o coração de esperança.

O coração de mãe adevinhava.

O amor de Iveta parecia marcado com o sello do infortunio, e as mesmas horas em que ella se julgava mais ditosa, era, sem o saber, como uma preza, sobre quem a onça traiçoeira prepara o tremendo bote.

Claudio Góes seguia com ameaçadora constancia todos os passos de Iveta.

Antes de se tratar do casamento de Jorge e Branca, o avarento, que só cuidava de multiplicar os seus thesouros, não perdia o tempo, frequentando a casa de Raphael, e tendo visto

muito raras vezes a filha de Cyriaca, não se lembrando mesmo de contemplar por alguns momentos a *mameluca*, e deixára passar despercebidos os encantos e as graças que possuía a bella moça.

Nas cavalhadas, quando Jorge muito de proposito perdia todas as argolinhas, Claudio Góes desconfiado, como é todo o avarento, quiz descobrir o segredo desse facto nos olhos de seu filho; já sabia que o casamento com a sobrinha de Rachel lhe repugnava; comprehendeu que essa inesperada repugnancia só se podia explicar por algum outro amor, que lhe enchesse o coração, e franzindo as bastas sobrancelhas, reparou.

Dentro em pouco os olhos de Jorge tudo lhe haviam revelado.

A mulher amada era Iveta.

O primeiro sentimento que a *mameluca* despertou na alma do avarento, foi o odio.

Fitou nella suas vistas de serpente, não poude resistir a evidencia de sua formosura; mas, quanto mais formosa a achava, mais aborrecimento lhe votava.

A razão era clara.

O casamento de Jorge e Branca devia aug-

mentar a riqueza de Claudio Góes, e um obstaculo a esse casamento era um crime aos olhos do avarento.

Mas é só o desprezo que não vê nem lembra o objecto que o move; o odio recorda a cada instante a sua victima.

Claudio Góes não esqueceu mais a infeliz mameluca, e apesar de muito detestá-la, não podia lembrar-se d'ella, sem reconhecer na sua esplendida belleza uma desculpa ao amor de seu filho.

O avarento porém suffocava a consciencia, não admittia a desculpa, e meditava destruir aquelle obstaculo, a inda que fôsse preciso sacrificar a innocente moça.

Emfim, n'aquella noite de visita nocturna e mysteriosa em que fizera Raphael instrumento da sua vingança contra Iveta, Claudio Góes sentiu-se, apesar seu, abrasado pelo fogo dos olhos ardentes da mameluca, e admirou a sua força no meio da adversidade.

Em quanto Iveta se achasse em casa [de Raphael, nada podia contra ella o odio de Claudio Góes, porque elle não se atrevia a ir procurar a sua victima sob o tecto protector de um homem rico e poderoso; quiz pois quebrar o es-

culo que a defendia, e de facto conseguiu fassel-o em pedaços aos golpes da intriga que manejava.

Iveta sahio de casa de Raphael e foi acolher-se á choupana de sua mãe, pobre cabocla que nada podia. Ficava portanto desde então a victima á mercê do algoz.

Claudio Góes triumphava. Mas a providencia divina castiga e defende por meios mysteriosos.

O castigo de Claudio Góes começou no momento de seu primeiro triumpho.

Iveta mostrando-se brilhante nas flammas da sua ira e do seu resentimento, esquecendo a fraqueza de seu sexo para responder com tanta dignidade e audacia a Raphael que a insultara, Iveta com toda essa formosura voluptuosa das mamelucas, com os seios arfando, com os labios entreabertos mostrando os dentes do mais puro marfim, com as narinas dilatadas e os bellos olhos scintillando raios, fizera recuar dous passos o avarento, e inopinadamente transformára o odio que tinha á mameluca, em paixão devoradora.

Era sempre um sentimento criminoso elle que nutria; porque a paixão do avarento não era

o amor suave e puro, que o céo sanctifica ; era o flammejar da lascivia que o inferno arremessa.

Desde então Claudio Góes seguiu constantemente Iveta ; não se animando na sua immensa avareza a pagar a espias dedicados, que o informassem de todos os passos e da vida que vivia o objecto dos seus freneticos e infames desejos, tomou sobre si esse trabalho, e como um criminoso que se esconde, internava-se nas florestas, atravessava os bosques, despedaçava as vestes o rosto e as mãos nas sarças e espinhaes, para ir de longe devorar com vistas inflammadas a mulher que o enlouquecia e lhe roubára o socego.

Claudio Góes era rival de seu filho.

Antes a paixão em que ardia por Iveta, do que o cuidado do casamento d'elle com Branca o aconselhára á reter Jorge no seu quarto como um verdadeiro prezo.

O ciume despedaçava já o coração do velho avarento.

Emquanto Jorge retido á força em casa não apparecia á Iveta, Claudio Góes via sempre a formosa moça debulhada em pranto, ou engolpçada na mais acerba melancolia.

Seu coração de avarento, rócha que nunca

se deixara penetrar pelas lagrimas da innocencia e do infortunio, não comprehendia aquelle amor santo e puro que ainda mais se purificava no fogo da adversidade, ou na phrase do livro sagrado, na fornalha da humilhação; o amor que elle entendia era somente aquelle que as feras tem, como os homens: era o amor material, que satisfaz o instincto, e não o que beatifica a alma.

Surprehendia-o pois aquella dor de Iveta, que não se consolava depressa, e que trazia sempre no rosto, á par da magóá, da saudade e dos soffrimentos, o cunho da mais angelica pureza.

Offendendo, calumniando a humanidade inteira, Claudio Góes vio no procedimento de Iveta um milagre de innocencia e de constancia, e querendo convencer-se dessa castidade, d'esse amor angelico, que elle não comprehendia, suspeitando talvez que a hypocrisia tomava em Iveta as apparencias de virtude, determinou sujeitar-se a uma provação dolorosa, facilitando as entrevistas de Iveta e Jorge, para ver como era que se amavam esses dous jovens, que se diziam puros.

Para isso não se lhe fazia preciso mais do que pôr termo ao captiveiro de seu filho.

Mas a liberdade de Jorge não seria um obstaculo invencivel levantado diante da paixão do avarento?...

Esta consideração fazia hesitar Claudio Góes; o procedimento porém de Jorge na noite tempestuosa do casamento que se desfizera diante do altar, veio obrigar o velho a tomar uma resolução definitiva.

Claudio Góes tinha sempre contado com a mais cega obediencia e submissão da parte de seu filho; quando, porém, ouviu pronunciarem seus labios, no seio da capella, uma palavra que foi um protesto contra os laços em que o pretendião ligar, elle — o pae até então sempre obedecido, deu um salto para traz, como ferido por uma serpente, e no primeiro instante desconheceu o filho.

N'aquella alma de avarento o calculo era um habito e a reflexão uma necessidade imposta pelo calculo.

Claudio Góes que se sentira abrasado de coléra e furor, procurou logo serenar e meditar; reflectiu sahindo da capella, reflectiu voltando para casa, reflectiu velando o resto da noite.

Não tinha dito uma unica palavra a seu filho; contra seu velho costume não o havia

feito curvar o rosto sob o peso das mais violentas reprehensões, e com a ameaça dos mais terríveis castigos.

Jorge retirando-se a seu quarto, tremia ainda mais do silencio de seu pae, e receava estar votado á duros tormentos, em quanto Claudio Góes meditava passeando ao longo da sala de sua casa.

O ruido dos passos do avarento chegava aos ouvidos de Jorge, como esse trovejar surdo e longinquo, que ás vezes precede ás tempestades.

Claudio Góes calculava.

Jorge, que á seus olhos e diante de um altar não tinha receiado resistir ás suas ordens, dizendo ao padre Christiano, que *era verdade* que o queriam casar *à força* e contra a sua vontade com a sobrinha de Raphael, era por isso mesmo um filho que começava á desobedecer.

Estava portanto cansado da sua tão longa submissão, e tinha pronunciado a primeira palavra de um protesto contra o despotismo de seu pai.

Quem ousára tanto, recuaria depois?... não é certo, que quando uma alma fraca toma definitivamente uma resolução, parece de subito ar-

inar-se de força herculea, e torna-se capaz de mais ousada pertinacia?...

Seguramente Jorge, que já resistira e triumphára uma vez com a sua resistencia, não quereria parar no caminho que o deve levar a felicidade com que sonha, e consequentemente não tolerará por muito tempo um captivo, que só a sua fraqueza facilitára.

Jorge acabará, pois, por abandonar a casa de seu pai, e livre, completamente livre, correrá a lançar-se nos braços de Iveta e fugirá com ella para tão longe, quanto lhe seja necessario para escapar a qualquer perseguição.

Era assim que reflectia Claudio Góes passeando a largos passos pela sala.

Escravo de uma paixão devoradôra e irresistivel, o avarento esquecia talvez os projectos do casamento de seu filho e Branca, abafava o furor que n'elle excitava a desobediencia de Jorge, e só pensava nos meios de não deixar escapar Iveta, que desejava sacrificar á sua infame lascivia.

Em conclusão pois, elle se persuadiu de que mais lhe convinha abrandar o rigor com que sopeava ao filho, e que, restituindo-lhe a liberdade, devia seguir-lhe os passos, e aproveitar-se

de algum ensejo feliz, mercê do qual pudesse saciar seus crimosos desejos.

Era a onça que se propunha a surprehender a victima.

A auróra veio apanhar Claudio Góes, ainda combinando os seus planos; ao primeiro raio do sol, porém, dirigiu-se elle ao quarto de seu filho.

Jorge, pela sua parte, tambem não tinha dormido, e saltou fóra do leito apenas sentiu os passos de seu pae que se approximava.

— Jorge, disse Claudio Góes cravando as unhas em seu peito hirsuto á força de comprimir a raiva que tinha no coração, Jorge, desobedeceste-me hontem; venho dar-te o merecido castigo: estás livre.

— Meu pae!...

— O animal que se não póde domar, abandona-se. Estás livre.

E, sem esperar que o filho lhe respondesse, voltou-lhe as costas e sahiu.

Jorge ficára estupefacto!... tudo podia ter esperado, menos sómente essa resolução tomada por seu pae.

No primeiro momento acreditou que elle acabava de lançal-o fóra de casa; mas, apenas

sahiu do quarto, veio o escravo participar-lhe que seu velho senhor consentia e ordenava que ficasse morando como d'antes debaixo do mesmo tecto, não apparecendo porém diante de seus olhos sem ser primeiro chamado, ou sem mostrar-se arrependido, e prompto á sujeitar-se á sua vontade.

Jorge passou o dia meditando e concebendo mil projectos, que eram todos um depois do outro rejeitados por inexequiveis, como acontece a todos os homens a quem falta a força de vontade.

Durante essas longas horas de triste e improficua meditação, elle nem soube apreciar a doce ventura da liberdade, que tão inesperadamente havia brilhado para elle; quando porém ao declinar do dia sentiu que o sol tinha moderado o ardor de seus raios, e que se approximava a hora em que d'antes costumava correr ao *ingazeiro do Tingidor*, para encontrar-se com a formosa Iveta, seu coração palpitou com força, a saudade inspirou-lhe vehementes desejos, o amor abraçou-lhe o seio, e quasi instinctivamente sahiu, deixou a casa paterna, e correu para o sitio encantado, onde o Tingidor se espreguiçava por entre duas margens alcatifadas de

relva sempre verde, e ornadas de arbustos sempre floridos.

Voava nas azas do amor e da esperança! não é preciso dizer que chegou depressa.

Com que prazer não saudou elle o arroio somnolento, o prado, o bosque, as flôres e esse *ingazeiro* deleitoso, a cuja sombra tão agradáveis horas tinha passado!... Que enchentes de poesia não se vieram derramar n'aquella alma de joven, que se voltava para um passado todo cheio dos encantos de um amor innocente e puro!

De subito porém uma idéa triste veio obscurecer o espirito do mancebo. Iveta não estava alli; talvez mesmo não viesse áquelle sitio, não podendo contar com a presença do seu amante n'elle. É verdade que Jorge não hesitaria em ir procural-a ao lado de sua mãe; mas então não estaria só com ella, não conversaria com ella com essa confiança inteira, completa e inapreciavel, que dous amantes não podem mostrar, senão quando estão sós, entre a terra e o céo, livres de todos os olhos, e só debaixo dos olhos de Deus.

Mas Jorge escuta um grito de surpresa e de amor: é Iveta...

Nada falta á felicidade dos dous jovens: elles se avistam, elles se amam, e nenhum dos dous tem de que corar diante do outro.

Acompanhar essas duas almas em todos os seus pensamentos, seguir a doce conversação d'aquelles dous amantes, colher todos os seus protestos e juramentos tantas vezes renovados, ouvir os seus suspiros e as suas queixas, apreciar os seus votos e as suas esperanças, é empenho que sobre nós não tomaremos pôr certo.

Ha scenas passadas na vida do homem, que o pincel do artista e a penna do poeta não podem reproduzir. É melhor então deixal-as em silencio; as almas sensiveis as comprehendem, e isso basta.

Quando o sol, colhendo seus ultimos raios desapareceu mergulhando-se no seio do horizonte, quando a luz suave e encantada do crepusculo da tarde annunciou a proximidade da noite, os dous amantes ergueram-se e trocaram pela terceira vez o adeus da despedida.

— Iveta, disse Jorge, e agora até quando?

— Jorge! Jorge! és tú que deves fazer-me esta pergunta?

— Eu sei, meu bello anjo, que por ti eu de-

veria esquecer todas as considerações que me prendem; sei tudo... mas...

— Ah, Jorge! sempre esse *mas*... sempre essa barreira fatal!

— Escuta, cêdo vencerei todos os obstaculos; cêdo seremos um do outro á despeito de meu pai e do mundo inteiro, que se quizesse levantar contra o nosso amor: entretanto convém que enquanto não sôa a hora do nosso triumpho e da nossa gloria, regule a prudencia os nossos passos e as nossas acções.

— Como?... dize o que devo fazer... comtanto que não me abandones e não me despreses, estou prompta a sujeitar-me a todos os sacrificios.

— Não se tracta de sacrificios, minha querida Iveta, mas somente de seguir um conselho da prudencia. Ouve: eu tenho receio de que nos espreitem e nos armem alguma scilada; é portanto necessario que nos não exponhamos a cahir nella. A mim compete velar pelo nosso amor e pela nossa segurança. Póde ser que muitas vezes não nos devamos encontrar aqui á margem do Fingidor.

E então?...

— Determinemos algum sinal pelo qual

fiques sabendo quando deves vir fallar-me á sombra d'este bello *ingazeiro*.

— Pois bem ; appellemos para as flôres, que são bellas e puras como o nosso amôr. No campo do nosso sitio, e perto da tranqueira por onde se passa para chegar aqui, ha uma fonte, e junto d'ella um banco de relva. Sabes onde fica ?

— Sei.

— É verdade ; já conversamos uma tarde juntos n'esse banco. Sirva-nos elle tambem agora. Quando eu, dirigindo-me para o Tingidor, encontrar sobre esse banco uma *perpetua*, terei a certeza de te fallar.

— E quando encontrares uma saudade rôxa...

— Voltarei tristemente para casa, porque não te poderei ver n'esse dia.

— Iveta !

— Oh ! Jorge ! Jorge ! eu hei-de amar as *perpetuas* sobre todas as flôres !...

Ainda uma vez despediram-se os dous amantes, e emfim conseguiram separar-se.

Foi depois d'esta inesperada entrevista que a velha Cyriaca vio sua filha entrar em casa com o sorriso nos labios e a alegria no coração.

Mas a alma de mãe teve um presentimento,

e, lendo no futuro, tremeu por sua filha, augurando mal do seu amor.

E tambem Iveta menos alegre se mostraria se advinhasse que, minutos depois de se retirarem, ella e Jorge, erguera-se de uma cerrada moita de arbustos a figura hedionda de Claudio Góes, *o onça*, que com os olhos afogueados, os labios tremulos, murmurara surdamente :

— Ella hade amar as *perpetuas* sobre todas as flôres; ainda bem!

III

A TRAIÇÃO EM UMA FLÔR

Amor, esperança, felicidade, adeus!...
BYRON.

Iveta acabava de passar uma noite de bellos sonhos; sonhára com anjos e com flôres, e despertara ouvindo o trinar dos canarios.

Levantou-se alegre, e encontrando sua mãe á porta, depois de beijar-lhe a mão, fitou os olhos no horisonte, e exclamou :

— Oh! minha mãe, que dia formoso!

A velha Cyriaca esteve olhando alguns momentos para sua filha, comprehendeu que o coração de Iveta se sorria para a vida, e por isso descobria encantos novos na natureza.

— O dia de hontem foi ainda mais formoso que o de hoje, minha filha, e entretanto não vi que te causasse a mesma impressão.

— Hontem eu tinha os olhos cheios de lagrimas; tinha o luto no coração!

— É assim: e por isso eu peço a Deus, nosso senhor, que te faça parecer todos os dias tão formosos como o de hoje.

— E porque não, minha mãe?... Deus é bom e piedoso, ha-de amparar-me, a mim, que sou fraca e pobre, e que nunca o offendi por minha vontade.

— Minha filha, este mundo é todo de provações e de lagrimas; é a terra do exilio para as almas, cuja patria é o céu. É na adversidade e na dôr que se provam aquelles que são dignos de Deus. Tu és fraca e pobre; ainda mais do que isso, és bôa, innocente e pura; e ainda não deixarás de soffrêr.

— Minha mãe, eu estava tão contente!...

— E eu começo a entristecer-te, não é assim?... oh! minha filha! tu me enches de cuidados; tu me fazes tremer pelo futuro!...

— Como?... aconteceu por ventura alguma nova desgraça?... veio ainda algum infortunio perturbar o socego que gosavamos?...

— Iveta, dormiste bem esta noite?...

— Oh! perfeitamente; sonhei com anjos e com flôres, minha mãe.

— Porque hontem á tarde tornaste a vêr o Sr. Jorge, não é verdade?...

A moça, por unica resposta, abaixou os olhos.

— Pois olha, continuou Cyriaca, essa mesma razão que te fez passar una noite deleitosa, a mim me tirou o somno, e me fez velar até o romper da aurora.

Iveta encarou sua mãe com olhos espantados.

— Escuta, proseguio a velha; quando o Sr Jorge deixou por alguns dias de procurar-nos, quando seu pae o retinha longe de nós, eu dava graças a Deus no fundo do coração.

— Mas porque, minha mãe?

— O Sr Jorge é bom e digno do teu amor; mas tu és pobre, minha Iveta, tu és a *mameluca*, e a tua união com o Sr Jorge ha-de encontrar sempre uma barreira invencivel no maldito usurario que elle tem por pae. Se o Sr Jorge fôsse obrigado a separar-se para sempre de ti, tu chorarias, saudades por muito tempo; mas ah! antes, mil vezes antes isso! o pranto da saudade nada é em comparação de outros sofrimentos.

— Nunca as sentistes, minha mãe?...

— Criança! perguntas ao tronco velho se nunca experimentou a violencia das tempestades? Louca! perguntas á viuva se nunca sentio saudades de um homem amado?...

— Perdão, minha mãe; sou criança e louca, como dissestes.

— Deixa-me fallar, e ouve: tornaste a vêr o Sr Jorge, o amôr que te abrasava o seio redobrou de vehemencia; mas que esperas?... ou o teu amado te desposa, ou não; se te não desposa, com que fim te ama?...

— Mas elle jurou-me...

— E se te desposa, crês tu que o fará com a approvação, ou pelo menos com a tolerancia de seu pae?... não, por certo que não. Em tal caso que pretendes?... que elle seja teu marido a pezar de seu pae... oh! minha filha!... a união que tem por base a desobediencia de um filho não pode ser abençoada por Deus.

— Minha mãe!

— Não consentirás em tal, eu o sei; o Sr Jorge não será teu marido em quanto a isso se opposer formalmente a vontade de Claudio Góes; mas não vês, pobre criança, que a propria constancia do teu amante chamará sobre ti o dio e a vingança de seu pae?...

— E o que poderá elle fazer?...

— Elle?... o que póde o rico contra o pobre?... ah! póde perseguir-te, aviltar-te, deshonnar-te;

e se tudo isso fizesse, fal-o-hia impunemente, se eu não fosse tua mãe.

E os olhos da velha cabôcla accenderam-se com o fogo da colera.

— Sim, continuou ella, deshonrar-te-hia, tornar-te-hia indigna de seu filho, e, quando bradasses vingança, a lei ficaria surda com o tinir de seu ouro; não haveriam juizes que te defendessem, porque o algoz é rico, e tu és pobre; escarneceriam de ti; haviam de olhar-te com desprezo, e chamar-te-hiam mulher perdida e infame!

Iveta soltou um grito de dôr.

— Oh! ainda é cedo para os gemidos que se arrancam das entranhas, ainda é cedo; e se algum dia, ah meu Deus! que tal não aconteça; mas se algum dia fôres ferida por esse raio de vingança de féra, uma outra féra se levantará por ti, e a cada um de teus gemidos responderá um bramido.

A velha avançou um passo, descançou a mão direita sobre a cabeça da filha, e disse:

— Que te não toquem!

Iveta abraçou-se com sua mãe, e perguntou soluçando:

— Que devo fazer... dizei.

— O melhor conselho que eu te daria fôra um sacrificio superior á tuas forças; não exigirei tanto...

— Dizei...

— Serias capaz de esquecer o Sr Jorge?...

— Oh!... não!...

— Eu o sabia, e não te peço o que só se pode pedir ao tempo; quero muito menos do que o esquecimento d'esse amôr, Iveta, quero somente o que a prudencia e o decôro recommendam.

— Estou prompta, minha mãe, fallai.

— É indispensavel que interrompas as tuas entrevistas com o Sr Jorge.

Iveta estremeceu.

— Amanhã irei á fazenda da Sra Constança, e pedir-lhe-hei um abrigo seguro para ti; estou certa de que não m'ó negará, e n'aquella casa ficarás livre das vinganças de Claudio Góes, e menos exposta aos proprios perigos do teu amôr. Far-me-has a vontade, minha filha?...

— Sim, minha mãe, tudo, tudo quanto me ordenardes...

Mas os olhos de Iveta protestavam contra suas palavras, affogando-se em lagrimas.

A velha Cyriaca beijou na fronte a sua filha, e disse:

— Deus te ha-de fazer feliz.

A moça fez-se de repente toda côr de roza, e em levantar os olhos perguntou :

— E em quanto me demorar ainda comvosco, minha mãe?...

Cyriaca comprehendeu o que lhe queria perguntar sua filha, e sentindo-se enternecer, tornou-lhe :

— Juras pela sagrada virgem que serás pura como até aqui?...

— Oh! sempre!

— Que não darás um passo, nem tomarás uma resolução qualquer sem consultar-me primeiro?...

— Sempre... sempre...

— Pois bem ; poderás fallar ao Sr. Jorge : é melhor porem que elle te veja antes aqui mesmo, o que á margem do Tingidor.

Iveta beija a mão de sua mãe.

— Filha! filha! disse ainda a velha, vou separar-me de ti, mas assim é necessario para tua felicidade ; em quanto estiveres debaixo d'este obre e humilde tecto, recearei a todo instante èr chegar a vingança...

N'esse momento bateu a cancella do campo do itio de Cyriaca.

A velha voltou o rosto para vêr quem chegava, e exclamou :

— Olha !

— Que é, minha mãe?...

— A vingança que chega !

Iveta levantou os olhos, e viu Claudio Góes que vinha chegando a cavallo.

— Misericordia, meu Deus ! disse ella baixinho.

— Retira-te, tornou-lhe a mãe, fecha-te no teu quarto e espera-me.

Iveta obedeceu, correndo, á ordem de sua mãe.

Claudio Góes, que já estava perto, devorou com os olhos ardentes a figura graciosa da moça que se retirava ; dir-se-hia que era um tigre a olhar a preza que fitara.

O que vinha Claudio Góes fazer á casa da mãe Cyriaca?...

O velho usurario tinha ouvido toda a conversação de Jorge e Iveta, na tarde anterior.

Occulto atraz de alguns arbustos, deitado com o ventre sobre a terra por baixo de sarças e espinhos, com o coração palpitando de paixão, de ciume e de raiva, recolhera uma a uma todas as palavras da bella e voluptuosa moça ; bebera

horriavel veneno pelos olhos, vendo ainda uma vez os encantos arrebatadores d'aquelle rosto de *mameluca*, admirando nos braços, perfeitamente torneados, sua mão de princeza, seu collo garboso, e advinhando a formosura d'aquelle seio que arfava de amor.

A cabeça de Claudio Góes ardia; desejos violentos e libidinosos accendiam-se no coração do usurario.

Quando Iveta se retirou e desapareceu, voltando para casa, Claudio Góes, o onça, que não sabia gemêr, bramio.

Como um cão que fareja o rasto da prêza, o usurario foi sentar-se no mesmo logar em que estivera sentada Iveta, e, dilatando as narinas, parecia querer respirar o mesmo ar que ella respirara, ou sorvêr os perfumes, que em torno tinham derramado os seus vestidos de virgem.

Era noute fechada quando tornou á casa, fazendo caminho pelo interior das florestas, como um malfeitor que se esconde da justiça dos homens nas sombras dos bosques.

Recolhida a seu covil, a féra velou toda a noite do mesmo modo que velara na antecedente.

A paixão queimava-lhe o cerebro.

A imagem angelica de Iveta não o deixava um instante; mas diante d'essa imagem encantadora não dobrava os joelhos, não se sentia enlevado, como um amante extremoso, que sente encher-lhe a alma o amor do céu, não; diante d'essa imagem agitavam-se em seu peito rude e feroz os instinctos brutaes que envilecem e rebaixão o homem.

Se elle fallasse então, por certo que não diria — *quero amal-a!* seu grito seria outro, seria este: — *quéro gosar-a!*

O algoz queria uma victima.

Mas como chegar á satisfação de seus indignos desejos?... como vencer Iveta?...

Claudio Góes contou seus annos e sentio que era velho; olhou para os trapos que lhe cobrião o corpo, lembrou-se de seu semblante, examinou sua figura, e reconheceu que era horrivel.

Oh! como vencer Iveta?...

Claudio Góes correu com o pensamento toda a sua vida, pensou sobre ella, e concluiu que toda a sua força, todo o seu poder, toda a influencia que podia exercer, dependião do seu dinheiro.

Era rico: era portanto muitos annos mais

modo do que parecia; muitas vezes menos feio do que se julgara.

Mas o encanto d'esse ouro, o que conseguiria sobre o coração de Iveta?... o usurario já a apreciava bem: ella empurraria com o pé os cofres cheios de riqueza.

Veio-lhe á idéa então a mãe Cyriaca; velha cabôcla, ignorante, e pobre, talvez que se dobrasse á magia do dinheiro.

Filha dos bosques não podia dar grande importancia a esses deveres e virtudes que o selvagem desconhece.

Quem sabe se a mãe não se sujeitaria a vender-lhe a filha?... era um empenho esse, que uma vez realiado, satisfaria os impetos de sua paixão, e ao mesmo tempo extinguiria o amor de seu filho.

Este pensamento immoral e perverso apoderou-se de Claudio Góes.

Era-lhe preciso comprar Iveta á sua mãe; o ardor do desejo agigantava-lhe a esperança e lhe escondia os embaraços; já lhe parecia facil a realiação de seu projecto, mas ao mesmo tempo uma idéa sinistra atormentava o usurario.

Para comprar seria indispensavel pagar; e o dinheiro?...

De cada vez que esta idéa lhe vinha ao espirito agitado, Claudio Góes enterrava as unhas em seu peito hirsuto e vermelho até sentir-se.

Oh! o dinheiro! o seu amôr de toda a vida, o objecto unico de seus cuidados, de seus temôres, e de suas ancias; o dinheiro, seu Deus! como ir entregal-o assim a mãos alheias? ..

Foi medonha a luta que se travou n'aquella alma negra de usurario entre a lascivia e a avareza; mas enfim a lascivia alcançou meio triumpho.

Prometter não é dar; Claudio Góes se resolveu a prometter.

Apenas brilhou a luz do sol, o velho usurario fez sellar o cavallo, e partio para o sitio da mãe Cyriaca.

Ao aproximar-se do sitio onde morava a joven cuja posse pretendia, sentia que o sangue lhe corria pelas veias em ondas de fogo; mas a força de sua vontade, e o habito de fingir para melhor enganar, dava já ao seu rosto apparencias de socego e calma.

O volcão estava abafado no seio.

Entrando no campo do sitio da mãe Cyriaca

e vendo Iveta ao lado de sua mãe, Claudio Góes estremeceu; seus olhos flammejaram, seu espirito perturbou-se; mas felizmente para elle a formosa mameluca fugio, furtando-se ás suas vistas.

Claudio Góes não queria ser ouvido por Iveta; contava para o triumpho de seus projectos somente com a ambição da velha Cyriaca.

O usurario apeou-se, prendeu o cavallo ao tronco de uma arvore, e aproximou-se de Cyriaca que temerosa e palpitante se deixara ficar immovel.

— Deus lhe dê muito bons dias, mãe Cyriaca; disse Claudio Góes adoçando, quanto lhe era possivel, a voz e os gestos.

— E a vossa mercê os mesmos, respondeu a velha.

— Vim vê-la e visital-a como bom visinho, tornou elle.

— Sei bem que não mereço tanto, e que algum outro fim tem a visita de vossa mercê; mas seja porque fôr, a nossa cabana pobre e agreste, como é, está ás ordens de vossa mercê; entremos.

— Nada, não; eu prefiro conversar ao ar livre, se isso não a incommoda, mãe Cyriaca.

— Como quizer, meu senhor.

— Com effeito! disse Claudio Góes examinando a pequena casa de Cyriaca, a casinha que vejo não abona muito os teres e haveres de sua dona.

— Sou pobre, já o disse.

— Mas não o devia ser; quem servio fielmente, como eu sei, a tantos ricos senhores, tinha direito a melhor fortuna.

— Estou contente com a minha sorte, e grandes beneficios tenho recebido d'aquelles a quem em outro tempo servi.

— Santa mulher! exclamou o usurario com refinada hypocrisia.

A mãe Cyriaca olhava desconfiada e temerosa para Claudio Góes, e por mais que pensasse, ainda não havia comprehendido o fim d'aquella visita.

— Não estimaria, minha bôa amiga, trocar a pobreza pela abundancia, e passar os ultimos annos da vida no seio da paz e do socego, livre de cuidados, e sem precisar exaurir as forças trabalhando ?...

— Não entendo, disse a velha, sacudindo a cabeça

— Pois eu fallei bem claro!

— Vejo bem que vossa mercê procura rodeios para fallar-me em alguma cousa, que traz no pensamento. Não é melhor dizer tudo em poucas palavras?...

— Bôa mulher! bôa mulher! assim é que eu gosto de tratar os negocios! o tempo vale ouro!... é assim mesmo; já vejo que nos havemos de entender maravilhosamente!

— Conforme, respondeu a velha.

Claudio Góes fingiu que não tinha ouvido a condicional suspeitosa com que Cyriaca lhe respondera, e continuou dizendo:

— Fallemos, pois, bem claramente, como desejo, e como deve praticar a gente honrada. Mãe Cyriaca, a senhora não pôde ignorar as relações que existem entre meu filho e sua filha; o rapaz e a rapariga amam-se...

A velha quiz interromper o usurario.

— Espere, espere; deixe-me acabar. Olhe: não quero mal a sua filha por isso; e, fallando a verdade, acho que o bregeiro de meu filho tem razão.

A mãe Cyriaca cravou desconfiada os olhos no rosto de Claudio Góes.

— Mas, proseguiu este sem se perturbar, esse amor não me faz muito arranjo a mim; eu tenho projectos sobre Jorge; contractei já um casamento para elle, e o homem de bem é antes de tudo escravo da sua palavra.

— Senhor Claudio Góes, respondeu Cyriaca, eu protesto a vossa mercê que em poucos dias minha filha será arredada das vistas do Sr Jorge; sei bem que ella é pobre, e que não devia esperar tão grande fortuna. Cada um deve procurar os da sua igualha.

— Mãe Cyriaca, eu ainda não acabei...

— Pois que mais?...

— Escute: sua filha merece tudo... é bonita, é virtuosa, e ninguem póde avançar nada contra o seu procedimento: ora impedindo eu o seu casamento com meu filho, roubo-lhe uma fortuna soffrivel, e faço talvez uma acção má; acho porém que ha um meio de remediar tudo isto, e de assegurar á senhora Iveta uma vida socegada e feliz, e provavelmente alguma riqueza para repartir com sua bôa mãe...

— E como?...

— Porque não quererá ella o pae em logar do filho ?...

Cyriaca recuou dous passos espantada.

— Sim... sim... Gostei de sua filha ; estou já meio adiantado em annos, e preciso de quem trate de mim. Talvez que a rapariga me veja com mãos olhos e me ache feio e velho, mas os seus conselhos hão-de destruir todas as difficuldades, e os bons conselhos, mãe Cyriaca, attenda bem no que lhe estou dizendo, os bons conselhos pagam-se a peso de ouro.

— Pois que ! o Sr. pretende casar com minha filha ?...

A pergunta desconcertou Claudio Góes ; mas serenando d'ahi a instantes, elle respondeu :

— Casar-me... quem sabe?... e porque não, se ella procedesse bem comigo ? se a nossa união deixasse de acabar por casamento, a culpa seria somente della. Em todo caso, mãe Cyriaca, desde que eu puder contar com o que lhe proponho, o primeiro premio hade lhe pertencer, e uma bolsa bem recheada lhe provará que nada perde no negocio.

— Então...

A velha não pôde acabar a phrase, porque tinha comprehendido tudo e já tremia de colera.

Claudio Góes, o usurario, o homem para quem o dinheiro era a unica realidade no mundo, pensou que o fogo que abrasava os olhos de Cyriaca era acceso pela ambição. Contando portanto, com a victoria segura, continuou animado.

— Sim... sim.. é bem claro o que lhe venho propôr: dou-lhe um sitio com bôa casa e pomar ainda melhor; faço a sua fortuna; preparo o socege da sua velhice; arranco-a da pobreza, e em troco lhe offereço a abundancia. Em summa, dou-lhe dinheiro, e a senhora paga-me tudo isso dando-me sua filha.

Cyriaca avançou um passo para Claudio Góes, e levantando o braço com um movimento ameaçador, bradou enfurecida :

— Branco maldito! esta velha cabôcla não vende sua filha!...

O usurario recuou temeroso, e lendo emfim o furor e a raiva no rosto de Cyriaca, foi apressado montar a cavallo, e retirou-se praguejando.

A velha ficou só. Arquejava de colera e desespero, o odio e a vingança começavam a reviver no seio d'aquella filha das florestas; mas em-

breve o amor da prole supitou os impetos da selvagem.

Claudio Góes acabava de desaparecer ; Cyriaca sentiu os passos de sua filha, e murmurou fallando consigo mesma :

— Não a farei corar... não, coitadinha ! não lhe direi o que pretendia aquelle miseravel ; agora porem mais que nunca devo velar por ella, e tratar de pôl-a em segurança, porque a onça tem os olhos na prêsa.

— Minha mãe, perguntou Iveta, que voltara curiosa apenas vira sumir-se além da cancella o velho e antipathico usurario, minha mãe, que veio aqui fazer este homem?..

A mãe Cyriaca, em vez de voltar-se para a filha, ficou por alguns momentos em silencio e com os olhos no chão, como se quisesse concentrar primeiro todo o seu furor no coração.

— Oh ! minha mãe ! minha mãe ! que veio fazer aqui este homem ? repetio Iveta tremendo.

A velha levantou a cabeça e respondeu.

— Nada, que já não esperassemos ; veio ameaçar-nos.

— Então... agora...

— Agora mais que nunca é preciso fazer o que eu te dizia ha pouco : é preciso ir procurar

um asylo seguro para ti, minha filha, e eu parto immediatamente... mas não... não te deixarei sosinha ; partiremos ambas.

— Ambas?...

— Sim, e de pressa. Vamos fallar á nossa boa velha dona; ella te receberá em sua casa, e eu ficarei socegada.

Iveta guardou triste silencio e d'ahi a pouco tomava com sua mãe o caminho da fazenda do Aldêa.

A velha Constança recebeu com os braços abertos a ama de seu afilhado ; prometeu velar pela segurança de Iveta, e Leonel jurou defendel-a com toda a dedicação de um irmão extremoso. Queriam ambos que Iveta ficasse logo com elles ; mas a mãe Cyriaca deixou-se mover pelas lagrimas da filha e, levando-a consigo, ficou de trazê-la na manhã do dia seguinte.

Iveta queria despedir-se de Jorge ; infelizmente, porém, ella não tinha de vel-o na tarde desse dia.

Claudio Góes tinha-se retirado do sitio da mãe Cyriaca com o seio arfando de raiva, e com pensamentos de vingança abraçando-lhe a alma.

A imaginação do máo é fertil sempre que

trata de preparar uma cilada. Quando o usurario perdeu de vista o sitio da mãe Cyriaca, já havia concebido um plano infernal que lhe devia proporcionar ao mesmo tempo o sanatico prazer da vingança, e a posse criminosa da mulher que lhe accendera com sua belleza a flamma da lascivia.

Claudio Góes partiu para a fazenda de Raphael. Socios no crime, esses dous homens entendiam-se facil e maravilhosamente; uma hora de conversação mysteriosa se passou entre elles, e o usurario voltou logo depois e a toda pressa para sua casa.

Apenas se apeou do cavallo mandou chamar seu filho que accudiu promptamente.

— Jorge, disse o velho usurario, um acontecimento imprevisto me obriga a olhar-te, e a dirigir-te a palavra.

O mancebo não respondeu.

— Partirás immediatamente para a cidade, e hoje mesmo, antes da noite, entregarás esta corta á pessôa a quem é dirigida.

Jorge estremeceu.

— Tens medo?... perguntou o usurario.

— Não, meu pae; estou disposto a tudo.

Claudio Góes comprehendeu a resposta de seu filho, e abrindo a carta, disse-lhe:

— Lê.

Jorge obedeceu a seu pae.

— Já vês, continuou este, que se trata apenas de negocios, e não de castigar um filho desobediente; fecha pois de novo essa carta e parte logo e logo a entregal-a.

— E voltarei...

— Amanhã com a resposta.

Pouco depois Jorge deixava a casa de seu pae, levando seu cavallo a galope.

A viagem contrariava o amante; mas o filho não se atrevera a desobedecer a ordem paterna.

No entanto Jorge não se esqueceu do que ajustára com Iveta. O seu cavallo desviou-se da estrada da *Praia Grande* e tomou por um atalho para o lado do *Tingidor*.

O mancebo apeou-se perto do arroio querido, prendeu o cavallo a uma arvore, e dirigiu-se a pé ao sitio da mãe Cyriaca, e não encontrando ahí nem a esta, nem a sua bella amada, voltou sobre seus passos, e indo ter á fonte que Iveta designára, depositou no banco da relva uma *saudade rôxa*.

A *saudade rôxa* era o signal de que elle não se podia encontrar nessa tarde com Iveta na margem do *Tingidor*.

Satisfeito o dôce dever de amor, Jorge tratou de executar a commissão de que se achava incumbido.

De volta da fazenda de Constança, Iveta esperou ao lado de sua mãe que chegasse a hora aprasada para se encontrar com Jorge, junto ao *ingazeiro do Tingidor*.

O dia pareceu-lhe longo de mais; as horas arrastavam-se preguiçosas...

Mais cedo do que costumava, a pobre moça sahiu de casa, e passando pela fonte, encontrou no banco de relva uma — *perpetua*.

— Oh! elle vem! elle vem!... exclamou Iveta.

E correu para o *Tingidor*.

Uma flôr acabava de lhe preparar uma traição.

Chegando ao formoso sitio onde Jorge devia estar esperando por ella, Iveta achou-se só.

— Talvez seja muito cedo ainda, disse com-sigo a moça.

E accrescentou logo depois:

— No entanto... elle devia ter tido tanta pressa, como eu...

Uma hora passou sem que Jorge apparecesse. Iveta esperava sempre...

Chegou a hora do crepúsculo... a infeliz moça vio que era tempo de retirar-se, e lançando um ultimo olhar para o lado d'onde costumava vir o seu amado, desatou a chorar.

Com a aproximação da noite entrava-lhe n'alma o desengano.

Era preciso voltar para casa. Iveta esperou ainda alguns minutos, e emfim deixou o ingazeiro, andando com passos vagarosos, e voltando muitas vezes os olhos.

De subito sente um ruido entre os arbustos que ladeavam o caminho, que seguia; ella pára e examina, e antes que possa correr e salvar-se, dous homens atiram-se sobre a infeliz.

— Meu Deus!... exclama ella.

Tapai-lhe a bôca! tapai-lhe a bôca!... disse Claudio Góes apparecendo.

— Minha mãe!... minha mãe! minha mãe!... bradou Iveta lutando fortemente, mas debalde, entre os braços dos dous homens.

Um grito pavoroso respondeu aquelle brado de filha, dir-se-hia que fôra um rugido de tigre.

Era um grito de dôr e de vingança arrancado das entranhas de sua mãe.

IV

A MÃE CYRIACA

Dos bandidos que temíamos,
Eis a quadrilha cruel!

MACAULDY.

O grito doloroso e exasperado de Iveta retumbou terrível no coração da mãe Cyriaca.

A velha cabôcla, erguendo-se espavorida, e logo depois furiosa, como a onça, que sente o caçador perseguir-lhe os filhos, lançou-se correndo para o *ingazeiro do Tingidor*.

Voára nas azas do amor maternal, e apesar disso chegára tarde; rugiu de novo como uma fêra embravecida, e de novo correu vencendo de um salto o tenue ribeiro, e internando-se pela floresta visinha.

— Minha filha! minha filha!... minha filha!... bradava ella á cada momento.

E debalde bradava, porque a filha não lhe respondia.

O instincto ensinava o caminho áquella mãe desolada, que ainda não havia reflectido um só instante sobre o que podera ter acontecido á sua filha, e entretanto se precipitava atravez do bosque, dirigindo-se para o lado da casa de Claudio Góes.

De repente o tropear de alguns cavallos attraheu a attenção da mãe Cyriaca, que reconheceu estar ao pé da estrada.

Correu então ainda mais, e acompanhando o tropel dos cavallos, atirou-se emfim ao meio da estrada e vio galopando diante della alguns cavalleiros, nos braços de um dos quaes hia uma mulher desmaiada.

A noite começava ; mas os olhos da mãe reconhecerão Iveta naquella pobre victima.

— Minha filha!... gritou a velha cabôcla, com uma voz que parecia arrancada das entranhas.

Esse grito de amor immenso e profundo chamou á vida a misera filha ; Iveta tornou á si, quiz clamar, responder á sua mãe, e não pode ; fez um esforço supremo, e luctando desesperadamente contra o seu conductor, escapou-lhe dos braços e cahiu por terra no mesmo

momento em que Claudio Góes dizia á seus cúmplices :

— Toca! toca! eia! corramos!

Antes que um só dos cavalleiros se tivesse apeado, a mãe Cyriaca abraçava-se já com sua filha e com mão prompta e vigorosa arrancou-lhe a mordaca, beijando-lhe a bôca ensanguentada, e recebeu em seus labios a primeira palavra de Iveta.

— Minha mãe! murmurou a pobre moça, desmaiando outra vez.

— Separem-nas, disse Claudio Góes aos socios.

Os cavalleiros erão quatro, contando Claudio Góes, e lançárão-se todos contra as duas mulheres, uma das quaes estava sem sentidos.

— Ninguem me arranca minha filha! bradou Cyriaca estendendo os braços com raiva e furor, ninguem me arranca minha filha!

Uma lucha desigual travou-se então naquella estrada erma e no silencio da noite; lucha que devia ser breve e cujo resultado não podia ser duvidoso.

A velha cabôcla rugia em vão: em quanto dous homens vigorosos a sostinhão á força em suas mãos de ferro, Claudio Góes e outro cúmplice apoderavam-se de Iveta.

— Minha filha!... minãa filha!... gritava espumando de raiva a infeliz mãe.

— Eu te respondo por ella, disse-lhe o usurario, fazendo acompanhar suas palavras de uma risada sarcastica e infernal.

— Sim! sim! sim! por Deus, que está no céo, has-de responder-me por ella!... respondeu a velha cabôcla com voz rouca, que lhe sahiu por entre os dentes quasi cerrados.

Os dois cavalleiros tocárão seus cavallos á galope.

A mãe Cyriaca não chorava; tinha os olhos seccos e abrasados; sua respiração era um ronco sinistro, e todo seu corpo tremia em convulsão nervosa.

— Até mais ver, Claudio Góes! exclamou ella.

Depois voltou-se para os dous homens que a seguravam e disselhes:

— Assassinos, deixai-me!

E encarando de face um delles, acrescentou com um ranger de dentes feroz:

— Oh!... és tu!... tambem tu!... André! bem te conheço!... tu me pagarás como elle... larga-me! . . Deixa-me!...

Os dous socios de Claudio Góes não responderam, mas também não largaram a velha.

A infeliz mãe passou em breve do furôr á consternação.

— Oh! minha filha! bradou; minha filha! meu anjo querido!... elles te arrancam á tua velha mãe, e vão matar-te! Oh! Sim! vão matar-te! soccorro! soccorro! quem salva minha filha!...

Não ponde dizer mais; sua cabeça inclinou-se sobre o hombro, sua respiração parou, seu corpo tornou-se de gelo, e ficou como morta.

— Diabo! disse um dos dous homens; parece que a velha cabôcla mudou-se desta para melhor... André, que dizes á isto?...

— Digo que ou morreu ou está para isso... o coração fez pauza, e o corpo está frio como se já fôsse cadaver... olha, Pedro, eu nunca matei ninguém... estou com medo...

— Pois em tal caso abandonemos esse corpo velho, e ponhamo-nos ao fresco. A nossa obrigação era conter a mãe para que não corresse atraz da filha, e visto que agora não póde mais correr, corramos nós...

André pensou um momento, e logo depois disse estremecendo:

— Oh! creio que deu um arranco... misericórdia!... está morta!...

Pedro afastou-se de subito e exclamou:

— Fugamos!

— Sim, acrescentou André; fugamos e á bom correr!

Pedro e André saltaram sobre os seus cavallos, e os deitaram á toda brida; mas á pouca distancia André, que hia atraz, saltou do cavallo abaixo, e gritou:

— Acode-me Pedro! acode-me, que cahi do cavallo.

— Desasado! respondeu-lhe o companheiro, correndo sempre; ninguem te mandou cahir.

— Por essa esperava eu, murmurou André sentando-se no chão.

O astuto sobrinho de Anselmo tendo deixado que desaparecesse e longe se puzesse o companheiro que fugia, levantou-se logo depois, prendeu o cavallo á uma arvore á beira da estrada, e voltando para onde estava desmaiada a mãe Cyriaca, levantou a cabeça da pobre velha, examinou-lhe o coração, e pareceu contrariado e afflicto por não saber que partido tomaria, e por não ter alli meio algum para soccorrer a misera mãe de Iveta.

— Ah! disse fallando commigo mesmo; se a casa do tio Anselmo não ficasse tam longe!

— E não está a minha muito mais perto? perguntou uma voz que sahia do bosque.

— Oh! senhor! sois vos?... tornou André levantando-se.

Um vultose chegou para elle; era o Forasteiro.

— Sim, eu mesmo, disse o mysterioso velho.

— Oh! ainda bem... ainda bem... dissei-me o que devo fazer.

— Cumprir á risca as ordens que te deram.

— E a pobre velha cabocla? perguntou André apontando para Cyriaca, que continuava a conservar-se immovel e sem respirar.

— Deixa-a commigo e vai; corre até rebentar esse cavallo, se necessario fôr; é preciso que sigas, e que apanhes Claudio Góes, e que saibas onde se recolhe, ou pelo menos o caminho que toma. Vai.

André obedeceu sem replicar as ordens do Forasteiro; lançou um ultimo olhar de compaixão sobre o corpo de Cyriaca, e, depois, montando de um salto a cavallo, em breve desapareceu na volta da estrada.

Apenas o sobrinho de Anselmo partiu, chegou-se o Forasteiro para junto da mãe Cyriaca,

e depois de ligeiro exame que o tranquillizou, disse:

— Não morreu; e basta o ar da noite para chamal-a á vida.

Momentos depois o velho, sempre tam parco em palavras, começou á fallar em meia voz, e como se se dirigisse ao mundo:

— Não morreu; tornará dentro de alguns minutos á vida, e abrindo os olhos, achar-se-ha dominada por sentimento novo e terrivel, pelo sentimento do odio e da vingança. Até hoje todos a chamavão a bôa mãe Cyriaca, e a ninguem se ouvia uma queixa contra ella, antes louvarão todos sua dedicação e suas virtudes... Mas isso foi até hoje. Amanhã, e de amanhã em diante, muitos hão de chamal-a selvagem féra, e demonio, e nenhum de todos esses procurará saber porque se accenderam as furias da selvagem, a sanha da féra, e quem abriu as portas do inferno ao novo demonio. Oh!... quantos, quantos são máos somente porque os obrigam a sê-lo!...

O Forasteiro suspirou outra vez, e pouco depois proseguio.

— Entretanto eu poderia ter prevenido um crime, uma desgraça, e talvez horriveis vinganças, se não me tivesse demorado tanto; mas

cheguei tarde, e já que não pude salvar a filha, ao menos tractarei de salvar ou de consolar a mãe... E que fará ella, meu Deus?...

Quem poderá conter o furor de uma mãe que sente que lhe roubam a filha, que a deshonram, que a sacrificam aos instinctos brutaes de um homem infame?... quem?... eu?... Oh! não por certo; aqui não ha justiça, não ha lei, não; não ha direito, e portanto...

Um rir ironico e ameaçador brilhou nos labios do Forasteiro, como o relampago que annuncia a tempestade.

— Sim, continuou elle acabando a phrase; sim, e portanto haja a vingança!

Algun pensamento bem alheio ao facto de que o Forasteiro acabava de ser testemunha pareceu apoderar-se exclusivamente de seu espirito; porque um fogo sinistro veio acender-se em seus olhos, e, esquecendo a mãe Cyriaca, o velho mysterioso começou a andar a largos passos pela estrada, até que, cansado, parou e veio sentar-se junto do corpo da infeliz mãe.

— Dentro em pouco recobrará os sentidos, disse elle; o coração já palpita e annuncia a vida; logo palpitará com força assignalando o odio e a vingança. Oh! acorda, leôa ferida! acorda e pre-

para as garras, acorda para castigar o algoz de tua filha; acorda, leôa, acorda! nossos odios, nossas vinganças vão unir-se e prender-se no mesmo laço, e vão marchar par á par até o momento terrível da punição dos culpados. Acorda, leôa! acorda!

Como obedecendo á voz do Forasteiro, a mãe Cyriaca desprendeu do seio um gemido profundo.

— Oh! ainda bem! disse este levantando-se; ainda bem! a leôa desperta.

E afastando-se alguns passos foi sentar-se á beira do matto, e á curta distancia.

— Quero vel-a despertar no silencio da noite, e abandonada nesta posição; quero ouvir sua primeira palavra... quero ver acordar a leôa. Eil-a que se move... escutemos.

Com effeito, a mãe Cyriaca tornava a si; a vida trouxe-lhe a consciencia da sua immensa desgraça; ella ergueu-se como um espectro, levantou os braços e bradou com voz estrugidora:

— Minha filha!

E cahiu sentada no chão.

O Forasteiro não fez o menor movimento.

A mãe Cyriaca não chorou; a sua dôr concentrou-se arida, horrível, tocando ao desespero.

Quando Raphael, depois de lançar, Iveta fóra

de sua casa, separou Branca de todos os entes que amava; quando sobre essa triste moça, sua misera pupilla, fez pezar a mais cruel prepotencia; quando se espalhou a noticia do desaparecimento de Branca, e a incerteza de seu destino, encheu de amargura as almas de todos aquelles que a sabiam presar; a mãe Cyriaca, afficta e angustiada, chegou a persuadir-se de que nenhuma dôr poderia exceder á que então sentia, e que em seu coração Branca e Iveta eram igualmente suas filhas, e que não amava a uma mais do que á outra.

Coube á desgraça vir provar-lhe que no coração de uma mãe ninguem pôde occupar o logar sagrado que a natureza reserva exclusivamente para os filhos.

Cyriaca não tinha morrido do golpe tremendo que recebera, porqu ainda alimentava uma esperanza, a de tornar a abraçar sua filha; não havia enlouquecido, porque ardia-lhe no pensamento um intento sinistro... o de vingal-a.

Esteve muito tempo sentada, immovel como uma estatua; não fallou, não chorou, não gemeu.

O Forasteiro começava á inquietar-se daquella immobildade terrivel.

De repente rompeu do seio da velha cabôcla exclamação mal solta ou mal abafada, que souou como o trovão longinquo da borrasca que se avisinha.

— Vingança!... disse ella.

O Forasteiro sorriu-se triste e amargamente, como quem esperava e comprehendia a violencia do affecto que inspirava aquella exclamação.

A velha ergueu-se logo um pouco, pôz-se de joelhos, levantou as mãos para o céo, e começou á fallar com rapidez :

— Meu Deus! eu vos peço minha filha!... tal qual se achar agora, deshonorada ou morta; eu quero seu corpo manchado ou seu cadaver; eu quero minha filha!... Meu Deus! eu vos peço minha filha!... oh! eu tinha advinhado este acontecimento fatal; eu antevia este golpe... Meu Deus! vós sabeis que eu não tenho ninguem por mim; eu e minha filha podemos contar sómente com vosco! Ah! pobre anjo da minh'alma... Viram-n'a formosa e pura, e o rico, o poderoso desejou-a para sacrificar-a á sua paixão brutal. Eil-a ferida pelo dente venenoso da serpente... a nodoa da deshonor enegrece sua fama... a vergonha a obriga a esconder o rosto, e quando ella passa, os homens a despresam, a insultam, e as

mulheres riem-se della! E o criminoso?... e o algoz?... e o demonio?... oh! lá vae elle impune, ufano, glorioso, procurando com olhos ferozes outras victimas, outras virgens bellas e puras, como Iveta, para saciar seus instinctos desenfreados!

A velha levantou-se trémula de colera, e bradou com vehemencia:

— Ouro! ouro! ouro! oh! tu que animas o crime com a impunidade, tu que adormeces a justiça, tu que fazes gemer a innocencia, tu que és o senhor do mundo, ouro! tu que fazes o rico senhor despotico do pobre, ouro! ouro! ouro! poderás tu desarmar a vingança no coração de uma mãe offendida em sua filha?

E respondeu a si propria soltando uma risada estridente.

E depois estendendo um braço com movimento ameaçador, exclamou:

— Claudio Góes! nós nos veremos!

Poucos momentos guardou silencio e proseguiu logo:

— Muito bem! arrancaram-me do seio dos bosques, da vida errante, da liberdade, da ignorancia feliz dos selvagens; fizêrão-me ouvir a

voz dos padres, aprendi a lei de Deus, e fui bôa; fui bôa, sim; eu sinto que o fui. Amei a meu marido, e guardei-lhe a minha fé de esposa fiel ainda depois da sua morte; reparti o leite de meus peitos, o leite de meus filhos com os filhos dos ricos; trabalhei com o meu braço e não fui pesada á ninguem; eduquei minha filha, ensinando-lhe a amar a Deus e á virtude; e agora, no fim de meus dias, lançam-me a raiva no coração e o desespero n'alma; roubam-me a minha Iyecta!... oh!... roubam-me a minha querida filha!

E com os dentes cerrados continuou:

— E se eu fosse queixar-me deste attentado, se eu fosse pedir justiça áquelles que a devem fazer, se eu lhes dissesse que um rico malvado roubou e deshonrou minha filha, haviam responder-me: « — Que quer dizer isso? pois a filha de uma cabôcla tem honra? .. » ou então, em vez de responderem-me, aconselhariam ao algoz que pagasse com dinheiro a vergonha da victima. Oh! para que me rasgaram a venda que me cobria os olhos?... para me ensinarem a respeitar o pudor?... para que me fizeram conhecer o que é a pureza, a virtude, a miseria, e o peccado?...

A velha torceu as mãos com ancia e tornou a bradar :

— Meu Deus! meu Deus! eu não tenho ninguém por mim, nem por minha filha!... ninguém, ninguém me acudirá entre os homens!

— Eu te'acudirei, disse o Forasteiro mostrando-se.

A mãe Cyriaca recuou um passo e perguntou :

— Quem sois?...

— O Forasteiro.

A velha fez um movimento de indisível surpresa; mas logo depois, estendendo a mão ao Forasteiro, respondeu-lhe :

— Anjo ou demonio, se me podeis restituir minha filha, sêde bem vindo.

— Nem anjo, nem demonio, pobre mulher; eu sou apenas um homem.

— E o que podeis fazer por mim?...

— Tudo, talvez; muito certamente.

— E salvareis minha filha?...

— Conto salvá-la.

— Oh! meu senhor! quem sois?... perguntou a velha cahindo aos pés do Forasteiro.

— Quem sou?... que te importa isso?... basta que saibas que te devo muito.

— A mim?

— Sim, devo-te o que não calculas; quero pagar-te a minha dívida.

— Oh! meu bom senhor! meu bom senhor! seja por que motivo fôr, salvai minha filha!

— Mulher, senta-te ahí e escuta.

— Mas, minha filha! minha filha!...

— Ainda é muito cedo para salvá-la, e é já tempo de meditar.

— Oh! não!

— Escuta, pobre mãe; a afflicção não pode ser bôa conselheira: tua cabeça está em fogo, tuas idéas em desordem, e se te precipitares correndo em procura de Iveta, poderás cair nas garras do seu algoz, e a morte da mãe não salvará a filha.

— Meu Deus! meu Deus!...

— Socega, pobre mãe: guiarei teus passos, hei-de levar-te pela mão ao antro para onde o tigre arrastou a victima, e mostrando-os ambos diante de teus olhos, bradar-te-hei: « — eil-os ahí. »

Cyriaca abafou um grito, que devia ser um rugido.

— Mulher, que sentes?... que desejas?...

— Oh! levai-me... eu quero ver minha filha... levai-me já, ou então correrei só e encontrarei...

— Insensata! nem ao menos sabes medir o teu infortunio, e contar os golpes que te ferem.

— Que quereis dizer?... acabai.

— Não vês que estás cercada de inimigos?... pensas em uma vingança, quando tens trez á tomar? gemes por uma affronta, quando tens trez á vingar?... queres perder-te inutilmente, mulher?... e teus filhos?... quem velará por teus filhos?...

— Meus filhos?...

— Não sentes que uma tremenda desgraça está ameaçando ou já martyrisando todos aquelles que te são caros na terra? queres perder-te?... e o que será de Iveta que luta á esta hora resistindo nobremente e, sem duvida, triumphando dos ataques de um homem desprezível e infame?...

— Minha filha!

— E Branca, que geme em um captiveiro doloroso, e que está condemnada á sacrificio nefando, Branca, que chora sem cessar, e appella para a morte, como seu unico recurso?...

— Branca! Branca!...

— E Leonel, á quem um inimigo poderoso arma todos os dias perigosas ciladas? Leonel que

imprudente se expõe aos golpes da traição, e que de subito pode cahir victima della?...

— Meu filho! oh! é muito! muito! dissestes que me vinheis acudir, e estás me despedaçando o coração! Ah! quereis que eu esqueça minha filha, quereis...

— Pois não comprehendes que o infortunio de Iveta se prende ao infortunio de Branca e de Leonel?... não comprehendes que não se vence Claudio Góes sem se vencer primeiro Raphael?...

— Sim, é isso! bradou a velha furiosa.

— E então?...

— Então... oh! pensas que esta pobre velha, fraca, abatida, insensata, que chora e geme, não é capaz de vingar-se?...

— Mulher! tu sabes que é o odio e a vingança?... sabes o que é o odio que se guarda, e a vingança que se prepara durante metade de uma vida?... De que vingança fallas tu?...

— Fallo da vingança do selvagem; fallo da vingança que faz morrer o inimigo, e que, depois, devora-lhes as carnes palpitantes, e bebe-lhe o sangue quente ainda! fallo da vingança do gentio!

— E como farias tu soar a hora dessa vingança?... não estão os teus inimigos á salvo dos teus golpes?

A velha riu-se com um rir feroz.

— Ninguem está á salvo dos golpes da vingança de qualq̃er, e da do selvagem ainda menos. Atraz do tronco da arvoie corpo-o lenta elle espera dia e noite o inimigo, e quando vê passar, fere-o com a seta envenenada; no povoado e á luz do sol investe-o de subito, **ataca-o** cara a cara e o faz cahir a seus pés ao golpe da pezada clava; se vê que elle se occulta das suas vistas encerrado no lar domestico, o indio, aproveitando as trevas da noite, lança fogo a casa do inimigo, que foge ao incendio, e acaba em suas garras.

— E tu uma fraca mulher...

— Uma fraca mulher vale o mais forte dos homens, quando tracta de vingar as affrontas feitas a seus filhos.

— E por tanto...

— Heide vingar-me; vel-o-heis!

O Forasteiro passou a mão pela fronte que lhe ardia como se estivesse abrasado em violenta febre, guardou silencio por alguns momentos, mostrando-se agitado, e como combatido por

diversos affectos; mas de subito seus olhos despediram um brilho infernal, e elle disse.

— Não... não... nada de piedade.

Depois voltou-se para a velha cabôcla, e proseguiu dizendo :

— Sim! sim! vinga-te, e eu tambem me vingarei! Mulher, o odio nos faz irmãos, e nos conduz pelo mesmo caminho... pois bem, eu te levarei pela mão. Vem, minha irmã, vamos vingar-nos.

Terrivel se havia tornado a voz, e brilhante como um raio o olhar do Forasteiro. A velha tremeu pela primeira vez, e perguntou como já havia perguntado.

— Quem sois, senhor?...

— Que te importa?... pensaste acaso que eu era um velho piedoso que, tocado e commovido pelas tuas desgraças, vinha offerecer-te um auxilio desinteressado? pensaste que o meu coração se havia aberto ao grito da humanidade afflicta?... não, e não! o infortunio apagou todos os sentimentos generosos da minh'alma... Eu já não tenho coração... neste peito não ha mais amor, todo elle pertence ao odio! sim, marchemos á vingança! mulher, uma vez que eu te

sirvo, que te importa quem eu sou, e o porque te sirvo? eu salvarei tua filha. Que mais queres?

— Nada mais! nada mais! salvai minha filha.!

— Temos dous inimigos á combater: Raphael e Claudio Góes.

— Morram ambos! são os algozes de meus filhos...

Uma palavra tremenda, uma imprecção, um juramento fatal, hia escapando da bôcca do Forasteiro; mas elle se conteve á tempo, e tremendo, como aquelle que acaba de escapar de um grande perigo, procurou serenar a exaltação em que se achava.

Quando se sentiu mais socegado, disse:

— Mãe Cyriaca!

— Conheceis-me?

— Eu conheço a todos: mas não me interrompas.

A velha guardou silencio.

— Mãe Cyriaca, ha muitos annos que nem um ente humano me ouve fallar por tanto tempo; é que estão prestes á acabar os dias do silencio e do mysterio; mas cumpre que ponhamos termo á esta scena. A promessa que ha pouco te fiz, re-

pito-a : salvarei tua filha ; com uma condição porém...

— Dizei-a, senhor...

— Nenhum passo darás, nada tractarás de executar, sem que eu o saiba de antemão. Eu quero confiança plena : eis a minha condição.

— Aceito-a.

— Juras cumpril-a ?

— Por minha filha, o juro ! senhor.

— Basta, disse o Forasteiro estendendo-lhe a mão, que Cyriaca beijou com respeito ; basta : eu salvarei tua filha.

— E quando ?

— Bem cêdo : agora segue-me ; a dôr e a fadiga te quebrarão as forças ; deves descansar ; acompanha-me.

— Para onde, senhor ?..

— Para a minha casa ; é uma gruta no seio da floresta, mas alli estarás mais segura do que em tua casa.

A velha hesitava.

— Segue-me ! repetiu o Forasteiro.

A voz desse homem mysterioso impunha uma ordem, e a mãe Cyriaca, já dominada por elle,

obedeceu silenciosa, e acompanhou o Forasteiro, que marchava adiante.

Meia hora depois tinham ambos chegado á gruta, que já conhecemos.

O Forasteiro affastou o pesado tronco, que fechava a entrada do seu asylo, e disse á mãe Cyriaca :

— Entra e dorme.

— Dormir? exclamou a velha; dormir, quando minha filha padece?!...

— Precisas reconquistar tuas forças para ajudar-me a salvar-a. Mãe Cyriaca, eu quero em tudo ser obedecido; entra, dorme, e em premio de tua obediencia eu te direi, ao romper da aurora, onde é que Claudio Góes esconde tua filha aos nossos olhos.

A mãe Cyriaca entrou na gruta; se dormiu, ninguem soube; é provavel que não; mas apenas o trinar dos canarios annunciou a primeira luz do dia, tornou a apparecer á entrada do agreste asylo, e viu diante de si o Forasteiro sentado á sombra de uma arvore.

A pobre mãe vinha colher o premio da sua obediencia.

— Senhor, disse ella, entrei e dormi; dizêi-me agora: onde está minha filha?...

O Forasteiro respondeu promptamente :

— Tua filha foi levada por Claudio Góes para
a *Cova-negra*.

V

LEONEL E JORGE

Nós estamos ameaçados
da mesma desgraça.

SHAKSPEARE. (*Romeu e Julieta.*)

O véo do mysterio que envolvia o Forasteiro começa finalmente a romper-se. Ou seja que esse notavel personagem tenha presentido a aproximação de uma catastrophe, ou que não podesse por mais tempo esconder o terrivel pensamento que o domina, é certo que acabava de abrir sua alma aos olhos da velha Cyriaca, e de deixar ler no intimo della a idéa sinistra da vingança contra Raphael.

Ainda não sabemos que homem é o Forasteiro, ainda ignoramos d'onde veio, e qual a origem do odio que vota ao oppressor de Branca.

A gratidão que prende o Forasteiro á Leonel não podia inspirar-lhe tão ardente sede de vingança. A gratidão é um sentimento nobre, ge-

neroso, elevado, e suas inspirações não podem ser senão elevadas, generosas e nobres como ella.

Outra deve ser por tanto a origem d'aquelle odio; mas uma vez que o odio se patentea, uma vez que a vingança se pronuncia, o homem hade em breve mostrar-se tambem tal qual é.

No entanto uma contradicção se faz notar no character do Forasteiro.

Como é que este mysterioso personagem, que até agora só se tem feito notar pelos beneficios que derrama na casa do pobre, pelas consolações que leva á cabana humilde, onde gemem infelizes, e em uma palavra pelas virtudes suaves da gratidão e da caridade, pode ao mesmo tempo aninhar em seu seio o feroz sentimento da vingança?...

Como é que no mesmo coração cabem as virtudes do céo e uma paixão do inferno?...

A vingança é paixão mesquinha e baixa; faz descer o homem e nunca o eleva; a victima que se vinga sem nobreza, desarma a vindicta publica que com o aborrecimento ou com o desprezo castigava o algoz.

Ha só uma vingança digna do homem nobre: é aquella que concede a vida no momento em que pode matar o offensor; é aquella que per-

doa, quando se acha em posição e circumstancias que lhe permitem punir.

Não se pode exigir do homem que esqueça uma affrontosa injuria, uma offensa profunda; mas aquelle que perdoa é generoso e grande.

É certo que o *Forasteiro*, logo depois de haver procurado excitar as furias da velha cabocla contra Raphael, fazendo-a acreditar que o rapto de Iveta por Claudio Góes era resultado do mesmo plano de oppressão e prepotencia que determinára a reclusão ou o captiveiro de Branca, pareceu arrepende-se e dominar-se. refrear seus occultos intentos que por instantes deixára transluzir.

Mas essa mudança subita era inspiração de animo superior, que se arrepende de um pensamento indigno e turvo, ou era effeito da presumpção da força propria, e empenho feroz de reservar só para si o gozo brutal da satisfação do odio velho ?...

E onde e quando poderá Raphael ter ultrajado o *Forasteiro* tão profunda e cruelmente, que um quarto de seculo não fôra bastante para abrir sua alma ao doce e grandioso sentimento do perdão ?... É esse o segredo que o mysterioso personagem guarda ainda em si, e esconde som-

brio no coração, como se occulta elle proprio no seio da floresta e no fundo de sua gruta.

A velha Cyriaca apenas acabou de ouvir que sua filha fôra levada para a *Cova-negra*, curvou-se acesa em colera terrivel, mas reconhecida ao favor da noticia, beijou a mão do *Forasteiro*, e fez um movimento para partir.

A raiva embargava-lhe a voz; ella não podéra proferir uma só palavra de agradecimento; o *Forasteiro* porém reteve-a segurando-a pela mão, e perguntou :

— Onde vaes, mulher?...

Cyriaca encarou-o, como espantada da pergunta :

— Onde vae?...

A cabocla respondeu, fallando por entre os dentes e como se mordesse as palavras :

— Vou... lá... vou... lá...

— Não hasde ir, serias victima, e sem proveito para Iveta.

A cabôcla rio-se com o rir dos selvagens em furia.

— Ouve-me, pobre mãe, estou prezo a ti por divida que nunca poderei pagar de todo! salvarei tua filha... ella voltará a teus braços amanhã... eu t'a irei levar...

A cabôcla olhou desconfiada para o *Forasteiro*.

— Mulher! eu te prometti hontem que hoje te diria onde Claudio Góes tinha em prizão tua filha, e disse-t'o; hoje eu te prometto que amanhã te restituirei Iveta.

A cabôcla meditava já dissimulada.

— Mae Cyriaca, obedece-me; vai para tua caza e espera.

— Quem é o senhor?...

O *Forasteiro* que quasi sempre se empacientava, ouvindo tal pergunta, respondeu serena e brandamente:

— Que te importa?... posso aqui muito; eis para ti o essencial; devo-te...

E a voz rouca e aspera do *Forasteiro* parecia commovida, sabindo-lhe tremula ao dizer:

— Devo-te... o que me fez... o que me faz viver...

— A mim?...

O *Forasteiro*, como arrependido de sua commoção, disse com imperioso tom:

— Quero que me obedeças.

A cabôcla abaixou a cabeça e murmurou:

— Vou para casa... esperarei até amanhã.

— E tanto peor para ti e para Iveta, se não

me obedeceres, disse o *Forasteiro* largando a mão da velha Cyriaca.

— Até amanhã! balbuciou esta, retirando-se triste e á passos vagarosos.

O *Forasteiro* acompanhou Cyriaca com os olhos até vê-la desaparecer; logo depois disse baixinho e fallando consigo mesmo:

— Leva n'alma o odio e a vingança; bem os conheço! mas que espere ou que não espere, hei-de salvar-lhe a filha.

E logo depois encaminhou-se apressado para fóra da floresta.

A velha cabôcla que vagarosa se afastava, logo que se achou livre das vistas do *Forasteiro*, foi pouco e pouco apressando a marcha até que, chegando á estrada, em vez de se dirigir para seu *sítio*, onde promettera ficar esperando *um só dia*, avançou rapida não em direcção ao rio Iguá, alem do qual ficava a *Cova-negra*, mas em sentido opposto para o rio *Aldêa*, cujo nome lhe viera da muita proxima aldêa de indios chamada de *S. Bernabé*, e onde ainda então abundavão muitos selvagens mansos, apenas porem de má vontade sujeitos ao dominio, e a effectiva, justa, mas irritavel superioridade senhorial dos portu-guezes conquistadores, dos seus descendentes

e dos novos colonos, que tinham em desprezo e não poupavam em seus vexames os proprios indios aldeados e livres aviltados pelo facto da escravidão e da venda publica de seus irmãos caçados e aprisionados no interior do Brazil.

Era para o seio do odio abafado contra os portuguezes que corria impetuoso o odio furente e transbordante da cabôcla Cyriaca contra Claudio Góes — o onça — portuguez de má fama, detestado e aborrecido.

Emquanto uma mãe exasperada, e um velho mysterioso planejam sua vingança, duas jovens infelizes soffrem longe d'aquelles que amão a violencia da oppressão e do rigor de seus tyrannos.

Branca vive ainda encerrada na sala contigua á capella da fazenda de Raphael.

Iveta foi arrastada por Claudio Góes para a velha casa da *Cova-negra*.

Todavia, essas duas formosas donzellas eram amadas, e os mancebos a quem tinham dado corações e pensamentos onde estão?... o que fazem elles que não voam em defeza dos caros objectos de seus aínos?

Ainda bem que os chamamos a tempo.

Éra meio dia.

Dous cavalheiros que faziam seus cavallos cor-

rer a toda brida, param de subito em frente um do outro, na estrada que vae do Aldêa para a nascente povoação de Itaborahy.

Ao mesmo tempo que os cavallos esbarravam, roçando o chão com as ancas, os dous cavalheiros gritavão juntamente :

— Jorge !

— Leonel !

— Oh ! ainda bem que te encontro !

— D'onde vens tu, Leonel ?

— Da casa de teu pai, do sitio da mãe Cyriaca, da fazenda de minha madrinha, do centro dos bosques visinhos, de toda a parte emfim. ah ! corro ha quatro horas !

— E então ?

— É abominavel ! a mãe Cyriaca tinha ficado hontem de levar Iveta para nossa casa... não appareceu .. mandamol-as buscar, e soubemos tudo...

— Tudo que?. que sabes?...

— O essencial ; ficamos sabendo que tinham ambas desaparecido...

— E para onde forão, dize?...

— Para onde, Jorge?... tu m'o perguntas?... Jorge ! Jorge ! queres que t'o diga?...

— Sim, dize tudo, ainda que seja uma injúria...

— Jorge, uma *onça* devorou uma cordeirinha. O filho de Claudio Góes fez-se côr de sangue.

— Jorge, continuou Leonel, creio que vamos deixar de ser amigos; um abysmo medonho vae separar-nos; teu pae foi o algoz de minha irmã, e minha irmã hade ser vingada por minhas mãos.

— E quem te assegura que foi meu pae que...

— Quem me assegura? pois não sabes que teu pae queria, a todo o transe, cortar pela raiz o amor que te unia a Iveta? não sabes que ainda hontem de manhã dirigiu á mãe Cyrica proposições infames, que tinham por fim nada menos do que comprar a preço de ouro a honra de minha irmã?... Jorge! Jorge! ignoras que teu pae é teu rival, e que elle te rouba Iveta?...

-- Leonel! bradou Jorge, como se acabasse de ser mordido por uma serpente.

— Disse a verdade, e agora repito: teu pae foi o algoz o raptor de minha collassa, de minha irmã, e eu heide vingal-a por minhas mãos; a minha vingança hade ser um abysmo cavado

entre nós dous; não podemos continuar a ser amigos, e se havemos de separar-nos amanhã, separemo-nos hoje. Adeus.

— Um momento, disse Jorge.

— Falla; mas lembra-te que tenho pressa: falta-me visitar um escondrijo que bem conheço; ainda não fui á *Cova-negra*.

Ao nome da *Cova-negra*, Jorge tornou a corar; muito habituado, porém, a soffrer e a conter-se, serenou depressa e disse:

— Leonel, ainda quando fosse exacto tudo quanto acabas de dizer, é positivo que aquelle que ousasse levantar a mão contra meu pae, havia de pagar-mê caro essa injuria.

— E farias, ou farás muito bem, é o que digo; teremos de ajustar contas, e não podemos mais ser amigos.

— Escuta ainda. Sabes que amo Iveta...

— Ouço-te dizer isso ha muito tempo...

— E duvidas dos meus sentimentos?

— Tenho um coração de fogo, e por isso não admitto amores de gelo.

— Oh! és muito cruel!

— Estamos, ou estou perdendo tempo muito precioso.

— Eu amo Iveta e por tanto a mim é que compete defendê-la.

— Mas se não sabes ou não queres fazel-o? heide abandonar minha irmã a um defensor que nunca fez por ella o mais leve sacrificio?

— Leonel, lembra-te que tens mais a quem defender.

— Jorge, lembra-te que tenho dous braços; sinto-me sufficientemente forte para salvar Branca e Iveta das garras de seus oppressores.

Jorge deixou cahir a cabeça, e depois de meditar tristemente alguns momentos, encarou de novo Leonel e disse:

— Tens razão; sou indigno do amor de Iveta; obedecen lo cegamente a meu pai, não ousando nunca resistir a um só de seus caprichos, coopei para a desgraça dessa menina encantadora.

— Ainda bem que o reconheces.

— E ainda melhor, que me sinto agora com força e animo para sacrificar tudo por ella. Leonel, não se hade cavar um abysmo entre nós dous; não precisarás vingiar tua irmã, porque eu heide conseguir salvá-la, e dar-lhe o meu nome á face de Deos e dos homens, a despeito de tudo.

— Jorge, nunca te ouvi fallar assim...

— Não sei se é real quanto me dizes; não sei se meu pai tem parte no desaparecimento de Iveta, mas hei-de saber-o hoje mesmo.

— E como?

— Fallando a meu pai.

— E onde se acha elle?

— Onde quer que esteja, hei-de encontral-o antes da noite.

— Mas que fizeste, onde te escondeste até agora?... foi preciso que a minha voz despertasse o dever em tua alma, Jorge?

— Ainda me insultas, Leonel?

— Jorge, eu tenho o coração cheio de raiva; perdoa.

— Hontem meu pai fez-me partir de repente para a cidade; voltei depressa, mas cheguei tarde, e hoje ao romper da aurora, procurando encontrar-me com Iveta, achei o sitio de sua mãe abandonado; logo depois chegou a meus ouvidos a noticia terrivel do seu desaparecimento; fiquei como louco. Tenho, como tu, corrido horas inteiras em procura de Iveta, e agora ouvindo-te, confesso que combinando aquelle desaparecimento com a ausencia prolongada' de meu pai, sinto que tenho de corar...

— E ignoravas que teu pai era teu rival?..,

- Não o repitas... isso é impossível!...
- Pois é verdade.
- Quem t'o disse?..,
- A mãe Cyriaca.
- Meu pai queria desposar Iveta?..
- Não; mas pretendia deshonral-a.
- Meu Deos!
- Offereceu ouro... riquezas...
- Basta... basta... não vês que me matas, Leonel?
- Vê portanto os horriveis perigos a que está exposta minha irmã.
- Sim, vejo, e comprehendo tudo; mas eu a salvarei.
- E ousarias levantar-te contra teu pai?..
- Não, Leonel, nunca; ha porem mil recursos, de que poderei lançar mão para salvar Iveta a despeito de meu pai; recursos que a virtude não engeita e para os quaes entretanto eu só áppellarei, se meu pai não attender á voz de seu filho...
- Pretendes pois...
- Fallar de joelhos a meu pai, e tocar pela primeira vez o seu coração.
- Jorge, emprega melnor o tempo, que hoje nos é tão precioso.

— Cumprirei antes de tudo, e sempre, o meu dever.

— Teu pai é máo homem, e nem merecia um filho como tu és.

— Leonel, eu não tenho, nem dou a ninguem o direito de insultar meu pai.

Era nobre e santa essa sujeição e esse respeito de filho a um pai desamoroso e cruel. Jorge devia esperar do céu o premio da obediencia e do respeito que tributava a seu pai.

Um filho, ainda mesmo quando não deva amor e extremos cuidados á seus pais, tem obrigação restricta de honral-os, de respeitál-os profundamente.

A obediencia é a virtude dos filhos.

Aquelles que são máos filhos, têm de receber no mundo o mais doloroso castigo, quando por sua vez fôrem pais.

A nenhum filho assiste o direito de perscrutar o passado, de censurar a vida, as acções, e o procedimento d'aquelles a quem deve o ser.

Os pais são objectos sempre sagrados, e cumpre que tenham um altar no coração de seus filhos.

Quem não é bom filho, nunca será bom cidadão, nem bom esposo, nem bom pai; a sociedade

deve desconfiar do máo filho ; porque, elle é por isso mesmo homem ingrato e sacrilego.

E sobre a cabeça do filho obediente e respeitoso, ainda que não desça a benção do pai, se o pai é desamoroso e tyranno, desce sempre a benção de Deos, que lê em todos os corações.

E portanto Deos abençoava Jorge.

Leonel, o mancebo impetuoso e vehemente, ouvindo a resposta de Jorge, não se irritou, nem se julgou offendido ; ao contrario estendeu-lhe a mão e disse :

— Perdoa-me outra vez ; nunca mais te offenderei, como hoje tenho feito.

Jorge apertou generosamente a mão que lhe offerencia o amigo, e respondeu :

— Não se trata de offensa, nem de perdão, Leonel ; occupemo-nos do que mais importa.

— Sim, occupemo-nos de Branca e de Iveta.

— O mesmo pensamento nos une, dous golpes mais ou menos semelhantes nos ferem, unamo-nos pois, Leonel, para melhor resistirmos e vencermos a desgraça.

— Creio que nos deviamos considerar unidos ha mais tempo.

— Sim, porém agora mais que nunca.

— Excellentemente ; se fôres nas acções, como

te estás mostrando nas palavras, temos a partida ganha.

— Vêl-o-has.

— Pois bem, trabalhemos de accordo; tu te encarregas de salvar Iveta.

— E tu de libertar Branca.

— Isso fica á minha conta. Se precisares dos conselhos, do braço, e da dedicação de um amigo...

— Lembrar-me-hei de ti.

— E vêr-me-has voar em teu auxilio com a rapidez do raio.

— E tu tambem, se para arrancar Branca das garras de seu indigno oppressor, tiveres necessidade de um companheiro fiel, e...

— Não, não, Jorge; já tenho-me sahido mal com um companheiro obrigado, que constantemente me segue; se não fosse elle, ou eu já estaria morto, ou já teria feito com que Raphael se arrependesse da tyrannia com que atormenta aquella que deve ser minha.

— Regeitas-me, Leonel?...

— Não te regeito; mas quero ver o que consigo trabalhando só.

— Sou melhor do que tu; porque em todo

caso appellarei para ti, se as circumstancias a isso me obrigarem.

— E onde nos encontraremos?... virás á fazenda de minha madrinha?...

— Não; escrever-te-hei pelo velho Anselmo.

— Como te parecer. E agora que vaes fazer?...

— Vou procurar meu pai.

— E eu esperarei que chegue a noite para desferrar-me tres dias que me tomarão.

— Temos perdido muito tempo, Leonel, adeus!

— Adeus, e lembra-te de minha irmã.

Os dous mancebos apertaram cordialmente as mãos, e iam separar-se, quando Leonel, como se lhe tivesse brilhado n'alma um pensamento feliz, exclamou:

— Inda um instante.

— Que queres?

— Tive uma idéa singular... talvez seja extravagancia...

— Dize sempre.

— Ha um velho mysterioso, que tem zombado um pouco de mim, fazendo-me ficar em casa tres dias e tres noites, e... mas não importa. Esse velho é conhecido pelo nome de Forasteiro... seja como fôr, elle sabe tudo: é uma especie de feiti-

ceiro que advinha os segredos dos outros, e que vê o que se passa *na casa alheia...*

— E então?

— Não tenho certeza do lugar para onde teu pai arrastou minha pobre irmã; se fossemos consultar o Forasteiro?!...

— Perderíamos duas horas inutilmente.

— Inutilmente?... quem sabe?...

— Leonel, tu acreditas nesse homem?...

— Não tenho remedio senão acreditar nelle; juro-te que sabe tudo...

— Poderemos encontral-o?...

— Em meia hora levo-te á sua solitaria morada.

— Pois vamos.

Jorge e Leonel iam partir, e já davam de rédea a seus cavallos, mas sahiu do bosque e appareceu á beira da estrada um vulto negro que lhes disse :

— Estou aqui, mancebos.

Era o Forasteiro.

VI

IVETA E A ONÇA

Lá vae a bella princeza
Que os mouros levão captiva...

(BALLADA ANTIGA.)

As informações dadas pelo Forasteiro á velha Cyriaca eram exactas, as suspeitas de Leonel eram bem fundadas: Claudio Góes tinha feito conduzir Iveta para a *Cova-negra*.

A onça arrastara a presa para o seu antro.

Como um homem, no meio de uma sociedade que tinha leis que puniam o crime, e juizes que deviam executar as leis, ousava perpetrar tão nefando attentado?

Satisfaz-se esta pergunta examinando o estado do paiz, e o character da sociedade na epocha em que teve lugar aquelle factó.

Iveta estava sujeita á duas condições de mespreço.

Pertencia a uma raça vilipendiada.

Tinha, para desmerecer ainda mais, o labéo da pobreza.

Quem quizer julgar com justeza o passado, chame a contas a actualidade.

O que se passava n'aquelles tempos de triste recordação, era ainda cem vezes mais revoltante do que aquillo que hoje se observa.

Compreenda-se, portanto, a extensão do soffrimento.

No seculo das luzes ha sombras medonhas; no seculo das trevas havia horrores.

N'aquella época tormentosa, entre muitas outras, contava-se duas especies de oppressões abusivas e tyrannicas.

A oppressão da riqueza.

A oppressão da raça.

O pobre não tinha direitos: se a prepotencia do rico o esmagava, devia soffrer em silencio; se gemesse, rir-se-iam delle; se pedisse justiça, castigariam-no pelo seu atrevimento.

A riqueza erigia, fundava no Brasil colonizado o poder do feudalismo, que se estava desmoronando no velho mundo.

Era um feudalismo que não se prendia aos costumes, que não tinha por base instituições nem prerogativas, que não estava reconhecido

pelas leis, nem pelo estado, mas que se fazia sentir sómente pelos abusos e pela prepotencia.

A riqueza formava o potentado territorial, e este mandava nos seus dominios, e nas suas fazendas; governava os pobres que em suas terras vinham habitar, como os senhores da idade média no bom tempo de barão e cutello.

As leis não garantiam, não permittiam esse poder individual; mas o poder abusivo existia á despeito das leis.

Já la vae mais de um seculo, e es a especie de feudalismo ainda existe no interior das provincias mais remotas do Imperio!

O potentado ainda é senhor, e pode mil vezes mais do que as leis.

Que infames attentados não se practicavam contra os pobres, sómente porque elles eram os desyalidos da fortuna?

O pobre devia ser um escravo, um instrumento, e muitas vezes até um algoz á soldo ou á ordem do rico.

O *capanga* do nosso tempo dá uma idéa do que seria o capanga d'aqueltas éras.

O pobre era offendido na sua fazenda, e o que é mais, na sua honra.

A esposa e a filha do rico eram objectos sagra-

dos, e devião sel-o. A esposa e a filha do pobre ficavam repetidas vezes á mercê da concupiscencia dos ricos libidinosos.

A honra dos pobres era como uma mercadoria, que se podia comprar á ouro, quando não se sacrificava á força.

Poderíamos ainda dizer muito, mas preferimos deixar o quadro incompleto.

Até aqui — a oppressão da riqueza.

Agora — a oppressão da raça.

A conquista do Brasil tinha sido feita como parecia melhor convir aos conquistadores; sua historia escreveu-se com caracteres de sangue.

Quando a cruz alcançava seus gloriosos triumphos, a espada resentia-se; a cruz era um estorvo para a espada, porque a cruz era o escudo dos fracos.

Os indios eram mortos, ou redusidos á escravidão.

A selvaticueza dos indios, seus costumes rudes e ferozes assignalavam a superioridade da raça conquistadora.

A miseria e a escravidão ainda mais desprezo chamaram sobre os indios.

Os descendentes desses infelizes eram menos-

presados como elles; traziam do berço, ou antes, do seio materno, o peccado original.

A raça europea olhava, pois, com desprezo para a raça americana; os indios cathechizados e seus descendentes eram os illotas do nosso paiz.

Os proprios jesuitas muitas vezes reduziam esses desgraçados á condição de escravos.

A consequencia destes factos era que um abysmo separava as duas raças. Os senhores não se podiam ligar aos escravos, os conquistadores marcavam com o ferrete da ignominia aquelle dos seus que se entrelaçava com os parias da America.

Assim, um europeu podia sacrificar no altar de seus lascivos appetites uma india, ou uma descendente da raça vilipendiada; mas se lhe dêsse seu nome, se a tomasse por esposa, seria apontado com dedo reprovador.

Entretanto, se o paria conseguisse enriquecer, o encanto do ouro lavava a mancha original.

O paria rico passava a nobre.

Mas se pelo contrario á pobreza juntava-se a vileza da raça, como em regra succedia, a degradação era completa.

A distancia que separava um rico de um

pobre era ainda menor do que essa que afastava uma da outra as duas raças.

Cumpre agora lembrar que Iveta era mame-luca e pobre, e Claudio Goes europeu e rico.

Como se havia enriquecido Claudio Goes, pouco importa.

Quem pergunta ao millionario improvisado d'onde lhe veio a fortuna?...

Esse estado do Brasil colonial, essa oppressão da riqueza e oppressão de raça, explicão a ousadia com que Claudio Góes commettera desassombradamente um crime de rapto, e o desespero em que ficára a velha Cyriaca, concebendo e preparando projectos de vingança.

O usurario contava com a impunidade.

As victimas sabiam que não tinham soccorro algum a esperar da justiça humana.

Iveta devia contar sómente com a sua virtude para resistir, e com a dedicação de sua mãe e de bem poucos amigos para escapar ao immenso perigo que corria.

Iveta havia desmaiado no momento em que a arrancaram dos braços de sua mãe.

O ar frio da noite, e o movimento acelerado do cavallo, sobre o qual era levada, fiseram Iveta tornar á vida dentro em pouco.

A infeliz moça abriu os olhos, e coordenando suas idéas, reconheceu a situação em que se achava, e o terrível infortunio que a esmagava.

Lágrimas da mais acerba afflicção banharam seu rosto formoso; o tropear do cavallo encobria apenas seus soluços e gemidos.

De subito, porém, deixou de chorar e de gemer.

Começava a ferver o sangue ardente da maeluca.

A colera tomava o lugar da afflicção.

Iveta ainda ignorava para onde a levavam; mas sabia já quem era o seu raptor.

Tinha vergonha da paixão que inspirára a Claudio Góes, mas reconhecia-se com força para resistir a tão despresível inimigo.

Sentia no coração um odio feroz; parecia que já não amava a ninguém, nem a sua mãe, nem a Jorge, nem a Branca, nem a Leonel; todas as faculdades de sua alma, e todos os seus sentimentos se reuniam para dar lugar a um unico affecto — o odio.

Quasi que teve vergonha de haver chorado.

Concentrou-se toda na sua colera e nas revoltas de seu animo; não chorou, nem tornou mais a gemer.

Levada incommodamente nos braços de um rude cavalleiro, sentia-se atormentada pelo correr do cavallo; mas não deixou ouvir nem a mais leve queixa.

Jurára a si mesma não mostrar-se fraca á seus oppressores.

Esperava anciosa o termo da viagem.

No fim de uma longa hora de marcha, os cavalleiros pararam. Tinhão chegado.

Iveta não conhecia o lugar para onde acabavam de arrastal-a. Era a *Cova-negra*.

Fiserão a filha de Cyriaca apear-se do cavallo em que fôra levada. Um dos cavalleiros que a tinham acompanhado a recebeu nos braços.

Iveta reconheceu nelle André, o sobrinho do velho Anselmo, que ao conduzil-a para a casa sinistra, aproveitando o momento em que se adiantára um pouco dos companheiros, murmurou-lhe ao ouvido :

— Resista e espere.

— Que é lá?... perguntou uma voz que fez estremecer Iveta.

— Ah! exclamou André, depondo a pobre captiva á porta da casa, perdoe-me vossa mercê, mas por ser bonita e de grande valor, a carga

não é menos pesada! por minha alma, tres arrobadas!

— Cala-te, animal!...

E ou fosse que Claudio Goes houvesse desconfiado da fidelidade de André, ou que tivesse de mandar por elle participar a Raphael o resultado da empresa, certo é que immediatamente o despachou com esta incumbencia, ou fel-o ausentar-se sob este pretexto.

Breves minutos depois achou-se Iveta em uma sala de má e feio aspecto do pavimento superior da casa solitaria da *Cova-negra*.

Á luz de rude candieiro que descansava sobre tosca mesa de jacarandá no meio da sala, a victima viu Claudio Goes que para ali a fizera conduzir, retirar-se logo, como quem tinha disposições á tomar, deixando á porta ou de sentinella ou á espera d'elle uma mulher de rosto, figura e modos grosseiros, que evidentemente estava ás ordens de seu amo.

Iveta livre da mordança conservava-se immovel e em silencio sentada em uma grande cadeira de braços e de encosto, tambem de jacarandá e com assento de sóla, onde a tinham largado.

Em quanto Claudio Goes sahindo por instantes dava as suas ultimas instrucções aos

sequazes, e voltando revistava ainda o carcere que dispusera para o captiveiro da *mameluca*, esta, dominando a fraqueza do seu sexo com a energia de sua raça, comprehendeu todo o horror da sua situação, sentiu-se com forças para defender sua honra, arrostrando a violencia até salvar-se pela morte; reagiu contra as dôres de seu corpo tão magoado, concertou quanto pôde a desordem de seus vestidos e esperou com aquella tranquillidade dos martyres que é a abnegação da vida.

Em Iveta, a civilisação e os cuidados de uma educação desvelada e muito superior ás mulheres de sua classe davão-lhe a delicadeza e as suaves exterioridades das filhas mais mimosas dos colonos portuguezes ricos e de ostentoso trato; mas o sangue, a natureza selvagem, o espirito de independencia, e os instinctos ferozes do berço, da infancia, da puericia da cabocla, que cathequisada se tornára tão boa e tão generosa, e do quem ella era filha, tinham acendido em seu animo e temperado, em seu character, aquella flamma energica, aquella indomavel força de vontade que immortalisavão na historia do Brazil os mamelucos de S. Paulo, esses irmãos de Iveta pela mesma raça mistiça.

A *mameluca* esperava pois immovel e silenciosa; esperou muito, medindo o tempo pela terrivel certeza de ataque escandaloso e infame; esperou apenas minutos porque Claudio Goes não tardou a dirigir-se a ella; mas ao envez de todos os seus calculos, a *onça* veio simular-se cordeiro.

O repugnant3 e miseravel velho usurario, Claudio Goes — o *onça* — não rugiu como féra, esforçou-se por abrandar o aspecto, por ameigar a voz, e disse mansamente:

— Menina Iveta, perdoa-me o mal que acabo de fazer-te, mas não o temas em peiores consequencias. Tens de ficar aqui por alguns dias, ou talvez por duas ou tres semanas, reclusa é certo, porem respeitada, intacta e pura, isso tambem é verdade, e juro-o por todos os santos do reino do céo, palavra de honra!

A *mameluca* guardou silencio.

Claudio Goes que a olhava com mal contido ardor concupiscente, proseguio dizendo:

— Mereces tudo pela tua formosura; mas ha interesses de familia, que são cousas do diabo!... eu bem quizera; não posso porem ceder-te meu filho!... olha: o caso é este... estou quasi a pedir esmolas! emprestei o melhor, quasi todos

os fructos de minhas economias ao senhor Raphael, e se não caso Jorge com Branca, que tem de seu, não deixarei a meu filho com que comprar a sepultura!... este casamento enriquece Jorge, e me paga por certos ajustes, a divida do senhor Raphael... eis o caso... é tal e qual!

Iveta nem parecia ouvir.

— Olha, menina; mal, não te queria eu!... se és tão boa e tão formosa!... o diabo foi que se metteu nisto! os teus amores com Jorge me trazem duas pobresas... a minha, e a de meu filho... era calote certo do senhor Raphael, que sem a riqueza da pupilla não tem onde caia morto!... o segredo do caso é este, e vá eu para o inferno, se não é assim. Casado Jorge estás livre, e pura como entraste aqui!...

Iveta em silencio e immobildade afigurava uma estatua formosa; porem seus olhos radiavam com a flamma da colera, seus cabellos soltos e os negros aneis das madeixas longas cahião-lhe pelas costas até os braços da cadeira; e pelas faces descião em enchente á cobrir-lhe os seios que arfavão com a violencia do animo revolto: á luz fraca e dubia de pobre candieiro quasi na penumbra, o rosto encantador e a figura graciosa ainda na dôr contrahida, e nessa espe-

cie de abandono do corpo inerte, mas do corpo cheio de ondulações, e de contornos admiráveis e voluptuosos, incendiavam o velho usurario, o velho animal, que escravo de seus sentidos e de condemnavel paixão, atormentava-se para esconder projectos, intenções sinistras na mais refinada e perversa hypocrisia.

Claudio Góes o *onça* enxugou com a manga da velha vestia já sem pello as bagas de suor que lhe corrião da fronte, e ainda refalsado proseguio fallando :

— Como Jorge ha moços, e melhor do que moços inconstantes e doudos, ha homens de juizo que te podem fazer feliz pelo amor e invejada pela riqueza !... isto é que é real, isto é que vale !... mas isto fica por tua conta !... olha, minha filha, cazado Jorge com Branca, tu sahirás d'aqui intacta e pura, como aqui entraste... eis o que é certo... e depois conta comigo ! é claro, como a luz do dia, que te deverei compensações... sou homem honrado... hasde ver !... menina Iveta, nem sabes o que vales !... Iveta ! Iveta !...

O velho atraçoava-se em impeto mil vezes ridiculo em sua idade e em sua figura de usurario quasi maltrapilho ; mas ainda á tempo contendo-

se com os recursos de sua hypocrisia mal sustentada, disse arrefecendo a fervura de sua voz e de seus impulsos lascivos :

— O caso é este, sem tirar nem pôr : até que Jorge se caze com a pupilla do senhor Raphael, tu ficarás aqui preza, mas soberana ; rainha da caza, sem sahir de caza... depois... o teu juizo fará o resto... eu não te importunarei ... és prizioneira... que diabo de prizioneira !... olha, menina ; aqui é fallar por boca !... tens uma criada, que é aquella mulher que ali está, e um escravo, que tudo fará por ti... é fallar, é querer, é mandar !...

Claudio Góes avançára um passo com ardor apaixonado ; mas recuou logo ante o olhar fito e fulminador de Iveta, e envergonhado talvez da presença da criada, ou da mulher carcereira assalariada que testemunhava a scena, accrescentou, bradando com raiva :

— Menos sahir d'aqui !...

E retirou-se com passos apressados.

O silencio obstinado, a immobilidade solemne e o olhar flammigero, deslumbrador, audacioso, e fulminante da victima tinhamo desanimado, confundido e espantado o algoz.

Mas o *onça* recuou e fugio; porque podia voltar e porque contava com a preza.

Iveta ficava na *caza negra*, que era um dos antros do *onça*.

A criada de Iveta era somente a carcereira da misera captiva.

A fome e a sede asseguravão recursos ao crime...

A fome esgota as forças, e abate o animo.

A sede que é mais cruel e irresistivel, obriga a aceitar a taça envenenada que impõe o somno preparado para a perpetração do crime.

O *onça* contava com a obediencia cega da carcereira, e com o somno da victima.

VII

ALDA

Eu tinha mais cousas para te escrever ; mas não quiz faze-lo por tinta e penna; porque espero ver-te cedo e então fallaremos cara á cara.

S. JOÃO APOSTL. EPIST. 3ª.

Era grande a adversidade que affligia as duas donzellas ; para ellas porem havia ao menos a esperanza que nunca abandona a juventude, e além da esperanza a certeza de serem amadas, e a doce animação que as fazia resistir á oppressão com o encanto do amor.

Ainda mais : Branca estava certa de que o *irmão velho*, o seu bello e querido cavalleiro arros-traria por ella todos os perigos imaginaveis, e o que mais a assutava era o arrojado volcanico, a temeridade illimitada de Leonel.

Iveta sabia-se amada de Jorge, pouco esperava d'elle ; porque tambem o sabia escravo submisso á vontade absoluta de seu terrivel pai; mas segura calculava com os prodigios do amor de sua mãe, conhecendo bem a affouteza e o desabrimento

selvagens, que a docilidade, a gratidão, os sentimentos generosos apenas tinham abafado no coração da velha Cyriaca.

A propria frequencia da sociedade civilisada, os direitos da maternidade desrespeitados pelos costumes dos indios, mas innatos e rompentes ao contacto com os portuguezes, a livre expansão do amor filial, e o enobrecimento desse amor que junto da velha dona Constança protectora de Leonel, e do pai de Branca, exaltara pela amamentação de ambos. Iveta, que chamava o primeiro *irmão-velho*, e que era irmã colassa da segunda, tinham ensinado á cabloca a magestade daquelle amor, que natural em todas as mãis, tornava-se ferido na mãe selvagem de outr'ora capaz de volta-la ás raivosas selvaticuezas de seu berço, de sua primeira infancia, e de seu sangue de gentia feroz.

Iveta não se engava, contando com sua mãe, e além della tambem lembrava Leonel, cuja ternura fraternal nunca se desmentira.

Mas nem Branca, nem Iveta pensavão em ainda outro dedicado amigo, e poderoso auxiliar ou antes mysterioso protector, que assegurára livra-las dentro em pouco de seus oppressores.

Com effeito o *Forasteiro* promettera a Leonel Branca, e á mãe Cyriaca Iveta.

E o *Forasteiro* nunca promettera de balde.

Assim pois as duas bellas jovens captivas de seus perseguidores egoistas e crueis, se encojaram com a esperanza em dedicações e em amores que merecião sua confiança e sem o saber tinham por si a vontade inabalavel, a influencia patente e mysteriosa, e o braço de ferro do *Forasteiro*.

Sem duvida erão ainda assim dolorosos e ameaçadores a reclusão de Branca, o rapto de Iveta, os tormentos Moraes de uma e de outra, e todavia uma pobre senhora que não estava reclusa, que não fôra raptada, que era esposa de um homem egoista, imperioso, insensivel, cruel com todos, e respeitoso, e curvo, e obediente a ella, e só a ella, soffria, esgotava em silencio, e como que dementemente a vida em torturas, comparadas com as quaes as desgraças ou as adversidades das duas donzellas, se afigurarião apenas leves inconstancias da fortuna.

Alda, a esposa de Raphael, aquella senhora pallida, melancolica, que parecia esconder nas sepulturas da alma, nos abysmos das lembranças do passado terno segredo que obscurcia os horisontes da sua vida, Alda aquella

triste imagem da dôr muda e concentrada ; Alda ainda graciosa, ainda quasi bella á fazer idear a mais resplendente, [e opulenta formosura de outros annos já vividos, a misera senhora, em quem se fazia notavel a fraqueza da memoria, que em poucos instantes era alheia á idéa, ao pedido, á exigencia que manifestára, Alda, de cujas faculdades mentaes o marido e os domesticos receiavão total perturbação, se indiciava cada dia mais obumbrada, mais afflicta, e como que aterrada, mais nervosa, visionaria, convulsa, desmemoriada, e apparentemente ameaçada de loucura.

Mas era só loucura pelas indicações de profundo abalo sem motivo, de morte do riso em seus labios, de silencio, sepultura expontanea da voz, que só surgia para respostas em monosylabos, de tristeza profunda e acerba, e de visões, ou de indicios de visões mudas, terriveis, sinistras.

Mas quando a interrogavão, respondia sensata sobre objectos indifferentes ; mas nunca respondia para indicar seus soffrimentos.

O unico signal positivo de perturbação de suas faculdades mentaes era a perda da memoria :

a idéa de um momento ficava esquecida logo depois: ás vezes perguntava como se chamavão suas mais antigas escravas; por notavel contradicção porém deixava perceber vivas recordações de lugares, e de acontecimentos á muitos annos passados.

Este padecer de Alda não era novo; sua melancolia, seu silencio triste, sua concentração, sua intima e escondida dôr datavão de longo tempo, a progressiva fraqueza de memoria com excepção de algumas lembranças do passado se manifestára desde alguns annos; mas ou que Raphael a houvesse notado ou não, a agitação anormal, as visões mudas, os terrores, a desmemoriação crescente, a agravação de todos os symptomas de desordem nas faculdades mentaes de Alda se pronunciarão fortemente desde aquella noute, em que ella estremecera, e ficára espavorida, escutando a voz do passageiro ou do tropeiro que atravessando o campo da fazenda de seu marido, entoava a cantiga que começava assim:

O gallo cantou tres vezes,
Meia noute já chegou !
Pensei que amor me esperava,
E a traição me apanhou.

E que ainda depois dizia :

Não choro amores perdidos
Que se não devem chorar ;
Choro pela meia noute,
Em que me devo vingar.

A infeliz desmemoriada guardára de cór toda a cantiga, que ouvira só uma vez, e a repetia cantando baixinho á tremer e á chorar, quando estava só nos dias que se seguirão á essa noute, que aliás muito proxima passára.

A vida que Alda passava, era um mysterio que só se explicava pela fatal molestia, de que a suppunhão affectada, e que então parecia desenvolver-se com muito maior força.

Raphael tinha consultado os melhores *cirurgiões* da cidade sobre a melancolia profunda e invencivel, e abatimento moral progressivo de sua esposa; empregara em vão por longo tempo diversos tratamentos aconselhados; sujeitára-se afflicto á experimentar cem preconisadas receitas e applicações absurdas dós licenciados e curandeiros da roça, que ainda menos aproveitarão á misera senhora, e perdida emfim a esperança de ve-la

restabelecida, não quisera mais saber nem de cirurgiões, nem de licenciados e curandeiros.

Contando por certa em prazo mais ou menos breve a demencia de Alda, quiz adoçar-lh'a impondo a todos na casa, e se impondo obediencia absoluta á todas as suas vontades, e ainda á quaesquer caprichos, que ella pudesse ter.

Mas a infeliz senhora não sabia mostrar vontades e ainda menos capricho algum: era um ente que se tornava cada dia mais passivo e inerte. Sua actividade moral apenas se limitava á—caridade, e á oração.

E tambem a sua caridade se modificou: á principio Alda tinha certo numero de familias pobres, a quem mandava semanalmente soccorros: pouco a pouco porém perdeu a lembrança desses seus protegidos, e só dava esmolos quando os pobres e indigentes lh'as vinhão pedir.

Ás vezes Raphael, Branca e os escravos que a servião, recordavão-lhe a existencia das familias suas beneficiadas, e a falta de remessa dos costumados auxilios: então ella sempre respondia, exclamando anciosa:

—Ah sim! mandem-nos! mandem-nos já!....

E era tudo : nem sequer logo depois se informava do cumprimento das ordens.

Alda rezava com exageração crescente, e desde muito tempo, no fim dos primeiros mezes do seu casamento adoptára por costume ir todas as noites orar na capella.

Ainda mais : adoptado esse costume, exigio, quiz e conseguiu fazer sempre absolutamente só, suas orações na capella.

Nos primeiros tempos essa oração de todas as noites com a exigencia do isolamento foi motivo dos unicos desaccordos e de repetidas contesções entre o marido e a esposa ; esta porém insistio obstinada, e aquella acabou por dobrar-se embora de má vontade ao imperio desta.

A hora da oração de Alda na capella era de contrariedade, de tormento, e de agitação para Raphael : dir-se-hia que elle tinha ciumes das rezas da esposa ; mas pela força do costume, o marido deixou de resentir-se, e acabou por ver com indifferença aquella solitaria devoção de todas as noites.

Alda rezava sempre a sós : levava uma luz com que acendia as seis velas do altar da capella rezava ajoelhada sempre no mesmo lugar, junto de um tocheiro do lado esquerdo dos degrãos que

conduzião ao altar, e nunca rezava sem chorar, sem estremecer ao mais leve ruido, sem magoar os seios com martirios, que suas mãos desapiedadas executavão afflictivamente.

Quem a visse rezando, chorando, e assim martirisando-se supeitaria acerbos arrependimentos, talvez remorsos na alma da virtuosa esposa de Raphael.

Com o correr dos annos Alda elevou a duas as suas orações diarias na capella; com a aggravação dos seus symptomas de demencia multiplicou sem regularidade essas orações; mas por ultimo tornou-se certo, e imprescindivel que alem da reza na hora costumada desde vinte annos, a mizera senhora, arrependida, remordida ou já demente, acordasse com instinctiva precisão de hora se lançasse fora do leito, e tomando seus vestidos voltasse a capella para temerosa, convulsa, tomada de terrores rezar outra vez até a *meia-noite*.

Desde alguns dias depois daquella noite do canto do tropeiro os indicios da loucura de Alda se manifestavão mais pronunciados e evidentes.

O ceo azul dos bellos olhos da magnifica belleza da antiga Alda tormára o fogo e a agitação

continua, que passavão para elle a exaltação e como que o terror do animo sobresaltado e em insensata desordem.

A mizera senhora experimentava accessos nervosos, ás vezes convulsões terriveis, assombadoras, mas sempre mudas visões, que se poderião julgar castigos mysteriosos da providencia, se a loucura não explicasse todos esses phenonemos extraordinarios.

E só havia um meio de dominar e vencer esses terriveis soffrimentos: era a oração. Alda voltava da capella não tranquilla; mas por algumas horas apasiguada.

Raphael afflicto; convencido porém da fatal, e irremediavel demencia da esposa, deixava-lhe absoluta dona das chaves da capella, onde ella achava seu unico allivio, e onde em contigua sala Branca se achava reclusa, e Alda indifferente passava por Branca, ou se acazo via-a, momentos depois de sua volta não se lembrava mais de havel-a visto.

E era assim.

Com effeito as faculdades mentaes de Alda se achavão consideravelmente perturbadas; mas para maior martyrio da victima havia nella a memoria viva do passado com a desmemoriação

do presente, a realidade sentida de grandes calamidades com a ameaça, e as illusões, a as apprehensões horriveis de uma apparente expiação cruel; a consciencia de mil factos com a mistura de mil desatinadas ideas; em uma palavra a luta inexprimivel de, por assim dizer, metade do juizo ainda são com metade do juizo já alterado.

O esposo, os parentes, os amigos lamentavão; mas perecião acostumar-se á ver progredir a demencia de Alda, e nenhum imaginava que a mulher que já desatinava e ainda tinha consciencia, que ainda racionava e já lhe esmorecia a razão, que se atormentava com a memoria viva dos tempos longe deixados, e evidentemente soffria pela memoria quaze extincta do que então se passava, pudesse ter motivos secretos, e em acção activa, que extraordinariamente a affligissem e a aterrassem.

Ninguem podia adivinhar, ninguem sabia que uma noute a desgraçada senhora tinha achado sobre o pé do tocheiro, junto do qual costumava rezar um papel dobrado em laço, que o encontro desse papel, o lugar, onde estava deposto, e a forma do laço a fizerão convulsar terrivelmente, e que emfim ella abriu e leo um bilhete que continha estas palavras :

« Ainda vivo, e heide vingar-me; mas não em ti: socega: tens padecido muito: já te perdoei, e és sagrada para mim. Socega! socega: conta com immensa consolação; mas de hoje em diante sempre aqui — á meia noute — como outr'ora. Eu o quero. »

Alda pudera com nervoso impeto lêr todo o bilhete; quando porém acabou de lê-lo dobrou os joelhos, agarrou-se ao tocheiro, e cahio desmaiada

Foi desde essa noute que se aggravárão mais consideravelmente os symptomas da sua demencia, predominando nelles accessos de terror, que ella não explicava.

E todavia Alda, a desmemoriada, d'ahi em diante voltou sempre á capella — á meia noute — mas hia, como o condemnado que marcha para o patibulo, tremula, em agitação torturadora, em anciedade, e em angustia; e lá de joelhos, apoiando-se no tocheiro, rezava sem idéa do que rezava e com os olhos fitos não no altar; mas na porta da sachristia.

Quem quer que escrevêra o bilhete, se mostrava claramente preocupado da saude alterada ou perdida da infeliz Alda, recommendando a

esta socego, assegurando-lhe perdão, prometendo-lhe *immensa consolação*.

Mas no estado em que se achavão suas faculdades intellectuaes, Alda sómente se possuio de terror, e contradictoriamente se curvou obediente á ordem que recebêra.

Era positivo que o bilhete lembrava antigas relações, provavelmente amorosas, e Alda, a esposa honestissima, deixava o leito para esperar á meia noute, quem não era seo marido.

Estava louca.

Mas a louca, a desmemoriada, não esquecia nunca o seo costume de longos annos : depois de abrir a porta que communicava a caza com a capella, passava sempre a chave para o outro lado, e trancava-se para ter segurança de rezar a sós.

Os bilhetes repetirão-se : muito concizos todos, insistião em aconselhar serenidade, em garantir uma grande consolação : era nelles evidente o cuidado de preparar um encontro, prevenindo as consequencias sinistras que a surpresa e outros sentimentos poderião produzir no animo já perturbado da mizera esposa de Raphael.

Entretanto Alda não se tranquillisava ; uma idéa falsa a perseguia, idéa que ás vezes, quan-

do ella estava só, se resumia em uma palavra que sahia balbuciante e convulsiva de seus labios outr'ora tam roseos, e então brancos e dolorosamente contraídos: essa palavra era — redivivo!... redivivo!...

O mysterioso incognito que escrevia assim á esposa de Raphael, e que ás vezes em seus escritos indicava te-la visto rezar aterrada, e só por temor de assombra-la, haver adiado sua apresentação, parecia cansado de esperar, e coagido a impôr sua presença em conferencia absolutamente indispensavel.

Uma noute Alda achou e lêo este bilhete :

« Não te azerres: sou ainda homem e não alma de finado: quero e me é absolutamente preciso fallar-te; mas és sagrada para mim: nada temas. Prepara-te para vêr-me velho e quebrantado pela desgraça e pelos annos; antes porém quero que exijas de teu marido a liberdade de Branca, que está reclusa e preza na sala contigua á tribuna da familia nesta capella. »

Alda tendo lido este bilhete, levantou-se immediatamente, foi á porta da sala indicada, convenceu-se da violenta reclusão de Branca, sahio resolvida a exigir de Raphael a plena liberdade da donzella desde a manhã seguinte; mas na

manhã seguinte Branca e seo captiveiro estavam completamente apagados em sua memoria.

O mysterioso incognito sem duvida comprehendia a cauza lamentavel do esquecimento, e da desmemoriação da infeliz Alda. Generoso, paciente, mas urgido elle escreveu pela ultima vez intimando proxima, irrevogavel apresentação e conferencia.

« Alda ! estou vivo, e é força que nos fallemos : conta de hoje á tres noutes, na terceira me verás ; entrarei pela porta, por onde entrava : nada temas !... mulher !... toma animo !... eu tenho-te escripto que és sagrada para mim : pois bem !... anima-te e sê forte : Alda !... lembra-te que fôste mãe, e deseja vêr-me ; porque eu quero vêr-te para te restituir e te confiar teu filho. »

Na capella fulgio uma luz, fulgentissimo raio partido da alma, sahido dos olhos da louca, da desgraçada, da martyr, que resuscitava inflamada ao grito da maternidade.

Alda levou o bilhete aos labios, ao coração, uma, tres, dez vezes, como delirante precipitou-se, subio os degráos que a separavão do altar da capella, e foi cahir de braços junto do altar, exclamando :

— Perdão Jesus, filho de Maria Virgem e San-

tissima ! perdão Maria Virgem e Santissima, mãe de Jesus!... perdão e misericórdia!... eu fui mãe!... perdão!... eu sou mãe!...

E ficou ali uma hora ou mais cahida de brucos ou perdidos os sentidos, ou rezando com a mais profunda contrição, tendo os labios no pó da terra, e a alma na fé da misericórdia divina.

E assim cahida ou exaltada, em desmaio material ou em arrebatamento do espirito, Alda não vio o vulto negro agigantado e mysterioso de um homem, que da porta da sacristia a contemplou immovel e silencioso por alguns minutos, e logo depois desapareceo.

Já não é preciso dizer que o vulto negro, agigantado e mysterioso éra o do — Forasteiro.

VII

A TARDE DE ANGUSTIAS

Quem me aconselhará em tantos combates
de duvidas, quantos assaltão á este afflicto
coração.

(*As Varied.* de Proteo, — Opera
de Antonio José da Silva.)

Grande trovoadá se vae armando!...

(IDEM.)

O dia em que o *Forasteiro* annunciára á velha Cyriaca o lugar para onde Claudio Góes tinha conduzido Iveta raptada, e em que pouco depois se mostrára inesperado á Leonel e Jorge, que se dispunhão á ir procura-lo em sua gruta da floresta, devia ser seguido pela noite que era a terceira do prazo dado á Alda para a conferencia imprescindivel e mysteriosa.

Tudo induz a crer que o autor dos bilhetes deixados á Alda era o Forasteiro; que, portanto, devia achar-se á meia noite na capella da fazen-

da de Raphael; elle porém tinha igualmente tomado com a mãe Cyriaca o difficil compromisso de restituir-lhe a filha no dia seguinte; dupla tarefa, muito espinhosa para tam limitado tempo.

É de suppôr que o receio das imprudencias e da temeridade de Leonel preoccupassem bastante o velho mysterioso, que evidentemente estava seguindo os passos do mancebo, e ouvira a proposição que o levou á mostrar-se.

— Aqui estou : que me quereis? perguntára elle.

Jorge não habituado ás apparições do Forasteiro sentio fortissimo abalo, emquanto Leonel já á ellas affeito, respondeu sem hesitar :

— Bem sabeis o que de vós queremos...

O velho interrompeo o mancebo, dizendo :

— Sim; dous conselhos...

Leonel, sempre irreflectido, exclamou :

— Oh, não! é um conselho só, o que deve mais aproveitar á Jorge para que elle liberte Iveta sem ultrajar ao pai.

— E tu?... perguntou o Forasteiro encrespando as sobrançelhas.

Leonel conheceu, que havia atraído suas

firmes disposições de independente iniciativa ; era porém tarde para recuar.

— Eu sempre acérto, quando não me aconselho ; disse elle, sorrindo.

O velho meditou por breves minutos, no fim dos quaes disse á Jorge :

— Esta noute, ás dez horas ou pouco antes, André, o sobrinho de Anselmo, chegará á cova Negra levando tam urgentes recados de Raphael que Claudio Góes immediatamente partirá com os seus assalariados...

Leonel e Jorge olharão-se admirados.

O Forasteiro continuou :

— O que eu hia fazer, fa-lo-eis : quem quer quefique de guarda á Iveta pouco importa : a porta da caza arruinada ha de estar trancada :

— Arromba-se, despedaça-se ! exclamou Leonel.

— Sempre desatinado e imprudente !... disse o Forasteiro ; não ! quem fecha a porta, e tem a chave é um mizero velho.

— Conheço-o ; murmurou Jorge.

— Elle porém não te obedeceria, mancebo.

— Então ?...

— Batei ; batei cinco vezes seguidas á porta :

o velho acudirá, e á sua primeira pergunta respondei — Forasteiro !

— Oh !...

— A porta se abrirá : se na caza tiverem ficado guardas, poupai-vos á luta, e não vos mancheis com sangue : um de vós que grite — vinde !... e contae com amigos.

Leonel começava á radiar de animação e alegria.

O Forasteiro proseguio, dizendo :

— Não haverá necessidade de auxilio..

— Estou certo disso ; observou Leonel.

Jorge escutava resolutos ; mas *triste*.

O Forasteiro, como se comprehendesse toda a profunda tristeza daquelle filho, disse :

— Tu, Leonel, irás de rosto descoberto, e parecerás ser o chefe da empreza ; tu, Jorge, leva mascara e disfarces...

— Não ! respondeo o filho de Claudio Góes ; não !... basta que meo pai não esteja lá ; quero ser eu quem ostentoso liberte Iveta.

— Bravo ! exclamou Leonel, assim entendendo e cedo á primazia.

E fez um movimento para despedir-se do Forasteiro.

— Espera ! disse este.

E accrescentou logo com voz aspera :

— Que me obedeção até o fim !...

— Que mais ?.. perguntou Leonel.

— Conduzireis Iveta á caza de sua mãe, e ahi esperareis ambos....

— Por quem ?...

— Por mim.

— Até quando ?...

— Até uma hora além da meia noute.

Leonel não respondeo.

— Hasde esperar-me, Leonel !...

O mancebo precipitado, e generoso, temerario exaltado, e impetuoso, mas franco, não sabia mentir.

— Já perdi longos dias, esperando : respondeo sem azedume.

— E sabes tu quanto já tenho feito nesses dias ?...

— Não sei ; mas é isso....

-- Leonel !

— Até a meia noute esperar-vos-ei no sitio da mãe Cyriaca.

— E depois ?...

— Serei livre.

— E que farás ?...

— Farei por Branca, o que vou fazer por Iveta.

O Forasteiro tornou a meditar por alguns momentos ; depois-disse :

— Pois bem : espera-me até a meia noite.

Leonel cravou olhar desconfiado no rosto do Forasteiro, e logo depois disse :

— Sim !... convenho ; no sitio da mãe Cyriaca á meia noite, ou ainda além, á uma, ou ás duas horas da madrugada, estamos entendidos ! lá nos encontraremos. Obrigado e adeos !...

E esperou o cavallo que partio á galope.

O Forasteiro disse a Jorge :

— Segue-o, e, se podes, contem-no ; porque elle é capaz de fazer-se matar !...

E internou-se no bosque.

Jorge seguiu logo, apanhando em breve Leonel, que fugia ás exigencias e ás imposições do Forasteiro, dissimulando em sua ultima e evasiva declaração a liberdade de acção que determinára reservar-se.

O Forasteiro, que contra o seo costume muito fallára aos dous mancebos, fôra sentar-se apoiando-se ao tronco de frondosa arvore, e murmurára depois de alguns instantes :

— Arrojado e indomavel... como eu no outro tempo.

E duas grossas lagrimas corrêrão pelas faces do homem mysterioso.

Tendo descansado ou antes reflectido durante talvez um quarto de hora, o velho levantou-se, dizendo á meia voz:

— Em toda a parte e lá mesmo... velarei por elle... oh!... que não o toquem!...

E a mais fulminante flamma rompeo de seus olhos negros e cheios de fogo.

A breve distancia o *Forasteiro* foi encontrar seo cavallo preso a uma arvore, e nelle montando com rapido movimento só proprio da mocidade, dirigio-se para o sitio da mãe Cyriaca.

Era meio dia quando lá chegou.

O sitio estava dezerto.

A velha cabocla tinha mentido á promessa que fizera.

O *Forasteiro* turbou-se por momentos: o sentimento da desobediencia revoltou o homem acostumado á mandar.

Pouco depois serenando, murmurou:

— Inoffensiva e tresvariada!... pobre mãe!... deixal-a!...

E como quem tivesse ainda muito que fazer, apressou-se o *Forasteiro* á deixar o sitio da mãe

Cyriaca, e desapareceu, mettendo-se pelo bosque.

O dia avançou: o sol hia-se avizinando do occaso.

Á medida que se aproximava a noute uma nobre e respeitavel velha sentia-se tomada de apprehensões e de temores, que sem duvida erão aggravados pela imaginação.

A velha Constança que desde a manhã desse dia tinha acesas as vellas do altar da capella da fazenda do *Aldéa*, e que por vezes fôra ali rezar longamente, possuio-se da mais viva agitação vendo chegar a hora do crepusculo.

As escravas que a cercavão não podendo de outro modo explicar tanta afflicção e anciedade que sua senhora mostrava, attribuirão-nas á auzencia de Leonel, que desde a manhã estava fóra de casa. Algumas de intelligencia mais perspicaz, lembrando que repetidas vezes Constança recebia em particular conferencia o *Forasteiro*, á cuja gruta aliás tambem já tinha ido apezar de seus cansados annos, não julgavão este alheio áquella amotinação do espirito.

Era geralmente sabido que a velha Constança protegia com franqueza e dedicação o *Forasteiro* asylado em suas terras: um feitor e dous

escravos de escolha levavam diariamente á gruta alimentos, cuja abundancia, variedade e esmero culinario excedião aos justos impulsos da caridade.

Para alguns o favor exagerado que Constança concedia ao Forasteiro explicava-se por capricho de velha.

Para a maior parte o segredo da protecção consistia no interesse bem justificado de obzequiar o homem mysterioso e de grande poder que por gratidão tomára á peito ser companheiro dissimulado e occulto, e sem duvida em caso opportuno o defensor infallivel do imprudente Leonel.

Era tambem certo e sabido dos famulos de Constança, que na noute antecedente o Forasteiro tinha vindo á fazenda do Aldea, onde por duas horas ficára encerrado na capella com a velha dona a qual d'ali voltára com os olhos em lagrimas, e com o desassocego estampado na alteração da physionomia.

No outro dia a noticia do desaparecimento de Iveta e da mãe Cyriaca augmentou o soffrimento, e a agitação de Constança, que pouco a pouco se foi tornando em anciedade afflictiva, em que parecia indicar-se violenta luta entre

qualquer obrigação de reserva, ou dever de segredo, e uma idéa exigente e imperiosa determinada pela dôr.

Ao cahir da noite a velha dona tocava quasi ao desespero, e não podendo mais conter-se, gritou :

— O meo carro ! preparem já o meo carro !

A ordem foi facilmente cumprida em poucos minutos : não era preciso ir ao campo á buscar os bois, que áquella hora já se achavão no curral.

Constança embarcou no carro, levando nelle algumas escravas de companhia, e em seguida dous pagens á cavallo, e disse com voz tremula e alterada ao carreiro :

— Para a Freguezia !... toca os bois !... vamos depressa !...

E o carro seguiu com a rapidez possivel em tão pezado vehiculo puxado por animaes tão pouco proprios para a marcha accelerada que Constança desejava.

Alem da velha dona outra mulher e essa bem joven, vira ir o sol aproximando-se do occaso, e logo depois annunciarem-se as horas do silencio geral, e das sombras cheias de apprehensões sinistras, e de perspectiva de horriveis transes.

Era Iveta, a prisioneira da casa arruinada da *Cova Negra*.

A *mameluca* tinha passado sem dormir a noite que seguira ao seu rapto, sem comer, e sem beber todo o outro dia, á despeito dos esforços da mulher que a ficára guardando sob o nome de criada, ou de incumbida do seu serviço.

Durante o dia, aproveitando breves ausencias da sua carcereira, Iveta fez o reconhecimento da sua prisão: a casa ameaçava desabamento proximo: as paredes resistião em pé talvez sómente por espedadas do lado de fóra; o tecto não forrado acurvava-se em mais de um ponto; mas nas janellas estavam firmes, e recentemente fortalecidos os enferrujados varões de ferro do gradil com pezada fechadura antiga.

Iveta não poude conceber esperança alguma de possibilidade de fuga ainda com perigo de sua vida.

Era preciso esperar por soccorro, ah! por demais problematico.

A *mameluca* esperava ainda assim!... contava com sua mãe, a misera cabocla, contava com Leonel, o *irmão-velho*, o generoso desati-

nado, e ai della! não contava com Jorge; mas lembrava-o sempre.

Entretanto a lembrança de Jorge tinha-se tornado amarga, e quasi injusta na alma da *mameluca*

Iveta resentia-se do respeito filial de Jorge, que se lhe afigurava mais forte do que o amor, que elle lhe jurára.

Por amar a Jorge tinha ella sido indignamente expulsa da casa de Raphael e do lado de Branca.

Sem duvida por têl-o amado era victima de violenta perseguição, que emfim se complicava com a revoltante, ameaçadora e infame pretensão de um seductor, e de um algoz ignobil.

E todavia ella não contava com Jorge!...

A convicção da fraqueza de Jorge, da sua submissão até ao crime de Claudio Góes, seu pae, quebrantava, offendia o seu amor.

Iveta começava á desestimar o seu amado, e portanto a experimentar novo tormento, o da desillusão do seu amor exaltado, e fervente, e impetuoso, como seu sangue de *mameluca*.

A filha da cabocla Cyriaca tinha o coração afogado em raiva, e nessa raiva comprehendia o abandono em que a deixava o mancebo que a

enganára com as apparencias do amor mais puro, e mais capaz de esplendidos sacrificios.

Iveta contava só com o soccorro de sua mãe, e do impavido Leonel, o seu *irmão-velho*; mas se escapasse só por uma, ou por outro ao seu barbaro captivo, tinha resolvido em seo resentimento, em sua colera, e nas angustias de seo martyrío fulminar o amante sem energia, sem dedicação nem brio, com o desprezo profundo de seo coração de heroina.

Iveta á pensar assim, e á calcular com soffrimentos sem limites, passou o dia inteiro sem proferir uma só palavra, sem derramar uma lagrima, sem deixar ouvir queixa, nem gemido, e altiva, animada, forte, e como que perfeitamente segura de si.

A maior inimiga da mulher é a mulher: a carcereira velha e feia, mas obrigadamente respeitosa, contava talvez alimentar a inveja com o abatimento, o pranto, e a prostração daquella outra mulher que era joven e formosa.

A força e arrogancia do animo da delicada menina forçárão a admiração da rude carcereira.

Iveta rejeitára as refeições, e não se violen-

tara, rejeitando-as: não tinha fome; era-lhe impossível comer.

Mas a sede?...

Os lábios da *mameluca* estavam seccos, aridos: o instincto levava os olhos da pobre captiva, á talha d'agua que fôra posta na sala.

Iveta soffria muito... o grito das entranhas pedia-lhe, exigia-lhe agoa.

Ella porém tinha medo do pão e da agua que Claudio Góes lhe offerecia...

Era o horrivel o martyrio da sede...

E a *mameluca* resistia.

Ao cahir da tarde a carcereira esqueceo-se de que era velha e feia; era sempre mulher, e no fundo do coração da mulher ha sempre doçura e piedade; a carcereira comprehendeo todo o tormento da sede, e toda a nobre resistencia da joven captiva.

Apiedada e como que venerante da virtude a mulher grosseira foi á talha, encheo d'agoa dous copos, bebeo-os um depois do outro, e depois disse á Iveta.

— Não soffra mais; póde beber.

A *mameluca* não respondeo: desconfiava; mas passou talvez uma hora, passou muito tempo, e a velha carcereira commovida bebeo uma, duas,

tres vezes a agua da talha, repetindo de cada vez :

— Não soffra mais ; póde beber.

O interesse da piedade fazia medo á Iveta, que ao ultimo convite e empenho respondeo sem acrinonia, mas disfarçando a desconfiança :

— Não tenho fome, nem sêde ; e amanhã-será tambem assim.

A carcereira hia responder, quando concentrou-se, ouvindo o estrepito de cavalleiros que chegavão.

Já era noute.

Iveta presentio no ruido que tambem ouvira, e na reserva e nova attitude tomada pela carcereira que Claudio Góes acabava de chegar.

Era o annuncio do algoz : a victima, que não tinha fome, esqueceo a sêde que a devorava, e esperou com resolução energica a provação tremenda imposta á sua virtude.

Esperou longo tempo, tempo que a sua situação espaçava descomedidamente...

A carcereira deixou-a só ; pouco depois voltou e accendeo o candieiro ; porque começava a noute.

E a noute foi avançando.

A carcereira tornou á sahir e não voltou mais. Prolongava-se o martyrio de Iveta no profun-

do silencio daquella solidão e com a certeza da presença do velho perverso na casa da Cova-Negra.

A *mameluca* não ignorava que era objecto da paixão criminosa de Claudio Góes: durante a viagem violenta em que fôra trazida por seus raptos, ouvira gracejos grosseiros trocados á meia voz, que lhe annunciáram a verdade terrivel do astuto André, que não perdera occasião de esclarecê-la, quando pudera fallar sem que o velho Onça pudesse ouvi-lo, recebêra em caminho avizos e prevenções dissimuladas em remoque, e emfim os olhos chammejantes, e o ridiculo mas sinistro ardôr do indigno pai de Jorge não a deixáram mais duvidar do perigo que a ameaçava.

Iveta, já foi dito, tinha vergonha e horror dessa paixão que inspirava; mas nem por isso esta podia-lhe ser menos fatal nas circumstancias em que se achava.

Seo unico recurso de prudencia fôra não dormir, não comer, nem beber.

Mas até quando poderia ella resistir á sêde e ao somno?...

A carcereira tinha bevido agua; quem assegurava porém que ella soubesse, o que continha a

agoa?... a pobre mulher sahira e não tornára á voltar: talvez houvesse cahido em lethargia.

Assim pensava Iveta.

Mas peor que tudo, a luz do candieiro começou a enfraquecer e, em breve se extinguiu de todo.

A *mameluca* suffocou um grito, e cahindo de joelhos recommendou-se, entregou sua sorte á Rainha das virgens.

Quasi logo ella estremeceo, ouvindo o ruido de um cavallo a correr.

Quasi logo baterão fortemente á porta da casa arruinada...

Immediatamente depois rebentou brado horrivel soltado por Claudio Góes...

Alguns minutos de mistura de vozes, de movimento desordenado, e em seguida tropel de cavallos...

Trancarão de novo a porta.

Continuou em baixo o sussurro que fazião tres ou quatro vozes differentes.

A carcereira apresentou-se de novo diante da *mameluca*, trazendo-lhe ao menos a luz de uma candeia.

O rosto dessa mulher indicava commoção e espanto...

A carcereira hia fallar, quando baterão cinco vezes seguidas á porta, que no fim de brevissima espera abriu-se...

Seguirão-se rapidos momentos de confusão, e de reboiço, no meio do qual rompeo um grito de liberdade, e de amor :

— Iveta !...

Oh !... o grito era de Jorge .

Leonel sempre generoso deixára ao amor de Jorge o grito da liberdade de Iveta.

A *mameluca* mil vezes jubilosa lançou-se pela escada, e foi cahir nos braços de Jorge e de Leonel.

CAPITULO IX

O INCENDIO

Abrão a porta que ha fogo!... fogo

(Guerra do Alverin e Mangerona.—
Opera de Antonio J. da Silva.)

Iveta não tinha podido saber medir o tempo: suppunha já muito adiantada a noite quando se pronunciára na caza arruinada o alvoroço que precedera á chegada e á feliz empreza de Jorge e de Leonel.

Erão então apenas nove horas da noite.

Não foi muito que Iveta se enganasse; pois que tambem pela vez primeira o *Forasteiro* vio frustrados seos planos.

Ainda bem que Leonel e Jorge com a sua impaciencia de mancebos estavam na floresta vizi-

nha á caza arruinada desde muito antes da hora que lhes marcára o *Forasteiro*.

Elles igualmente se illudirão, pensando que a partida accelerada de Claudio Góes e dos outros cavalleiros era consequencia do falso recado de Raphael e de que André tinha de ser o portador.

O resultado fora o mesmo : Iveta acabava de ser libertada ; mas o motivo determinante do sobresalto, e da corrida phrenetica de Claudio Góes para longe da Cova-Negra era outro.

Quem chegára á impetuoso correr do cavallo á caza arruinada, á cuja porta fortemente batera, fora um escravo, trazendo a noticia do que as lavouras do usurario estavam ardendo em fogo, e de que o incendio adiantando-se sempre, ameaçava invadir o campo, e a caza da vivenda.

Claudio Góes esqueceo Iveta, lembrando suas roças, seu pomar, seu campo, e sobretudo a caza, onde em cofre chapeado de ferro gu ardava ouro e titulos que valião ouro.

Jorge informado do acontecimento que angustiava seu pai, não pode olvidar seo dever de filho : voltou-se para Iveta o disse-lhe :

— Estás livre, minha bella Iveta, e serás minha esposa em breve ; agora porém é meu pai a

victima do infortunio, e meu posto é a seu lado.

Depois accrescentou, dirigindo-se á Leonel :

— Confio-te Iveta, meu irmão !

E afastou-se apressado, indo procurar seu cavallo que ficára na floresta.

Iveta comprehendeo o nobre sentimento de Jorge e sentio-se orgulhosa do thesouro de tão bello coração.

Leonel conduzio a linda e exaltada *mameluca* para o sitio, onde os esperavão os cavallos, que os deviam levar ao sitio da mãe Cyriaca, lugar marcado para o encontro e reunião pelo *Forasteiro*.

Apenas cavalgados, Leonel tomou a dianteira, sahindo da floresta.

A noute era muito escura, e Iveta não sabendo para onde era levada, perguntou :

— Para onde vamos, irmão-velho ?....

— Para o sitio de nossa mãe.

— Não ! disse ella; o meo caminho é o caminho de Jorge : leva-me para onde elle foi.

Leonel não soube contrariar Iveta ; porque sua natureza ou seu character se harmonisava com essa exigencia romanessa.

O *Forasteiro* acabava de errar; porque não tinha contado com a raiva da velha cabocla.

A mãe Cyriaca tam suavemente ligada e submissa aos conquistadores, nunca havia esquecido seus irmãos da selvatiqueza.

Em S. Bernabé os indios mansos e aldeados, e os indios ainda selvagens, que teimando em viver nas serras vizinhas com esses se communicavão e pouco a pouco se approximavão da civilisação invasora, tinham na mãe Cyriaca boa conselheira de paz, e de submissão, e ainda melhor doadora de soccorros e de beneficios.

Foi a esses amigos, e mais do que amigos, a esses irmãos que a mãe ultrajada correo a pedir vingança.

A selvatiqueza despertou ao brado do odio velho, e da vingança, que estava nos costumes e como que nos instinctos da raça.

Por fortuna de sua raiva a cabocla velha achou na *Aldea* indios ainda entre-bravos e mansos de pouco chegados da grande serra até então não de todo dominada pelos conquistadores.

A mãe Cyriaca tornada aos impetos selvagens contou com cincoenta guerreiros, e com cincoenta arcos.

Ella tinha tambem seu plano, e executou-o com instinctiva habilidade.

Seu plano era simples; consistia em attrahir

Claudio Góes o avarento ao lugar onde perigasse a sua riqueza e ahi mata-lo sem piedade.

Depois da morte de Claudio Góes a libertação de Iveta corôaria a vingança.

Havia nesse plano um crime, e pelo crime a responsabilidade legal e provavelmente a condemnação da mãe vingadora.

Mas a velha cabocla pensava em tudo, e em furor não se esquecera, rira-se porém da lei.

Desde que a noute envolvera em sombras a terra, começarão a surgir dos matos proximos ao grande e bem cultivado sitio de Claudio Góes vultos isolados, grupos sinistros, que se correspondião com signaes que imitavão os sylphos das cobras: logo depois aqui, e ali em dez, em vinte, em mais pontos ateiou-se o incendio devorador das lavouras de Claudio Góes.

Em breve acudirão os feitores e os escravos do rico avarento; mas embalde; o fogo dominado aqui, rompia mais violento além: flexas inflamadas cahião por todos os lados; incendiadores ferozes acendião chammas ao perto e ao longe.

Vião-se através das linguas de fogo os vultos dos indios a atear o incendio.

A raiva do fogo consumia tudo e avançava

para o campo, para o pomar, para as vizinhanças da caça...

No maior impeto do incendio Claudio Góes — o *Onça* acudia avizado... prevenido, chamado com desespero...

Mas o cavallo de Claudio Góes trazido á todo correr bateo com os joelhos em uma corda estendida e teza através da estrada e cahio levando de bruços á terra seo velho dono.

Quando Claudio Góes quiz se levantar, achou-se com o pescoço apertado pelos dedos possantes da mãe Cyriaca.

O avaro soltou um grito pungente.

A velha cabocla respondeu a esse grito com um rir feroz.

—Ai ! que me assassinão !... bradou Claudio Góes.

—Sim !... inevitavelmente !... e sou eu que te mato, velho malvado !... sou eu, a mãe de Iveta !

—Misericordia !... perdão !... exclamou o velho prezo, immovel, e sem movimento possivel nos braços de ferro de dous indios, que o prostravão diante da mãe Cyriaca.

E no entanto o incendio lavrava...

Mas Claudio Góes—o *Onça* já não via o incendio, e de mãos postas clamava :

—Perdão !... misericordia !...

—A faca !... bradou a velha cabocla.

Um indio deu á mãe Cyriaca uma faca, cuja lamina brilhou á luz do incendio que perto flamejava.

—Ai !... por Deus !... eu não ultrajei tua filha !... ella está pura !... perdoa-me !... Iveta será esposa de Jorge !... perdoa-me !...

—Morre !... exclamou a cabocla, levantando o braço.

—Jesus !... bradou o velho.

Ao nome de Jesus a faca vacillou na mão de Cyriaca.

—E minha filha !... e minha filha !...

—Está pura... ella mesmo o dirá !... eu a cazarei com meu filho !...

—Mata-o disse um dos dous indios.

—Ou mata-o eu !... disse o outro.

—Jesus ! repetio Claudio Góes.

E não pode dizer mais, porque o indio apertou-lhe com as mãos a garganta emquanto com o joelho carregava sobre o peito do desgraçado, á quem escapou apenas um estertor de moribundo.

A mãe Cyriaca atirou-se sobre o indio, que espantado abandonou a preza.

—Quem manda aqui?... gritou ella.

Claudio Góes agarrou-se aos pés da mãe de Iveta.

Mas quasi ao mesmo tempo Jorge lançou-se no meio do grupo, exclamando :

—Meu pai!...

E levantando em seus braços o velho, accrescentou com força :

—Nenhum ouse toca-lo !..,

—E minha filha?... perguntou Cyriaca.

—Está livre.

O numero de indios augmentava em torno da cabocla que os concitára :

Crescia o perigo e o incendio hia a mais...

Iveta chegou-se e abraçou-se com sua mãe.

Claudio Góes sentára-se no chão e já menos aterrado pela idéa da morte, repetio chorando :

—E o fogo! e o fogo!...

Mas um novo personagem surgiu ainda ali, e com voz rouca, ameaçadoura e terrivel bradou :

—Cabocla selvagem!... apaga já o incendio que ateaste!...

Era o *Forasteiro*.

Cyriaca estremeceo e lançou-se no meio d'elles

índios, alguns dos quaes recuarão, clamando *feiticeiro ! o feiticeiro !...*

Com instantanea rapidez desaparecerão os índios e por alguns minutos a mãe Cyriaca, e em seguida ouvirão-se assobios, gritos de signal correspondidos, e o fogo que lavrava por todos os lados começou a declinar energicamente combatido nos diversos pontos.

O incendio não mais atizado, como até então ora aqui, ora ali, e ora onde já tinha sido apagado pelos escravos de Claudio Goes, e encontrando habil e fortissima opposição nos proprios incendiarios, foi enfim dominado, e extincto.

Tres horas de esforços extraordinarios tinha custado esse empenho, que salvára o pomar e a caza ; mas que não pudera salvar o melhor das lavouras de Claudio Goes o —*Onça*.

Quando o incendio vencido em toda parte, se achava reduzido á um ponto unico, isolado e de facil extincção, successivos assobios e novos gritos de signal se fizeram ouvir, e logo pelas vozes e pela ruidosa balburdia dos escravos não misturada com o alarido selvagem e especial que até então se escutára, comprehendeo-se que os índios tinham dado a sua obra por acabada.

Com effeito os indios desaparecerão todos em um momento dado.

Claudio Góes, o *Onça*, livre dos indios, não temendo mais a raiva da mãe Cyriaca, forçosamente porém sujeito á violenta excitação nervosa, que a noticia do incendio, a queda do cavallo, o horror da morte, e as unhas e o joelho do indio em sua garganta e em seu peito havião determinado, assistira convulso, inerte, e como tresvariado ao estrepitoso trabalho de tres horas, que tanto custára o combate contra o fogo devorador de parte de sua riqueza.

O que o avarento soffrera então fora indizível: cada lingua de flamma, que destruiu parte de uma plantação, fazia rebentar uma das cordas de sua alma. Elle respondia com horriveis contorsões ao estrepito das plantas que estalavão nas conquistadoras lavas do fogo.

Jorge fallava-lhe, procurando debalde consolal-o e anima-lo.

Claudio Góes não o ouvia: tinha os olhos, o coração, a alma no incendio, quando este foi minguando vencido, e quando emfim já cercado de seus recentes assalariados para o crime do rapto de Iveta, e de alguns escravos, seos fieis, vio apagada a ultima labareda, ali já no seio

da escuridão, e como que só nesse momento tendo consciencia, e dando fé da presença de Jorge, de Iveta, e da mãe Cyriaca, da mãe Cyriaca, que o tinha livrado do indio, que o hia matar, de seo filho que tão opportunamente chegara para defende-lo á preço da propria vida, adiantou para elies dous passos, e com o punho fechado alçou o braço, e exclamou com escandalosa furia:

—Canalha!... longe d'aqui!... canalha de ladra incendiaria!... canalha de cabocla!... canalha de filho maldito!.. canalha!... canalha!...

E empurrou com a mão o filho, bradando-lhe:

—Nem mais benção, e muito menos ainda dinheiro!... canalha!... canalha!...

E quasi desmaiado foi conduzido nos braços de sua gente.

Jorge, sempre filho reverente adiantara-se para seguir o pai.

—Mantem-no, como serpente, se elle teima em perseguir-me!... disse o velho pai desnaturado.

Jorge recuou então, e tomando e beijando a mão de Iveta, disse-lhe:

—Faltar-nos-ha a benção de meu pai; mas seremos felizes com a benção de Deus.

CAPITULO X

LEONEL, O FORASTEIRO, E RAPHAEL MALLOGRADOS
EM SEUS PLANOS

Estou em tanto desvairo
Que não me entendo comigo
Donde esperarei reparo ?...
Que vejo grande o perigo
E muito mor o contrario.

BERNARDIM RIBEIRO.

O *Forasteiro* tendo observado que a ordem por elle dada á mai Cyriaca estava sendo cumprida, não se demorára á contemplar o incendio: notára com interior e dissimulada satisfação que Leonel, embora testemunha muda da scena que se passava, parecia manter-se nesse posto certamente para proteger Iveta, e a velha Cyriaca que lhe eram tam caras.

A commoção, e os affectos diversos que superexcitavão as principaes personagens ali reunidas

erão tam fortes, que nenhuma dellas teve consciencia da retirada do *Forasteiro*.

Mas nessa noute mais de uma vez devia achar-se contrariado, e surprehendido por erro de seus calculos, e por opposição não esperada o velho mysterioso, que até então como que tinha o poder de adivinhar e de prevenir o que ainda estava para acontecer.

Nos cuidados de sua prudencia, que deixára em auxilio de Leonel, de Iveta e da mãe Cyriaca, quatro robustos lavradores que moravão em terras da fazenda da *Aldea*, e que erão dedicados ao filho adoptivo da velha dona Constança, o *Forasteiro* déra ao joven, cujos temerarios arrojos mais temia, plausivel e terminante resolução de ir longe executar audacioso projecto.

Leonel, que reconhecera postados perto delle os quatro moradores das terras de sua mãe adoptiva, e que sabia como erão valentes e fieis, fallou-lhes em voz baixa, recommendando a todos e a cada um a mãe Cyriaca e Iveta.

Logo depois dirigio-se a Jorge e disse-lhe :

—Por minha irmã já fiz o que era preciso : o resto da noute pertence a Branca.

—Leonel !.... murmurou Jorge, que se arre-

ceiava do character e do genio exaltado e cegamente audacioso do amigo.

—Posso ir tranquillo, deixando Iveta confiante ao teu amor e á tua lealdade?....

—Por minha noiva e tua irmã respondo-te.

A *mameluca* que em seus arrebatados ardores mostrava ser irmã do seu irmão-velho, apertou-lhe a mão e disse-lhe:

—Vae!.... já devias ter ido!....

E Leonel immediatamente partio.

O que se passou depois de extinto o incendio das lavouras de Claudio Góes já ficou relatado. O velho avarento repellira e amaldiçoára o filho dedicado; mas Deos conduzira Jorge, Iveta e a mãe Cyriaca ao sitio do Tingidor, onde o Forasteiro tinha de encontral-os á meia noite.

Mas foi só depois da meia noite que Jorge, Iveta e a mãe Cyriaca puderão chegar ao sitio marcado para o encontro.

E o *Forasteiro* não estava lá.

Teria elle chegado no prazo que marcára, retirando-se cansado de esperar?....

Acazo não tinha ainda chegado?.... mas o velho mysterioso não mentia nunca á promessa ou á intimação que fazia.

Jorge e a mãe Cyriaca ficarão velando á espera.

Iveta matára a fome, saciára a sêde, e sob o tecto protector, suave, delicioso da caza de sua mãe adormecera feliz e tranquilla, dormindo o somno dos anjos.

Mas além do *Forasteiro* que não chegava, onde poderia estar?... que fazia Leonel?...

A mãe Cyriaca já apagada a raiva, em que furiosamente se inflammára pelo rapto e pelas horriveis idéas do sacrificio da filha, se entregava toda a vivissimos temores pela sorte do amamentado em seus peitos.

Leonel não tinha pensado nem jámais admitiria que fosse crime o facto que pretendia realizar.

Mas os meios?...

Elle sabia apenas que Branca estava reclusa em uma sala contigua á capella da fazenda de Raphael.

Parecia-lhe que isso lhe bastava : Iveta tinha-lhe dado a chave de uma das portas da capella, e isso era o essencial.

Penetrando na capella, Leonel contava achar facilmente a sala, onde Branca gemia encerrada e então libertar a donzella, e trazel-a para

o abrigo calculado seria, no seu conceito ao menos, obra de facil execução.

Além dos riscos, da imprevidencia de contrariedades, e de toda a extravagancia, e provavel impraticabilidade de semelhante projecto, o imprudente mancebo tomára por gloria, e por ponto de honra de seu amor executal-o sem concurso de quem quer que fosse.

Ainda mais; abalançava-se á tanto não sómente só, como apenas armado de uma espada: e todavia não ignorava que h'ia penetrar alta noute na caza de um inimigo que ali podia matal-o impunemente.

Mas o proprio perigo era um incentivo para o romanesco e impetuoso Leonel.

Tendo chegado ás proximidades da fazenda de Raphael um pouco antes das onze horas da noute, tratou o mancebo de espreitar a caza e as senzalas dos escravos.

Na caza era profundo o silencio.

As senzalas parecião dezertas; mas ao longe, em uma extremidade do campo, que era grande, distinguia-se luz em alguma palhoça de pobre gente sujeita á fazenda, e ouvia-se distinctamente o som dos grosseiros instrumentos, e o

canto não menos rude, que acompanhavão a dança dos escravos.

Leonel então lembrou-se de que o dia era sabado e que os escravos, como de costume (naquelle tempo) saudavão ou aproveitavão a vespera do domingo que era delles, entregando-se ao fervor do *fado* (nome generico das suas dansas) e á sêde febril da agoardente.

Dous cães ladravão á porta da caza da fazenda: Leonel os provocou distanciando-se, e esperando-os na cinta branca da estrada, que atravessava o campo, afim de que os latidos em tal ponto indicassem passageiro ou viajante: lá caçador amestrado, e portanto habil em impôr-se aos cães, em vez de atacar os que o atacavão, chamou-os, e attrahio-os, ameigou-os, deu-lhes depois pitança que calculadamente trazia para dominar os unicos inimigos de que se arreceiava, como assignaladores de presença suspeita, e tendo com esforço paciente, e ameigador tornado as ruidosas sentinellas senão amigas ao menos tolerantes e inoffensivas, avançou resolutamente, mas á passos grados em direcção á capella, entretendo e afagando sempre os feis animaes, que assim illudia e aquietava.

A capella tinha duas portas que abrião para o

campo: a principal ou a do fundo, que era aquella por onde entravão os devotos no dia de *missa*, e nas noutes de *terços*, de *novenas*, e de *preces*, e a lateral que era a da sacristia, a porta do capellão.

Da sacristia duas chaves havia: uma que se confiava ao capellão, e que o padre Christiano restituira á Raphael na noute em que fôra despedido por não querer abençoar sacrilegamente o casamento forçado de Jorge e Branca, e uma outra que Raphael guardava, e em cujo desapparecimento não tinha feito até então reparo.

Essa chave levemente subtrahida era a que estava em poder de Leonel.

Sem absoluta necessidade da informação; mas para menos obscuro conhecimento do theatro, alias sagrado, em que tem de passar-se a scena ultimadora desta triste historia, convem conhecer a capella e suas dependencias.

A grande caza da fazenda termina ao lado direito com a capella, cujas duas portas exteriores já ficárão marcadas.

A capella acabava á direita com uma meia agoa, ou tecto de lance chegado até o meio do edificio, que era a sacristia: do lado esquerdo largo corredor separava as limitadas dependen-

cias e a escada do modesto côro, de uma sala que servia de entrada e como de descanso, e que era de comunicação immediata para a tribuna reservada á familia do nobre e imponente fazendeiro.

O largo corredor hia em muito bre ve distancia acabar na porta, que unia e ao mesmo tempo separava, como tectos de mister e de sentimentos distinctos, a capella da caza de vivenda.

Era na sala contigua á tribuna da familia que Branca vivia desde alguns dias encerrada, tendo Raphael trancado tanto a porta do corredor, como a que se abria para a tribuna.

Branca estava pois incommunicavel em sua reclusão. Somente Alda, que podia uzar do illimitado privilegio da chave do corredor communicante com 'a caza, poderia fallar a Branca, e entender-se com ella atravez da porta trancada ; Alda porém já não tinha memoria, nem consciencia dos factos que observava, passados poucos minutos depois da observação.

Raphael concedia por amor e por piedade e sem receio nem precauções o lenitivo e a consolação que a infeliz esposa demente achava nas suas orações solitarias na capella.

Agora cumpre voltar á Leonel.

O estouvado e temerario mancebo, tendo chegado á sacristia da capella, não se conteve mais: lançou aos cães o resto da pitança de que se munira; e emquanto elles a devoravão, já muito menos desconfiados, abriu a porta tão de manso, quanto poude, e entrando passou a chave, e trancou aquella por dentro.

Apenas voltou a cabeça, Leonel distinguio luz na capella, e avançou cauteloso; já porém contando encontrar a poucos passos sua bella amada.

Tocando a porta interior que da sacristia dava entrada para o seio da capella, o mancebo apoiando-se em um dos portaes, e por não calculada, mas instinctiva precaução deixando seu corpo na sombra, estendeo e dobrou o pescoço e vio...

Encostada a um tocheiro, estava de joelhos uma mulher toda vestida de branco, tendo magnificos cabellos cahidos em desordem pelas costas.

Não era possivel ver-lhe e menos distinguir-lhe o rosto.

Essa mulher ajoelhada dobrava-se um pouco pela cintura, curvando-se para diante, e com um braço apoiado no tocheiro, tinha o rosto cahido

entre as mãos espalmadas e murmurava baixinho e anciosa uma oração que sem duvida subia ao céo.

Quem poderia ser a mulher que ali resava tão solitaria e á taes horas, senão Branca, a triste reclusa da capella, a victima da prepotencia de Raphael?... o precipitado, o imprudente mancebo vio immediatamente, reconheceu na graciosa figura da mulher ajoelhada, de cabellos desgrehados e toda vestida de branco, o mimoso objecto de seu primeiro e arrebatado amor.

Leonel tão prompto na accção como no pensamento não hesitou, e ainda menos reflectio ; lançou-se para aquella á quem suppunha Branca, dizendo á meia vóz :

—Eis-me aqui ! venho libertar-te !...

A mulher ajoelhada cahio de bruços no mais vivo tremor...

Leonel levantou-a em seus braços, e tendo-a posto em pé encararão-se ambos...

—Jesus !... exclamou a mulher, recuando um passo e como espavorida á olhar o mancebo com olhos desvairados.

Leonel recuou tambem, reconhecendo a esposa de Raphael.

Mas tudo isso foi obra de momentos: quasi logo

ou logo dez homens armados de espadas cercarão Leonel, que alias animoso e impavido se pôz em guarda sem tremer em face do perigo.

—Agarrem-no!... bradou Raphael; é um ladrão!... agarrem-no!...

Ao nome *ladrão*, Leonel atirou-se como um leão sobre Raphael; mas dez pontas de espada o separarão d'elle.

—Matem-no!... exclamou Raphael que recuára ao bote do leão.

—Terão de matar á dous! bradou ameaçadora e terrivel a voz de um homem que envolvido em negra capa avançou do fundo da capella.

Era o *Forasteiro*.

Ao soar dessa voz Alda soltou pungente grito e cahio outra vez de joelhos, repetindo convulsivamente:

—Misericordia! misericordia!..

Raphael no primeiro instante foi tomado de sobresalto; logo porém em requintada furia, e com o rir feroz, que preliba o sangue e o gozo de atroz vingança, gritou aos seus:

—Prendão! segurem os dous ladrões! e se elles resistirem, matem-nos aqui mesmo!..

A espada de Leonel e o terçado do *Forasteiro* brilharão á luz do tocheiro; Raphael levantou o

braço erguendo na mão direita uma pistola já engatilhada, o combate desigual rompeu em primeiro ataque repellido pelos dous, quando ao mesmo tempo outra voz inesperada, vinda também do fundo da capella, clamou severa e potente :

—Suspendei-vos, sacrilegos !...

Todos olhárão e virão chegar agitado, mas ainda assim gráve, e imponente o velho e venerando vigario da freguezia.

Raphael adiantou um passo para encontral-o e fallar-lhe.

O padre, e venerando pastor da parochia comprehendendo o movimento e a intenção de Raphael e disse-lhe com voz firme :

—Nem uma só palavra antes de desfeito o aggravo que todos estais fazendo á Deus, no desrespeito e sacrilegio de sua caza !...

E em tom ainda mais alto, mais severo, e quasi ameaçador :

—Sacrilegos !... retirai, recolhei arrependidos essas armas impias e profanadoras ! ..

Raphael já tinha desarmado e escondido a pistola, e seus cumplices ou antes feitores e escravos armados largárão no chão as espadas enquanto o *Forasteiro* e Leonel embainhavão as suas.

Quando no fim de um momento, que tanto

duraria esta acção geral, voltárão-se todos para o vigario que se tinha deixado immovel no lugar donde fallára, virão Alda de joelhos, mãos postas e fronte cahida para o chão aos pés do velho padre, que, commovido e piedoso, espalmára de leve a mão direita sobre a cabeça da mizera senhora e lhe dizia em voz baixa palavras ungidadas de fé, de esperança e de caridade.

XI

EXPLICAÇÃO DOS MALOGROS

Eu estava bem longe de imaginar o que tinha de encontrar aqui ; e nem esperava ver, o que estou vendo.

LOPO DA VEGA.

Era facil de pensar, e muito mais de receiar-se o máo resultado da empreza de Leonel, que tam insensatamente confiava tudo da sua intrepidez e cego arrojo, e tudo esperava da fortuna: um cego pela temeridade á contar sómente com o concurso e a direcção de uma cega, não admira se tropeça e cahe no caminho, e ainda é muito, quando não se precipita no abysmo.

Mas o *Forasteiro*, o mysterioso personagem, como que providente e infallivel tinha chegado ao seu dia de engano, e de calculos fallhos.

Já em seu plano de libertação de Iveta passára

por desillusão, aliás não adversa nas consequencias vendo-se desobedecido e prevenido pela mãe Cyriaca, a incendiaria por impetos e desespero de amor maternal.

Enganava-se ainda contando com a protectora assistencia de Leonel junto de Iveta deixada á seu lado em face do incendio, assistencia que elle calculara bastante para deixar-lhe livre e só d'elle a hora de meia noite emprazada para a sua conferencia com Alda na capella da fazenda de Raphael.

O *Forasteiro*, que conhecia bem o genio, o character, as virtudes e os defeitos de Leonel, e que já o sabia possuidor de uma chave da d'aquella mesma capella, adivinhára facilmente que o impetuoso e irreflectido mancebo resolvêra ir procurar Branca, penetrando á noite e tresloucadamente o tecto sagrado, onde se dizia estar ella reclusa. Com tanto que Leonel não o precedesse, entrando na capella, tudo lhe iria, conforme o que planejára: que elle chegasse, e apparecesse depois, em vez de contraria-lo, poderia muito aproveitar-lhe; mas o supposto retardatario soubera adiantar-se, e chegar á capella um pouco antes da meia noite.

E ainda mais completo desengano, o *Forasteiro*

estava certo de que Raphael n'aquella hora estaria longe de sua casa; e viera encontrar o mesmo Raphael sem duvida á espera-lo na capella, e felizmente á tempo de não faltar o seu soccorro ao desastrado e imprudente Leonel, que cahira em cerco contra outrem indubitavelmente preparado.

O *Forasteiro* tinha errado por não ter em seus calculos contado com a idade, com o egoismo e com a influencia do amor da vida, e sem os estragos do sentimento, do brio e do orgulho, que a passagem de longos annos, e os gozos fruidos da fortuna, e a esperanza de mais continuados gozos, deixão e gravão, e fazem predominar no animo do homem que vai envelhecendo, e portanto adorando a vida pela propria idéa da approximação da morte.

O *Forasteiro* conhecêra, e frequentára por certo Raphael na idade da primavera, no ardor dos sentimentos e paixões, nos melindres da vaidade, e nos impetos briosos da juventude.

Na tarde que precedêra á essa noute tão cheia de episodios tremendos Raphael recebera a seguinte carta que André lhe entregára fingindo-se meio espantado :

«Raphael :—Se ainda não o tinhas adivinhado, a minha letra te declara quem é o *Forasteiro*.

Não morri e voltei para vingar-me. A meia noite em ponto me encontrarás no *Outeiro das Pedras*: lembra-te?... foi o lugar da traição e deve ser o do castigo. Vai prompto e disposto; porque é positivo, que um de nós dous ha de lá ficar. Eu estarei só: tu... leva embora contigo tantos, quantos te acompanhárão na noite da infame perfidia. Encontrar-nos-hemos emfim, se é que além de ingrato e traidor, não te tornaste tambem cobarde. »

Raphael amarrotára com raivoso movimento das mãos a carta que lêra, e, rubro de colera, interrogára André sobre a pessoa que lh'a entregára, e a occasião que para isso se dera.

O dissimulado André respondêra a tremer que o *Forasteiro* lhe havia de subito apparecido na estrada, surgindo do mato, e que com ameaças terriveis o obrigára a encarregar-se da entrega da carta.

Preciso é dizê-lo; na carta de provocação e desafio havia dolo e deslealdade; o *Forasteiro* queria apenas desviar de casa Raphael á hora da meia noite; mas não tinha ideia de encontra-lo no sitio apazado: sem duvida havia de procural-o depois como inimigo e cavalleiro; antes porém, era seu intento feri-lo no mais fundo

do coração, como elle tinha sido em annos passados ferido.

O *Forasteiro* tinha por certo que Raphael estaria á meia noute no *Outeiro das Pedras* para bater-se em duello de morte, ou em ultimo caso numerosamente acompanhado de valentes auxiliares para ou prender ou matar o inimigo implacavel que o ameaçava: tinha-o por certo; pois que já elle havia uma vez mandado prendê-lo ou assassinal-o na gruta da floresta, e porque então com o perfeito conhecimento da sua pessoa terião de fazer erupção o odio velho, uma nova e violenta paixão, e talvez ou certamente o medo de inflexivel vingança.

Mas o *Forasteiro* illudia-se.

Nos primeiros impetos de sua colera Raphael foi passando da idéa generosa e nobre do duello leal á meia noute e na solidão ao calculo do emprego da força do dez ou vinte homens decididos e cegos obedientes para ou entregar preso á justiça de autoridades de que elle era o potentado dominador da parochia, ou ainda mesmo matar impunemente o terrivel inimigo que o ameaçava com tanta audacia; mas pouco e pouco reflectindo e combinando circumstancias, lembrou, elle sabia porque lembrava, a aggra-

vação repentina dos soffrimentos de Alda, os terrores, e as orações da esposa como que obrigadas á hora precisa da meia noute na capella, lembrou aquelle canto de tropeiro, que a tinha feito desmaiar, e que depois ella repetia a meia voz, mal distincto, quasi em segredo da alma em seu triste viver de allucinações suppostas, ou de reaes torturas pela imposição de crueis lembranças do passado que a vingança, ou, peor do que a vingança mais atroz, outro sentimento ultrajador do esposo reacendia no coração da infeliz martyr.

Raphael que a mava Alda, e que tambem forçosamente lembrava o passado, vio em Alda, na pobre victima quasi demente o ponto objectivo de todos os projectos do *Forasteiro*, e com instincto de rival, e de odio e feroz inimigo contou muito mais com a meia noute na capella, do que no *Outeiro das Pedras*.

Essa hora da *meia noute* era para Raphael a do prazo sinistro, e de recordação dissimulada, mas cruelissima.

Elle jurou á si mesmo que á *meia noute* não estaria fóra de sua casa, e ainda menos descuidado do que poderia passar-se na capella de sua fazenda.

Desconfiado de André, mandou-o postar-se desde as onze horas da noite no *Outeiro das Pedras*, levando por unica resposta ao Forasteiro estas breves palavras :

« De dia onde quizeres, nós dous á sós, e a morte para um dos dous: marca o lugar, e a hora. »

Despedio André nessa commissão meia hora antes da meia noite, fazendo-o acompanhar por homem de sua confiança e dependente seo, como empregado na fabrica da fazenda.

André teve de obedecer e não pôde achar meio de prevenir ao *Forasteiro*, do que se estivera passando na casa de Raphael, e que lhe causára serios temores.

Com effeito Raphael reunira o feitor e o aguardenteiro, mandára chamar quatro robustos lavradores vizinhos, seus compadres e afilhados pobres, moradores das suas terras, trancára-se com elles em casa retendo n'ella ainda alguns dos seus escravos escolhidos entre os mais feis, valentes e menos estupidos, ao mesmo tempo que, sabendo do *fado*, á que se foi entregar a numerosa *escravatura*, e ouvindo o ruido da festança rude e grosseira, não mandou pôr-lhe fim, e recolher seus captivos.

André desconfiou muito de tudo isso ; mas sob os olhos de Raphael, até que perto das onze horas da noite foi despedido com sentinella á vista; submetteo-se á força maior.

Raphael cercado de auxiliares decididos e cegos instrumentos de sua vontade esperou sinistro a hora da meia noite : vio com raiva e dôr profunda Alda passar diante d'elle em direcção á capella ; fez rebentar a fechadura da porta que ella trancára, como costumava, e foi com a sua gente armada postar-se de espreita.

Elle tinha ouvido e notado o latir, e os signaes do acommettimento dos cães, e os indicios da braveza domada ; mas não procurára averiguar a causa, e antes sorrira terrível, indiciando adivinhá-la.

Raphael esperava com a tentação do demonio no coração, e com horrível peso na consciencia : com a consciencia do passado e ciume atroz no presente.

O que succedeo, já ficou dito.

Mas nem o *Forasteiro*, nem Raphael, e muito menos o impavido e desastrado Leonel tinham podido sonhar com a intervenção inesperada e muito opportuna do velho e venerando padre, vigario da freguezia.

A Providencia manifestada nos estremecimentos e na afflictiva exaltação do mais puro e energico dos amores santos fizera apparecer á tempo aquelle soccorro, como que milagroso.

A velha dona Constança sciente da empreza arriscada á que se arrojava o *Forasteiro*, nas torturas do seu santo amor, e de bem fundados terrores, atraioára a confiança do segredo, e fôra em ancias pedir conselho, auxilio, intervenção ao velho e piedoso padre, pastor do rebanho de Christo naquella parochia.

Constança procurára o soccorro de Deos na pessoa do sagrado ministro: voára nas azas da fé, e Deos não faltára á velha dona, que com profunda fé o deprecára.

O padre e venerando vigario tinha apparecido á tempo e com o seu poder moral, e sua influencia benefica e magestosa dominava a situação violenta, e formidavel.

Era o anjo da paz e do perdão surgindo potente no impeto do combate, e no campo marcado para a morte.

Isto foi naquelle tempo.

XII

Ai! coitada de ti! ai triste! triste!
Que não mereces tu a cruel morte
Que assi te vem buscar,

FERREIRA — *Castro* — Tragedia.

Tres grupos distinctos na capella.

À esquerda Leonel, joven cheio de flammæ nos olhos e na face, franco, expansivo e ainda quasi ameaçador em sua forçada e respeitosa continencia em face do vigario : á seu lado o *Forasteiro* á esconder com o braço e com a capa negra metade do rosto que era espelho da alma ; mas deixando á vista e á lampear olhos de fogo, onde a paixão ardia, despedindo lavas.

À direita Raphael um passo além dos seus sequazes, que promptos á obedecer á suas ordens em semicirculo se apertavão á olhar tambem para o padre, que tinha imperio sobre suas conscien-

cias, e Raphael contrariado, furioso; mas dominado pela força moral e pelo prestígio do velho padre, cuja voz tinha o poder de delegação divina.

E entre a direita é a esquerda, no fundo da tremenda scena, entre dous odios o perdão e o martyrio, a figura do vigario, do qual alvejava a cabeça com as cans da velhice, e negrejava o corpo na simples e grave batina, e a figura da senhora, que, de joelhos, se agarrava ás vestes do padre, como ás azas de um anjo salvador, e que toda vestida de branco tinha negros os cabellos soltos e em desordem.

Depois de breves minutos de silencio só perturbado pelo murmurar abafado da resa interminavel de Alda, o vigario perguntou com voz triste mas já serena:

— Que quer dizer isto, meus filhos?...

Raphael respondeo:

— Senhor vigario, vossa reverendissima o está vendo; dous inimigos meos penetrarão de noute e á horas mortas em minha casa: tratei-os e ia tratá-los, como era de meu direito, porque si não são ladrões, não escapão de ser assassinos intenciosos.

O Forasteiro segurava com força o braço de

Leonel, que em uma exclamação de raiva rugira ao insulto.

— Inimigos eu os supponho, disse o padre; condemnaveis pelo seu proceder ambos o são por certo; mas assassinos intenciosos, não, senhor Raphael; ha nesta injuria um grande peccado de que vossa mercê se deve arrepender.

— E elles?...

— Offenderão sem duvida as leis d'El-Rei e ainda mais as leis de Deos Nosso Senhor nas intenções com que penetrarão nesta capella: perante a justiça d'El-rei, senhor Raphael, vossa mercê procederá, como quizer; mas em nome da justiça de Deos eu vim aqui para aconselhar arrependimento, perdão, paz, e fraternidade.

— Impossivel! exclamou Raphael.

— Impossivel! disse o *Forasteiro* com os dentes cerrados.

O vigario cruzou os braços e tornou, dizendo á ambos:

— Fallarão em um e outro o orgulho e o odio: eu não os absolveria em acto de confissão.

— Paciencia; respondeu Raphael; mas.

O padre o interrompeo:

— Paciencia, digo eu, meo filho; não posso

harmonisal-os, paciencia ; certo é porém, que não ha de correr sangue aqui... e que aquelles dous homens vão retirar-se commigo...

— Senhor vigario, vossa reverendissima não póde impedir que eu faça prender dous malfeitores que se introduzirão em minha casa!... sinto declarar que elles ficarão em meo poder para que amanhã eu os entregue á justiça.

— Senhor vigario ; disse Leonel, rindo sinistramente ; peço á vossa reverendissima que nos deixe á mercê daquelle senhor !

— Cala-te, murmurou o *Forasteiro*, que não largava o braço de Leonel.

— Mancebo ! disse o padre ; sei que és bom, mas sei tambem que és inconsiderado e violento : corrige-te : com esses defeitos o melhor póde tornar-se o peor dos homens.

E logo, dirigindo-se ao *Forasteiro*, accrescentou :

— Solta o braço desse mancebo : quero ver se elle repete livre o pedido ameaçador que me dirigio.

— Perdão, senhor padre vigario ! balbuciou Leonel curvando-se humilde.

— Senhor Raphael, eis ahi uma lição!... disseo padre.

Em longa e paciente exhortação, e emfim com ameaças de castigo de Deos, imprecado em alta e solemne voz, o velho sacerdote de Christo conseguiu que Raphael já temeroso de desobediencia de alguns dos seos, conviesse na retirada do *Forasteiro* e de Leonel.

Alda não cessára de resar baixinho, e o *Forasteiro* não se envolvera na discussão travada entre o vigario e Raphael; até que este finalmente dominado, exclamou de máo modo:

— Que saião, pois, os malfeitores apadrinhados!...

O *Forasteiro* avançou então um passo para a frente e disse:

— Senhor vigario, eu não sahirei assim.

— Como?... orgulho e soberba ainda?

E depois fallando em tom baixo, disse assim :

— Senhor vigario, a desgraça me embranqueceu os cabellos e deo-me o aspecto da velhice ; mas eu tenho sómente cincoenta e tres annos. Em 1810 eu contava vinte, e então combatendo na cidade contra Duclerc que a atacava, conheci entre os irmãos de peleja esse homem, de quem hoje sou inimigo.

Raphael não protestou.

— A fraternidade das armas, e o conhecimento do berço commum sagrado pela pia da parochia estreitarão nossas relações. Em 1810 novos combates contra Duguay-Trouin : em um delles meu peito de amigo foi o escudo que salvou a vida desse homem.

E o *Forasteiro* com forte impulso das mãos, rasgou a camisa e mostrou no peito nú uma grande cicatriz.

— Cahi, e devo dizê-lo, esse homem me carregou inanimado em seos hombros, e me poupou ao captiveiro, ou a ficar prizioneiro dos francezes.

— Era dever ; disse o padre.

— Não morri, oh !... tivesse antes morrido !... tornei-me mais do que amigo, irmão desse homem : em Itaborahy, nosso patrio bairro, nosso

doce campanario para onde nos recolhemos, chamavão-nos — os dous irmãos.

O *Forasteiro* cedeu á erupção da colera, e encarando Raphael, perguntou-lhe com raiva:

— Lembras-te?...

O vigario disse tranquillamente:

— É só a mim que deve dirigir-se, confessando-se: prosiga.

— Correrão annos... quasi oito annos, senhor vigario, até que um sentimento novo e inextinguível se apoderou de mim... oh! amei!... amei e fui amado! amei essa infeliz senhora que está ajoelhada á seus pés!...

O padre estremeceo.

— Miseravel!... exclamou Raphael.

— É verdade!... eu sou criminosa!... murmurou Alda.

E começou á soluçar.

— Senhor vigario, se esse insolente velho continua á fallar, eu o mato diante de vossa reverendissima!...

O padre dirigio a palavra ao *Forasteiro*.

— Meu filho! saiamos: ha aqui dous sentimentos que cumpre respeitar; o pudor de uma senhora, e o pundonor de um marido: qualquer

que tenha sido o passado, Deos sagrou os laços que unem os dous esposos. Saíamos...

— Não sahirei, senhor vigario !... é indispensavel que hoje e aqui mesmo se decida...

Uma voz interrompeu o *Forasteiro* : era Alda que cantava :

O gallo cantou tres vezes
Meia noite já chegou ;
Pensei que amor me esperava,
E á traição me apanhou !

Raphael torcia as mãos com desespero, ouvindo no canto o signal da dôr vehemente, e tambem da demencia de Alda.

O padre perguntou commovido ao *Forasteiro* :

— E não tem compaixão?...

— Se a tenho !... é por isso mesmo que fallo... é porque eu posso dar-lhe a unica consolação que a salvará !...

— Sim... sim... sim !... murmurou Alda.

— Senhor vigario, tornou Raphael ; juro que matarei o infame !

— Em nome de Deos, meos filhos !

O *Forasteiro* fallou impavido.

— Fatal inimizade de nossas familias contrariou o amor verdadeiro e puro que deveria felicitar-me ; mas... esta senhora e eu... resistindo

á essa desdita... soubemos achar meio de encontrar-nos, e fallar-nos...

Leonel curioso, palpitante, mas álferta conservava os olhos fitos em Raphael e não perdeu um movimento que elle fez, levando a mão ao peito.

— Basta ! disse o vigario.

— Não ! não ! que elle falle!... balbuciou Alda que cada vez escondia mais o rosto.

— Vossa reverendissima já o sabe, já m'ouvio em confissão uma vez ; eu sou Raul, o filho de dona Constança...

— Oh !... exclamou Leonel.

— Venci a opposição de minha mãe e pedi em casamento a menina amada, menina, sim, ella tinha dezeseis annos : fui repellido : apezar disso ou com isso nosso amor inflammou-se ainda mais. Eu encontrava minha desejada noiva em um sitio que demorava á beira do campo da fazenda de seus paes, e onde vivia pobre velha que fôra sua ama secca.

— É de mais ! bradou Raphael.

— Tudo ! tudo !... gritou como em delirio Alda que chorava.

— Misericordia, meu Deos ! disse o padre que já não atinava com o que devesse fazer para impedir imminente catastrophe.

O *Forasteiro* continuou á fallar :

— Depois da cruel repulsa, raros se tornárão os encontros no sitio da velha ; porque os paes da menina Alda a tinham quasi sempre distanciada, confiando-a aos cuidados de familia amiga possuidora da fazenda, onde estamos. A imprudencia, e os impetos do amor zombárão desta contrariedade, e uma chave falsa que ainda possuo, me dava entrada para esta capella, em cujo seio á meia noute em ponto se reunião os dous amantes para verem-se, e rezar, pedindo, implorando a graça de sua união nupcial. Oh, senhor vigario ! eu juro que nesta capella a pureza do amor nunca foi desmentida !

O *Forasteiro* interrompeo-se ; mas logo proseguio com abafada colera:

— E quer saber, senhor vigario?... desse amor santo na capella, mas em hora de desvario já... cahido... e impuro... nas solitarias conferencias do sitio... eu tinha um confidente, era esse homem, era Rap...

Nesse instante rebentou um tiro...

Foi um tiro perdido : Leonel tinha visto a pistola engatilhada sobre o *Forasteiro*, e de um salto lançára-se sobre Raphael, levantando-lhe o braço e a mão que dirigião a pontaria.

A bala foi cravar-se no tecto da capella e Raphael rechaçado com violencia combaleou até esbarrar na parede.

— Jesus!... clamára o vigario.

Raphael correu logo á porta lateral, bradando:

— Soccorro! acudão-me!

— Que venhão todos, e todos ouvirão tudo, tudo que me resta á dizer!... que venhão todos! exclamou o *Forasteiro*.

A gente de soccorro vinha chegando; mas immediatamente Raphael gritou desesperado:

— Retirem-se!... afastem-se!... afastem-se para longe!... retirem-se!...

E lançando-se para o vigario, disse-lhe com voz consternada:

— Oh, senhor padre!... isto é horrivel e abominavel!... poupe-me á estas torturas!... isto é escandaloso e infame!...

— Não; respondeu o vigario; eu creio que isto é castigo de Deos; submetta-se e espere.

Raphael recuou confundido, e encostou-se em abatimento visivel á um canto da capella.

— Que falle mais! que falle mais!... repetia entretanto Alda indifferente ao tiro, ás exclama-

ções, e ao ruído, que aliás devera tê-la espantado.

Leonel tinha os ouvidos na boca do *Forasteiro* e os olhos em Raphael, de quem tomára a pistola.

O *Forasteiro* ou Raul proseguio, dizendo:

— Aquelle homem, o meu amigo, que me devia a vida, e larga cicatriz em meu peito, Raphael, o meu confidente, que estava no conhecimento da fraqueza da minha amada, e de superveniente e natural consequencia denunciadora viva de seu erro, vira, apaixonára-se tambem pela infeliz, e traidor e perverso aconselhára-me, e levára-me á tomar como recurso para maior segurança de meus encontros nocturnos e á meia noite nesta capella, o habito negro de frade, que amedrontaria os curiosos, e espalharia noticia de apparições sobrenaturaes e aterradoras. Cahi no ardil, e na traição por cega confiança na amizade. Em prazo dado eu encontrava á noite Raphael no *Outeiro das Pedras*: era elle que alli me levava o habito negro de frade franciscano, e que alli me esperava para retoma-lo e guarda-lo.

— Oh!... oh!... exclamou Alda como espantada da revelação.

— Ah, senhor vigario! com effeito o habito

de frade, e a noticia logo corrente da terrivel apparição nocturna me livravão de encontros e talvez de indiscretas espreitas. Eu abençoava a idéa insidiosa de Raphael; a maior afflicção porém já me consumia. Alda, a pobre menina, a minha amada victima, não podia por mais tempo dissimular o seu estado. O casamento com a benção e o perdão de seus paes não era ao menos calculavel: só havia um recurso, fugir com Alda e ir desposal-a tão longe, que a perseguição não pudesse apanhar-nos. Oh!... o meu confidente approvou meu plano, e decidio-se entre nós que na proxima noite o *frade* iria á meia noute á capella.

O padre escutava á tremer, Leonel profundamente agitado parecia pender dos labios do *Forasteiro*, Raphael se estorcia furioso, mas dominado, e Alda soluçava, gemia, e esperava em ancias....

— E o frade foi á capella... a victima de amor aceitou o recurso, e a fuga foi marcada para a noute seguinte; mas ao chegar de volta ao *Outeiro das Pedras* vi-me cercado por muitos homens que se lançaram sobre mim, e achei-me preso em nome do Santo Officio!!! ah, senhor

vigario, ao lado de um padre que me intimára a ordem tremenda, estava Raphael!...

— Oh!... elle!... disse o padre espantado.

— Infame!... disse ao mesmo tempo Leonel.

— Meu Deus!... eu não sabia!... nunca o sube!... exclamou Alda.

E logo, e como se ferida pelo golpe daquella verdade, voltasse á perturbação de suas faculdades mentaes, ella cantou chorando:

O gallo cantou tres vezes,
Meia noite já chegou ;
Pensei que amor me esperava,
E a traição me apanhou !

Foi indizível a impressão produzida por esse canto da victima, que ajoelhada se prendia á sua cruz.

O proprio Raphael clamou de longe donde estava :

— Alda! Alda!...

As lagrimas rebentáráo dos olhos do padre e de Leonel: o *Forasteiro* vacillava enternecido...

Alda, porém, murmurou logo em tom sollicitante :

— Falle! falle!... falle!...

Éra já caridade o fallar.

— Falle! prosiga! disse o padre ao *Forasteiro*.

— Minha nobre e estremecida mãe guardava no coração todos os meus segredos, e muito estimada da familia Almeida, um de cujos mêmbrs era proprietario desta fazenda o *Varzea*, onde Alda vivia distanciada, e como que desterrada por seus odientos paes, cuidou de mim, cuidando daquella que eu amava... ah, senhor padre! a murmuração dos máos, soube para morder venenosa, e Raphael, e os paes de Alda souberão, que esta, tres mezes depois da minha prisão, dera á luz um filho que morrera apenas saído do ventre materno, e a pobre Alda chorou tambem seu filho morto!...

O *Forasteiro* interrompeu-se ahi.

— Falle! falle!... disse em voz mais alta, e anciosa Alda, que levantára e mostrára o rosto banhado de lagrimas.

— Falle!... disserão á um tempo o padre e Leonel.

— Eu fallo: longos e dolorosos annos gemi nos carceres da inquisição: soffri horriveis torturas, e vi de perto a fogueira, que devia queimar o falso frade. A influencia e a riqueza de minha familia derão-me emfim a liberdade.

Oh! forão então mais crueis os meus tormentos!... sube que, cedendo á prepotencia e á perseguição de seus paez, Alda se sub:nettera á dar a mão de esposa á Raphael!... dous odios me absorverão a alma, e duas vinganças me fizeram voltar de Portugal para o Brazil.

— E que mais? perguntou Leonel.

— Tu me salvaste a vida, mancebo, correndo sobre os salteadores que me atacavão na floresta do Gambá.....

— E que mais?...

— Eu sube que amavas Branca, e que Branca, a tua felicidade, dependia de Raphael, o infame!...

— E que mais?...

— Sube, vi, reconheci que Alda não era miseravel mulher sem sentimento, mas desgraçada martyr á morrer aos poucos em desalento do coração, em desordem de ideias, e na memoria algoz, que lhe aviva o passado!

— Oh!... sim!... gritou uma voz sahida da consciencia.

— E que mais? perguntou Leonel com ardor crescente.

O *Forasteiro* fez esforço supremo para suffocar e vencer a commoção que se apoderava de seu

animo e lhe fazia tremer a voz. Depois de um momento de silencio, disse:

— Eu trazia commigo duas vinganças á saciar: senhor padre, confesso, eu vinha matar um homem e uma mulher, o traidor e a perjura; Raphael e Alda; mas, chegando á minha terra, e á terra do meu amor e dos meus odios, perdi a furia da vingança, contra a mulher; porque em vez da perjura encontrei nella a martyr: por isso mesmo a outra vingança em dobro se inflammou: Raphael vive ainda, porque demorei-me alguns dias em concertar plano seguro para attrahi-lo á meia noute ao *Outeiro das Pedras*, ao lugar da traição perversa, onde eu queria mata-lo aos poucos, com refinamento de crueldade, e com infernal gozo e satisfação de sanha de tigre!...

— Peccado abominavel!... exclamou o vi-gario.

— Oh!... é sem duvida assim, e Deus não quiz o que eu determinára: ainda essa vingança abateu-se diante do amor de... Leonel e de Branca, que é sobrinha e pupilla do homem que detesto: sacrifiquei meu desejo ardente, minha sede febril de matar com as chammass dos meus olhos, com o bramir da minha voz,

e com as minhas mãos o ingrato, o traidor e o infame; mas o odio inspirou-me outra especie de vingança: resolvi, e exijo, e imponho agora e aqui em face de Raphael, o que eu vinha esta noute executar em sua ausencia. Sim! eu não quero que Alda, a mulher que amei e amo, e que amou-me, foi minha, e nunca me esqueceo, continue, não á viver, mas á ir morrendo em companhia do seu assassino.

Raphael saltou como embravecida féra, atirando-se para diante do *Forasteiro*; mas não pôde fallar, e apenas mostrou os dentes cerrados, e os olhos em lavas de vulcão.

O padre interveio.

— Só Deus tem o poder de descasar os casados; disse elle.

— Mas eu imponho! tornou o *Forasteiro*; esse homem fatal teve e tem talvez ainda, amor não, paixão sensual pela mais bella das creaturas: a minha vingança se contenta com a separação de Alda e de Raphael: o que eu vinha executar esta noute, exijo ainda: Leonel desposará Branca; mas antes disso e hoje mesmo Alda, a pobre martyr, ou partirá para recolher-se á um convento de freiras, ou, melhor, irá viver, antes tornar á vida, morando longe, separada

de Raphael, vivendo com quem pôde sem deslustre viver..... sim!... porque o filho de Alda... meu filho não morreu!... vive!... está....

— Viver com meu filho!!! bradou Alda, levantando-se sublime.....

— Ah!. minha mãe!... gritou Leonel atirando-se aos braços que Alda lhe abriu instinctiva e exaltadamente.

— Meu filho! meu filho! meu filho!... exclamou a pobre mãe abraçando e beijando com fervor indizível o mancebo.

— Sim! disse chorando o *Forasteiro*; Alda!... Leonel é nosso filho!.....

O *Forasteiro* chorava.

O velho padre chorava também.

Raphael convulso de raiva testemunhava a scena como um condemnado preso ao poste do opprobrio; ardia em ciume, e anciado guardava silencio temendo-se dos ouvidos da gente que sahira da capella, mas que não estava longe.

Mas de subito rompeo do seio de Leonel um grito de angustia, e logo vio-se o corpo de Alda abandonado e inerte nos braços de seu filho.

Acudirão todos; que podem porém homens contra a morte que chega inexoravel?

Alda acabava de morrer.

Ella tinha expirado feliz ou ao menos consolada, exhalando o ultimo alento em beijo santo e purissimo dado em ancia extrema na fronte de seu filho.

CONCLUSÃO

A intervenção poderosa do piedoso e venerando parcho, da parte de Raul o empenho pela felicidade de Leonel que amava Branca, da parte de Raphael o temor da publicidade de seu indigno proceder, e das nodoas de sua vida, desarmarão os intentos e resoluções de vingança sem que comtudo apagassem, nem arrefecessem os odios dos dous inimigos.

Raphael e Raul não tornarão a encontrar-se.

Seis mezes depois da tormentosa noute em que Alda morrêra, celebrarão-se no mesmo dia dous cazamentos, o de Leonel e Branca, e o de Jorge e Iveta.

Claudio Góes negou-se absolutamente á acompanhar o filho no acto solemne de sua união

nupcial com a *mameluca*; mas conviera em não negar a benção á Jorge sob a condição á que este se sujeitou, de não exigir a entrega da legitima materna durante a vida do pae.

Raphael passou o resto de seus annos abatido, sombrio, talvez devorado de remorsos, e em isolamento á que se condemnou.

O *Forasteiro* abandonou a gruta da floresta, e viveo um anno inseparavel de Leonel na fazenda de sua mãe, a velha Constança; com energia potente conseguiu por amor da familia, dissimular a dor profunda, e a melancolia acerba que a morte de Alda tinham-lhe deixado no coração; quando porém se foi approximando o dia anniversario do lugubre caso, não poude mais: suas forças foram-se abatendo sem causa apparente e veio logo a prostração invencivel preannunciar o eterno descanso.

Na manhã do dia do anniversario fatal Raul preparou-se para morrer como bom christão, mandando enfim pelo velho e piedoso vigario o seu perdão de moribundo á Raphael.

Á meia noute em ponto abraçou sua velha mãe, seu filho, e Branca que se tornára tambem sua filha, e despedio-se dos escravos que o tinham servido, á quem deixava liberdade e beneficios.

Logo depois sentindo que lhe ia faltando a voz, apertou com ardor a mão do filho, e disse-lhe :

— Leonel !... ao pé della !...

E expirou.

Leonel comprehendeo e cumprio a ultima vontade, satisfez o extremo desejo de seo pae.

A sepultura do *Forasteiro* ficou junto da sepultura de Alda na capella-mór da matriz de Itaborahy.





